



Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Mestrado em História

Caroline de Souza Rodrigues

**SOMBRAS DA NOITE:
As Mulheres Marginalizadas da Belle Époque Manauara
(1860-1920)**

Manaus

2014



Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Mestrado em História

Caroline de Souza Rodrigues

**SOMBRAS DA NOITE:
As Mulheres Marginalizadas da Belle Époque Manauara
(1860-1920)**

Orientador (a): Prof. Dr^a. Kátia Cilene do Couto

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História

Manaus

2014

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R696s Rodrigues, Caroline de Souza
Sombras da Noite : As marginalizadas da Belle Époque
Manauara (1860-1920) / Caroline de Souza Rodrigues. 2014
135 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Kátia Cilene do Couto
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Mulher. 2. Marginalizada. 3. Belle Époque. 4. Manaus. I. Couto,
Kátia Cilene do II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Dedico essa dissertação a Auxiliadora
Silva de Souza, minha mãe, heroína,
fonte de inspiração, força, que me
ensinou a sonhar, a olhar para frente e
lutar pelas minhas crenças. A ti dedico
minha gratidão e amor eterno.

TERMO DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Kátia Cilene do Couto
(UFAM – Orientadora)

Prof. Dr. Otoni de Moreira Mesquita
(UFAM – Membro)

Prof. Dr^a. Fátima Weiss
(UFAM - Membro)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| AGRADECIMENTOS_____ | 07 |
| RESUMO/ ABSTRACT_____ | 10 |
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS_____ | 12 |
| | |
| CAPÍTULO I: Um Século que Nasce e a Ascensão do Corpo_____ | 21 |
| | |
| 1.1 Corpo – Cidade: Um Quebra- Cabeça Social_____ | 26 |
| 1.2 Reflexos Indesejados: A Margem que Confronta_____ | 36 |
| 1.3 Mulheres Percebidas e Negadas_____ | 45 |
| | |
| CAPÍTULO II: Imagens e Reflexos: Manaus no Apagar das Luzes do Século XIX_____ | 56 |
| | |
| 2.1 Entre Olhares: A Manaus que os Viajantes Perceberam_____ | 60 |
| 2.2 A Margem da Margem: Aqui Todos Mandriam_____ | 74 |
| 2.3 Mulheres: Uma Prática, um Olhar, a Vida em Sociedade_____ | 84 |
| | |
| CAPÍTULO III: Crepúsculo do Século XX: Entre a Moral e as Práticas Cotidianas_____ | 94 |
| | |
| 3.1 Um Choque de Moral: O Mal que Vem das Sombras_____ | 99 |
| 3.2 Entre Sátiras e Escárnios: Devassando as Zonas Estragadas_____ | 113 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS_____ | 122 |
| ANEXOS_____ | 129 |
| REFERÊNCIAS_____ | 139 |

AGRADECIMENTO

Sou muito grato as adversidades que apareceram na minha vida, pois elas me ensinaram a tolerância, simpatia, o autocontrole, a perseverança e outras qualidades que, sem essas adversidades eu jamais conheceria minha capacidade

Napoleon Hill

Hoje com o termino da escrita dessa dissertação, consigo compreender porque todos aqueles que me antecederam, professores e amigos com quem dividi minhas dúvidas, expectativas e angustias, a tratam como um filho recém-nascido e me diziam que a prática de seu exercício culminaria em exercício solitário. Mas justamente quando me sentia sozinha, imersa em um caos de pensamentos e sentimentos, pude perceber todos os que estavam a minha volta, dispostos a ajudar nessa árdua tarefa da escrita.

Por isso, primeiramente agradeço a minha orientadora, Kátia Cilene do Couto. Sua aceitação em me orientar, após uma conturbada transição de rompimento e posterior troca de orientadores, foi de suma importância para que as chamas da esperança fossem reacendas em meu interior. Sinalizando com sua singular forma de expressar (com veemência e firmeza) e ao mesmo tempo doce, os caminhos possíveis a trilhar de modo a materializar minhas propostas de pesquisa.

Posteriormente, paciente, sem deixar de ser exigente e criteriosa, direcionou-me no árduo processo de lapidação das palavras, discutindo novas de interpretar a fonte com as quais eu estava trabalhando. Por isso, a minha dívida é em primeiro lugar para com Kátia, que durante esses poucos meses

de parceria acadêmica, tornou-se um verdadeiro norte para a finalização desse trabalho.

E como não agradecer ao professor Otoni Moreira de Mesquita, pelos seus puxões de orelha. Por sempre dispor um pouco do seu tempo, fosse nos corredores do bloco de artes ou nas madrugadas pela internet. Confesso, que sou muito grata pelo empréstimo de seus livros, mapas e artigos, que muito ajudaram na compreensão e na construção da dissertação, quando essa era ainda um simples projeto de submissão.

Agradeço ao professor Sidney A. da Silva que gentilmente aceitou da minha banca de qualificação. Suas sugestões foram de suma relevância, ajudando-me a repensar alguns conceitos durante a confecção do trabalho. Igualmente, agradeço, a professora Maria Luiza U. Pinheiro que prontamente me doou uma versão em PDF de sua obra, **Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**.

Agradeço ainda, a FAPEAM, pelo suporte financeiro a mim concedido, permitindo dedicação exclusiva durante a confecção da redação da dissertação. Assim, como não poderia esquecer da solicitude dispensado por Leno J.B. Souza para com a minha pessoa. Mesmo a distância, Leno, se dispunha em longas conversas para debater sobre os jornais e códigos de posturas da Manaus de antigamente.

Dedico, os meus mais sinceros sentimentos de gratidão aos meus amigos de mestrado pela companhia ao longo dessa difícil jornada, em especial a Gisele Rezk e André Luiz Passos, com os quais dividi angústias originadas no seio do

processo criativo. Onde sua amizade e apoio mostraram-se fundamentais para o cumprimento dessa longa jornada.

E como não lembrar também de Aretha Bittencourt e Oswaldo Neto, que mesmo ocupados com seus afazeres, prontamente disponibilizaram-se a me ajudar na digitalização e catalogação de alguns fragmentos textos e imagens abstraídos das fontes pesquisadas. Deixo aqui meu muito obrigada por toda a ajuda.

E por fim, mas não menos importante, Agradeço do fundo do meu coração a minha família pelo apoio incondicional e por toda paciência dispensada para com o meu ser. Auxiliadora Silva de Souza, Karla de Souza Rodrigues e Keila Silva, a vocês não a palavras que definam meu amor e carinho para com cada gesto de paciência, força e amor que me ajudou a por um ponto final nesse trabalho acadêmico.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar o processo de marginalização das mulheres em Manaus, no final do século XIX e início do século XX, objetivando compreender quais foram os discursos utilizados para justificar a segregação feminina ao espaço privado. Na busca por respostas, caminhou-se em direção da mulher pública. Usada como o avesso da mulher ideal que fora propagada ao longo desse período. Para entender esse processo, buscou-se discutir alguns dos olhares lançados sobre as mulheres e de como eles viam, entendiam e construíram a imagem da mulher em um espaço tido como território masculino, ou seja o espaço público das cidades como teatros, ruas, praças e cafés. Para que se pudesse entender a construção da marginalidade feminina, permeou-se em documentos como relatos de viajantes, jornais, relatórios de província e códigos de postura.

PALAVRAS CHAVE: Mulher, marginalizada, Belle Époque e Manaus.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the process of marginalization of woman in Manaus, in the late nineteenth century and early twentieth century. With this analysis, we aim to understand what were the discourses used to justify the female segregation to the private area. In that direction, we searched about the idea of the public woman, used as the idea of the ideal woman that was spread throughout this period. To understand this process, we discuss about some of the conceptions men used to see the role of woman and how men understood and built the image of woman in an area regarded as male territory, i.e., the public space in the cities, such as theaters, squares and cafés. To understand the construction of female marginality, we'll work in the light of historical research making use of documents such as travelers accounts newspapers, reports and province posture codes.

KEYWORDS: Woman, marginality, Belle Époque and Manaus.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É difícil expressar e transcrever em palavras as experiências adquiridas ao longo da pesquisa, empreendida através dos relatos de viajantes, relatórios de província e periódicos que veicularam pela cidade de Manaus, ao longo dos anos 1860 a 1930. A imersão nesse novo universo repleto de estigmas onde tudo “é muito antigo e já conhecido, pois acredita-se no senso comum”¹, no qual as pessoas estão fadadas à marginalidade e degenerescência de seu ser devido a sua cor, sexo e profissão.

O incômodo silêncio das personagens, de imagens e locais de sociabilidade estratificadas, nas descrições documentais ², levou a optar por penetrar entre as representações que dão forma, classe social, cor, sexo, aos indivíduos marginalizados. Esses formadores da margem social brasileira eram, em sua grande maioria, negros, índios, mestiços, mulheres e pobres cujo único direito assegurado era de permanecer invisíveis e em silêncio.

Ao optar pelo estudo desses “excluídos da história” foi possível constatar, em um primeiro momento, que na busca por uma sociedade ideal, esses indivíduos foram transformados na antítese do almejado. Mediante a construção e veiculação de discursos respaldados nos dizeres jurídicos e médicos que se popularizaram através dos almanaques, códigos de postura, jornais, e no que antes florescia no campo imagético das pessoas e as confrontava como fantasmas, passou a ser tangível, gerando assim um misto de sentimentos de atração e repulsa pelo mundo dos marginalizados.

¹ RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1991. p. 19.

² Neste caso refiro-me as fontes utilizadas ao longo desta pesquisa que foram os relatos dos viajantes, relatórios de província, artigos e notas abstraídas dos jornais.

Nos ideais de sociabilidade e afetividade que vigoraram durante a segunda metade do século XIX e início do século XX prezava-se pela valorização do indivíduo probo, casto e de gestos contidos, haja vista, que a cidade que desabrochava durante esse período só abriria seus braços para aquele que se propusesse a travestir-se dos equipamentos vigentes de sociabilidade, afetividade e cordialidade.

A estratificação desses ideais de sociabilidade trouxe a lume, concomitantemente, a problemática do marginalizado, das suas práticas de sociabilidade, de afetividade e de seus focos de tensões, suscitando intensos debates nos mais diferentes seguimentos da sociedade e de suas representações cujos dizeres proliferavam sobre as tessituras da teia social. Falas que intervinham nos modos de sociabilidade e que tinham como objetivo ensinar a viver dentro da moralidade burguesa. Partindo desse pressuposto, Michel Foucault os define como dispositivos de controle do corpo, “a racionalidade do abominável e a racionalidade do comum”³.

Diante desse embate entre o idealizado e o real, a marginalidade transcendia o indivíduo passando a configurar-se em um espaço visível, espetacularizado e quantificável à medida que a leitura das fontes foi sendo aprofundadas, fazendo-se perceber que a “identidade é produto de uma intenção, em que os objetos e os sujeitos – nós e os outros – se constituem enquanto se comunicam”⁴. Ao vislumbrar o leque de possibilidades que se abria acerca das possíveis discussões referentes à temática da marginalidade, opta-se por

³ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1984. p, 28.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 2001. p, 10.

direcionar os estudos para o gênero feminino, haja vista, que a sociedade oitocentista, moldada conforme os princípios masculinos, vê no corpo feminino o triunfo dos perigos da sensualidade.

Desejadas e negadas, as mulheres ocuparam, nessa sociedade, um posto secundário de subordinação, passando a ser representadas somente em sua coletividade, isto é, mães de família, trabalhadoras fabris e camponesas. E quando estas ousavam bradar suas vozes quanto às injustiças sofridas, eram logo taxadas de histéricas, desocupadas e lascivas.

Assim, um dos maiores desafios desta pesquisa constitui em tomar distância de ideias pré-concebidas, que facilmente seduzem a representação de “mais do mesmo”⁵. Com efeito, essa construção da imagem feminina dualiza-se entre o casto e o profano assumindo complexos contornos à medida que vão sendo discutidas em estudos das provenientes áreas do conhecimento.

Em decorrência dessas representações a cerca da imagem da mulher no final do século XIX e primórdios do século XX é que esse trabalho interessa-se em desvendar como as mulheres manauaras eram vistas e entendidas, mas para isso, optou-se por fazer-se uma análise mais macroscópica a cerca do período estudado. Para entender os olhares que foram lançados sobre estas, buscou-se primeiramente entender as ideias e conceitos que vigoravam durante o período proposto pela pesquisa.

- **Caminhos da Pesquisa**

⁵ Expressão popular, utilizada para definir, o acúmulo de produção e reprodução das mesmas coisas.

De fevereiro de 2011 a agosto do corrente ano, foram realizadas pesquisas de campo no Museu Amazônico, biblioteca do Instituto Histórico Geográfico do Amazonas (IGHA), Arquivo Público do Estado e visita ao acervo digital do Centro Cultural Povos da Amazônia (CCPA). Após esse período de coleta, iniciou-se o árduo trabalho de transcrições e catalogação das fontes adquiridas.

O projeto inicial que permitiu o ingresso no Programa de mestrado era o de desenvolver o estudo sobre o homem vadio, usando como parâmetros iniciais os relatos de viajantes e os jornais que veicularam pela capital do Amazonas durante o período de 1860 a 1930.

Ainda durante as leituras pré-liminares dos viajantes oitocentistas que perpassaram por Manaus, pode-se perceber duas singularidades. A primeira estava na representação do elemento vadio, neste caso, transfigurado na imagem do indígena e mestiço, tratados como indolentes e preguiçosos. Em um segundo momento, ainda sob o olhar desses estrangeiros, tem-se a exaltação da imagem feminina, mostrada muitas das vezes, como trabalhadora, portadora de inocência infantil, dissimulada e lasciva.

Essas definições paradoxais dos habitantes da região, por parte desses viajantes gerou diversas inquietações, que ficaram em estado latente por algum tempo. Ao dar seguimento à pesquisa, ingressando na leitura dos Relatórios de Província e dos Governadores, em busca de algum vestígio de desordens provocadas por indivíduos desocupados, homens vadios que subvertiam a ordem vigente através de seus comportamentos desregrados. No entanto, durante o processo de leitura e transcrições, principalmente dos jornais, percebeu-se o aflorar de uma gama de indivíduos marginalizados,

transfigurados na imagem de trabalhadores de baixa renda, desocupados, imigrantes, migrantes e mulheres públicas.

Com o aprofundamento das leituras sobre as fontes, novas e velhas questões passaram a povoar o pensamento, culminando em intensos conflitos quanto ao andamento da pesquisa, pois falar do homem vadio em Manaus, do final do século XIX e início do século XX, era também falar da condição do índio, do branco, do negro e do mestiço na região. No confronto com esses novos entraves teóricos, percebeu-se que a pesquisa carecia de uma nova delimitação, pois a temática proposta inicialmente mostrava-se muito extensa para ser cumprida em sua plenitude no prazo de dois anos.

Diante desse impasse, o trabalho teve que passar por uma redefinição, com o auxílio de Kátia Cilene do Couto⁶, onde optou-se por trabalhar com os marginalizados, neste caso, as mulheres, pois os relatos referentes a estas mostravam-se mais extensos, o que facilitaria o andamento da pesquisa.

O diferencial, nesse momento, consistia, no aflorar das ideias no seio do século XIX que brotava repleto de novos anseios, em trazer questões referentes ao corpo, como manutenção da higiene e a descoberta de novas áreas erógenas. No entanto esse mesmo século que respirou cientificidade, aprisionou as mulheres em seus domicílios, cercando-as de conceitos moralizadores que as impediam de conhecer-se, de falar e, principalmente, de transitar livremente pelas ruas da cidade.

- **Disposição dos capítulos**

⁶ Kátia Cilene do Couto Doutora em História pela Universidade de Brasília, e orientadora deste trabalho de pesquisa.

Após analisar e organizar as informações encontradas nos documentos, os capítulos ficaram dispostos da seguinte forma: o primeiro intitulado “*Um século que nasce e a ascensão do corpo*”. Coloca em voga questões quanto à redefinição das fronteiras sobre o corpo no transcurso do século XIX, mostrando a reformulação dos conceitos sobre esse. Princípios que se transformaram em uma das molas motrizes que irá gerir o pensamento oitocentista, ou seja, ao ser desvelado, o corpo deixa de ser um mero envoltório da alma para transmutar-se em um ser animado passível de desejos, sentimentos e prazeres.

Com o florescer desses novos conceitos, os discursos médicos e higienistas, antes marginalizados, ganharam força e difundiram-se como novos preceitos a serem seguidos. Nos quais, o descumprimento desse novo modo de agir culminou na marginalização do elemento indesejado gerando uma massa populacional de invisíveis. Dentre esses invisíveis, destacam-se as mulheres, que em meio a essas “revoluções sociais” permaneceram prisioneiras de seus domicílios, pois eram proibidas de transitar, desacompanhada de pais ou maridos, em cena pública sobre pena de desmoralização social.

No segundo capítulo: “*Imagens e Reflexos: Manaus no Apagar das Luzes do Século XIX e Crepúsculo do Século XX*”, confronta-se o olhar dos viajantes estrangeiros e moradores locais, permeados de conceitos, crenças e tradições, que foram lançados sobre a cidade de Manaus e a seus habitantes durante esse período. O confronto destes diversos olhares permite perceber as diversas formas de representação de um mesmo espaço versado para públicos diferentes. O viajante estrangeiro ao retratar a cidade a percebia como uma localidade pitoresca, cercada por floresta que parecia mais ter parado no

tempo. Enquanto que no olhar dos políticos e jornalistas locais, a cidade é descrita pelo seu franco progresso, pelo seu povo trabalhador e ávido por modernidade. Ainda sobre esses olhares, homens e mulheres são retratados de forma singular, como indolentes, preguiçosos, lascivos e trabalhadores.

No terceiro capítulo: “*Crepúsculo do Século XX: Entre a Moral e as Práticas Cotidianas*”, trabalhou-se diretamente com os jornais que veicularam, nas primeiras décadas do século XX. Analisando diretamente os paradoxos pertinentes aos discursos moralizadores que determinaram o comportamento feminino e de como os jornais se apoderaram desses discursos para distinguir e estigmatizar as mulheres de boa família e as mulheres de vida mundana.

CAPÍTULO I

Um século que nasce e a ascensão do corpo

Cultivados a um alto grau pela ciência, somos civilizados a tal ponto que estamos sobrecarregados por todos os tipos de decoro e decência social.

Nobert Elias⁷

O século XIX desabrocha ávido pelo novo e pelo diferente ao mesmo tempo em que carrega as reminiscências dos séculos anteriores. No entanto, esses fragmentos de passado acenam para esse século, sob o olhar de novas questões, de novos anseios, trazendo o que antes era proibido ousar olhar ou falar. Como por exemplo, o corpo, que por anos foi velado pelas sombras e a partir do XIX foi posto em voga sob a luz da ciência.

O corpo com seus desejos, suas dores, seus sentidos, seus prazeres, seu sexo, transpassa a margem libertando-se dos grilhões da religião que regeu a sociedade com seus discursos, pois, aos olhos dela, a dor era vista como mecanismo de purificação da alma. No entanto a liberdade almejada lhe produziu novos grilhões moldados segundo os novos discursos que afluíam com o século XIX.

Esses discursos eram versados, em sua grande maioria, sob a ótica de médicos, higienistas, moralistas e cultores de letras, pois o corpo havia se tornado o caminho para a compreensão do ser humano “que nem é uma criatura divina dirigida por sua alma, nem um animal movido unicamente por suas sensações”⁸.

Desvelado, o corpo apresenta-se portador de fronteiras porosas e suscetíveis às intempéries sociais. Segundo as crenças científicas que vigoraram ao longo

⁷ ELIAS, Nobert. Sociogênese da diferença entre “kultur” e “civilisation” no emprego alemão. In, **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. RJ. Jorge Zahar, 1994. p, 27.

⁸ FAURE, Olivier. O olhar dos Médicos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, George (Org). **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Direção, Alain Corbin, Jean-Jaques Courtine e George Vigarello. RJ. Petrópolis. Vozes, 2008. p, 44.

do século XIX, o indivíduo e seu corpo eram diretamente influenciado pelo seu habitat, pela família, cultura, sociedade, desejo e sexualidade, pois

O corpo é uma ficção, um conjunto de representações mentais, uma imagem inconsciente que se elabora, se dissolve, se reconstrói através da história do sujeito, com a mediação dos discursos sociais e dos sistemas simbólicos. A estrutura libidinal destas imagens e tudo que vem perturbá-la constituem o corpo⁹.

Partindo desse pressuposto, é possível afirmar, que os olhares voltados sob e sobre o corpo o ajudaram a transformar-se em um “território estável do sujeito”¹⁰, transcendendo as sensações físicas para a representação da sensualização do desejo, prazer e dor.

Sob essa ótica culturalista que vigorou no final do século XIX, o corpo era visto como resultado de uma construção harmônica entre o dentro, o fora e o que deveria ser protegido e moldado simultaneamente mediante a formulação de um conjunto de regras cotidianas pré-estabelecidas. Essas regras ou discursos eram segundo Foucault¹¹, um mecanismo de controle social, pois ao mesmo tempo em que controla é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos”¹².

Esses discursos que se diluíram por entre a sociedade também penetrou nos corpos dos indivíduos e serviram para a delimitação e distinção das classes sociais que se constituíam. O indivíduo era obrigado a obedecer

⁹ CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, George (Org). **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. RJ. Petrópolis. Vozes, 2008. p, 09.

¹⁰ Idem, p.08.

¹¹ Michel Foucault (1926-1984). Filósofo e professor no Collège de France, desenvolveu seus estudos voltado para o desenvolvimento de uma arqueologia do saber filosófico, da experiência literária e da análise do discurso.

¹² FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução, Laura Fraga de Almeida Sampaio. Rio de Janeiro. Editora Graal, 1979. p.08/09.

[...] complexos rituais de interação, a liberdade de que cada um dispõe para lidar com o estilo comum, com posturas, as atitudes determinadas, os modos usuais de olhar, de portar-se, de mover-se, compõem a fábrica social do corpo[...]¹³.

Para Corbin em *História do Corpo: da Revolução a Grande Guerra*, 2005, a teatralização do portar-se socialmente gerou uma tensão entre o corpo para mim e o corpo para o outro, no qual o indivíduo sente-se constantemente observado, desejado e sujeito aos riscos da submissão ao poder do outro. Esse poder almejado, desejado, e jamais ou raramente alcançado serviu de norteador para o controle das pessoas e de seus corpos, onde a não adequação destes resultaria em um isolamento social, ou seja, aqueles que não incorporassem os discursos e as práticas de socialização seriam colocados à margem da sociedade.

Buscando entender a compreensão da visão desta margem social que se formou no século XIX, e amalgamou-se aos discursos e práticas sociais do século XX, organizou-se o presente capítulo em três tópicos distintos e ao mesmo tempo correlacionados. No primeiro tópico, **Corpo – Cidade: um quebra-cabeça social** será colocado em voga como se teria dado a constituição do corpo social e a sua relação com os avanços científicos e código de posturas.

Em um segundo momento, **Reflexos indesejados: A margem que confronta**, vislumbraremos os indivíduos marginalizados, ou melhor, colocados à margem dessa sociedade segundo seus códigos e posturas morais. Essa classe de marginalizados muitas vezes silenciada ao longo da história era formada por uma minoria de intelectuais insatisfeitos com a ordem vigente, por

¹³ CORBIN, Alain, op. cit., loc. Cit.

trabalhadores assalariados, ex-escravos e mulheres. Esses indesejados podiam ser facilmente encontrados em becos, ruas e esquinas de má fama, geralmente localizadas próximo às áreas portuárias das cidades. Por fim, discutiremos em as **Mulheres: percebidas, negadas**, as relações sociais e afetivas das mulheres no final do século XIX e início do século XX. Buscando entender os paradoxos de um século que busca explicações para as diversidades sociais, físicas e naturais ao mesmo tempo em que segrega, isola e aprisiona.

As mulheres, no século XIX, foram aprisionadas ao mundo privado, proibidas de transitar livremente em cena pública sob a pena de desmoralização social. Fundamentados nas diferenças físicas do corpo feminino e masculino, os novos ditames sociais foram percebidos e construídos “segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica e tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios dessa visão”¹⁴ de gênero.

- **Corpo – Cidade: um quebra-cabeça social**

Como “imagem inconsciente que se elabora”¹⁵, o corpo atrai para si olhares e questões quanto à noção de sexualidade que floresce no seio da sociedade do século XIX, aprisionando-o ao desejo incansável de saber. Esse controle ocorre mediante a elaboração de sutis mecanismos tecnológicos de poder.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p, 32.

¹⁵ Definição dada por Alain Corbin quando refere-se à constituição das várias faces adquiridas pelo corpo e das interrogações que o cercam transformando-o em ser animado capaz de se reinventar constantemente_ Grifo meu_ História da Sexualidade 02: da Revolução Francesa à Grande Guerra, p, 09.

Esse processo tornou-se perceptível, segundo Foucault, graças aos ventos hodiernos do século XIX que transformou o olhar sobre a sociedade. Esta teria passado a ser comparada e entendida como um corpo. Vista como tal, a sociedade deveria ter suas mazelas sanadas com métodos de assepsia, criminologia e com a exclusão dos “degenerados”.

Mas para que esses preceitos vigorassem seria necessário que cada pessoa os introjetasse como valores sociais. Isto é, que o poder penetrasse seus corpos, dando-os a consciência de si, fazendo-os sentir e desejar o belo a nudez e a tonicidade de seus corpos. Pois a manutenção do desejo é o mecanismo mais eficiente de poder, haja vista, que este se “constitui como carência, que o desejo deseja aquilo que lhe falta, e que lhe falta para poder desejar”¹⁶.

Nesse jogo das relações de poder entre o que é lícito e ilícito conhecer, até a aquisição do auto conhecimento é manipulada pelo poder. Isso ocorre devido à instigante curiosidade de ver e ouvir, culminado em um desejo implacável de dominar seu próprio corpo, gerando assim uma tensão entre a descoberta do prazer íntimo e as normas morais de sexualidade.

Com os olhares voltados para o corpo e subsequentemente para o homem em seu contexto íntimo e social, o século XIX viu desabrochar uma constante necessidade de individualização que culminou em contínuas insurgências contra as práticas coletivas e de subjugação familiar. Como descobridores de sua individualidade o ser humano passa a requerer para si o direito de tocar-se.

¹⁶ SANTOS, Laymert Garcia dos. *Lautréamont e o Desejo de não desejar*. In, **O desejo**. Autores diversos. Adauto Novaes (org). São Paulo. Companhia das Letras. 1990. p, 209.

Vale salientar que essas insurgências geradas, principalmente pelo desejo da manutenção do próprio prazer, não significam que o indivíduo tenha conseguido total autonomia quanto ao seu corpo e sua sexualidade, pois a impressão de que o poder vacila é falsa, por que ele “pode recuar, se deslocar e investir em outros lugares”¹⁷.

Diante desse século que avança, o indivíduo percebeu que as paredes de sua residência era um refúgio para a manutenção do que julgava justo fazer, pautando-se na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, homologada em 1789¹⁸. O proibido tornou-se lícito desde que praticado dentro da privacidade das residências, como por exemplo, as práticas sexuais e as relações homoafetivas .

O domicilio é declarado inviolável [...] e as perquirições noturnas, proibidas [...]. A residência e a noite delineiam um espaço tempo da privacy em torno do corpo ao qual se atribuem a dignidade [...] e a liberdade¹⁹.

Mas ao mesmo tempo em que o homem conquistou o direito à privacidade, a ciência aprimorou seus discursos e ainda ganhou um importante aliado para a difusão de suas verdades. Esse aliado personificou-se na imagem e nas ações dos modernos meios de comunicação. Para Corbin essas tensões geradas pelo individualismo, sexualidade e discursos normatizadores geraram a “faceta

¹⁷ FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In, **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979. p,146.

¹⁸ A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão homologada em 1789, sob a influência dos “direitos naturais”, garante a universalidade absoluta do direito do homem tanto individualmente quanto coletivamente – Grifo meu.

¹⁹ CORBIN, Alain. Bastidores. In, **História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra**. Michelle Perrot (org). Denise Bottmann, Bernardo Joffily (trad). São Paulo. Companhia das Letras, 2009. p, 388. Ainda a respeito da delimitação do público e privado, ler também, MATTA, Roberto da. A Casa e a rua. Rio de Janeiro; Rocco, 1997. Ao transpor esse conceito para o cotidiano brasileiro o autor discute a flexibilidade dos termos público e privado inerentes à cultura local.

ambígua de uma modernidade em que o poder da ciência e os custos para consigo, marcham ao mesmo passo”²⁰.

Os meios de comunicação rogaram para si a responsabilidade de difundir os novos códigos de postura, pautados, agora, nos dizeres médicos e higienistas, além de se auto intitularem os vigilantes da conduta moral dos indivíduos, tanto na sua vida pública quanto em sua vida privada. Essa postura de vigilantes da moral, tomada pelos meios de comunicação que veiculara na época, servia de fachada para os seus reais interesses, ou seja, estes estavam mais interessados em “acontecimentos banais”²¹, como os escândalos da vida privada e a curiosidade pelo proibido que instiga a todos a olhar pelo “buraco da fechadura”.

Vigilantes da moral e da saúde, os jornais passaram a diversificar o foco de investigação, independente de gênero, grupo ou classe social. Mesmo com constante vigilância sobre os corpos e modos sociais, o desejo de individualizar continuava a enraizar-se no âmago do século XIX. As disciplinas coletivas e o convívio familiar pareciam cair no esquecimento. O que estava em voga no momento eram os prazeres solitários, tais como, ler o livro ou jornal, “vestir-se como bem entender, ir e vir a vontade [...] frequentar e amar quem se deseja [...] exprimem a busca de um direito à felicidade que pressupõe a escolha do próprio destino”²².

Na tentativa de findar com a busca da representação e posse de sua própria imagem, o indivíduo viu nas cidades a imagem de uma fronteira edênica. De

²⁰ Idem, p.389.

²¹ Idem, p.389.

²² Idem, p.389.

face ambígua a cidade mostrou-se um terreno fértil para a proliferação de ambições e uma eximia atenuadora de convicções.

Criadora da liberdade, propiciadora de novos prazeres, a cidade, com tanta frequência uma cruel madrasta, fascina a despeito das diatribes dos moralistas [...]. É a mãe de rupturas e acontecimentos²³.

Fronteira dos paradoxos, a cidade era o laboratório e o palco perfeito para a constituição e consolidação do homem civilizado e do corpo social, pois o olhar para si, permitiu “a consciência tornar-se marginal em relação ao inconsciente, que governa os homens e fornece a chave de seus comportamentos. As próprias sociedades sucumbem diante do poder das imagens”²⁴.

Para viver a sociedade oitocentista fazia-se necessário representar, ou seja, criar uma imagem de si para transitar pela cidade. Esse processo só tornou-se possível graças à vulgarização dos espelhos que migraram das barbearias para os bordéis e posteriormente adentraram às residências. Outro elemento que favoreceu a auto representação foi o surgimento e popularização das máquinas fotográficas que contribuíram para a teatralização dos gestos e das expressões faciais. O desejo de idealizar as aparências, o “repúdio ao feio, conforme os cânones da pintura oficial convergem igualmente para o ordenamento do retrato- foto”²⁵.

Esse novo processo de apreensão da imagem impôs um reajustamento das pessoas dentro do espaço público. Aos poucos as pessoas foram obrigadas a sair do anonimato do coletivo para tornarem-se sujeitos de imagem burocratizada. Ao fim da primeira metade do século XIX, os habitantes das

²³ Idem, p.389.

²⁴ Idem, p.390.

²⁵ Idem, p.397.

idades passaram a ter seus casamentos secularizados, seus nomes e atividades registrados em listas nominais atualizadas, mais ou menos, em espaço de tempo de cinco anos.

Operários, militares e domésticos eram obrigados a portar uma carteira assinada pelos seus patrões legitimando-lhes a profissão. No caso das mulheres da vida, e de menores abandonados, o documento era emitido pelas chefaturas de polícia ou administração municipal, sendo que esta última ainda era responsável pela guarda da tutela das crianças abandonadas. Quanto aos viajantes nômades, estes eram obrigados a portar um passaporte que lhes permitisse efetuar suas andanças.

A institucionalização e a obrigatoriedade do uso de documentos que garantiam a existência do indivíduo socialmente, serviram para a consolidação dos discursos médicos e policiais e, subsequentemente, para o controle destes sobre os corpos dos indivíduos. Os praticantes de delito tinham suas imagens (fotografias) arquivadas nos álbuns policiais²⁶. Mas a grande revolução nos registros policiais foi à utilização da identificação antropométrica criada por Alphonse Bertillon²⁷ onde o criminoso tinha o detalhamento ósseo incorporado à sua ficha criminal.

Na medicina os avanços levam a descoberta de um inimigo quase que invisível, o micróbio, que invade os corpos provocando mazelas. A descoberta

²⁶ Entre as classes pobres era comum a prática de pequenos delitos para que tivessem suas fotos registradas nos arquivos de polícia.

²⁷ Alphonse Bertillon (1853-1914), criador da antropométrica judicial e fundador do primeiro laboratório de identificação criminal fundamentado nas medidas ósseas do corpo humano. O sistema Bertillon, como era chamado, difundiu-se pela Europa e Estados Unidos vigorando até o ano de 1970_ Grifo meu.

desse micro-organismo por Louis Pasteur²⁸ gerou uma revolução no modo de ver a sociedade onde o controle sobre os corpos das pessoas tornou-se de suma necessidade para que fosse garantida a sobrevivência dos grupos sociais.

Mais uma vez percebe-se a perturbação da tênue fronteira entre o público e o privado. Os discursos médicos que se proliferavam pelas cidades passaram a moldar o indivíduo do século XIX, quando diz que a convivência em espaços comuns, como quartos de dormir e salas de banho, são prejudiciais à saúde. A partir desse momento, as casas passaram a apresentar divisórias individualizando os espaços internos da residência.

Os banhos deveriam ser sempre tomados com cautela devido às propriedades da água. Como por exemplo, a dilatação dos poros da pele que facilitavam a aquisição de miasmas. Por isso a prática mais comum de higiene utilizada no começo do século XIX era a ablução, em que apenas algumas partes do corpo eram lavadas. Esse procedimento era o mais aceito e difundido pelos higienistas da época, pois evitava a imersão total do corpo, já que a exposição prolongada sob os efeitos da água, acarretaria no relaxamento das partes que não deveriam ser relaxadas, gerando a perda de tonicidade delas.

Segundo os especialistas da época as abluções deveriam ser aplicadas a cada dia sob uma parte diferente do corpo, sendo este portador de “zonas escuras, espaços escondidos, sujeitos à transpiração, a odores, lugares mais

²⁸ Louis Pasteur (1822-1895), cientista francês responsável pela formulação da teoria microbiana das doenças. Essa teoria sustenta a ideia que os são a causa de inúmeras doenças, entre alguns de seus feitos notáveis estão a redução da mortalidade por febre puerperal e a criação da primeira vacina contra a raiva_ *Grifo meu*.

ameaçados pelo sujo que outros. São esses lugares que as lavagens parciais visam com toda prioridade”²⁹.

Outra justificativa para a não imersão total dos corpos durante os banhos seria o de que “o cuidado com a limpeza se faz para o olhar e o olfato. Seja como for, ele existe com suas exigências, suas repetições, seus padrões, mas favorece, antes de tudo, a aparência”³⁰. A manutenção da higiene reflete no processo de civilização que lentamente moldou as sensações corporais, fazendo com que a dinâmica do banho afetasse sensivelmente a imagem do corpo e de suas funções.

Para George Vigarello (2008), a prática do banho divide-se em dois momentos distintos, marcado pela descoberta da existência das bactérias. Antes dessa descoberta, os lugares destinados ao banho eram tidos como locais de baixa salubridade devido ao contato dos corpos e a penetração da água e das mazelas que nela habitavam, através dos poros dilatados da pele favorecendo assim a proliferação de doenças.

As salas de banho, ainda por volta dos séculos XV e XVI, eram vistas como locais de encontros e festas, onde as “misturas de sexo, de idades, de nudez, confronta-nos com uma sociabilidade perdida”³¹. Neste processo de socialização eram comuns a união de homens e mulheres em “confusão nos banhos e estufas, sem cometer ato desonesto”³². Mas com o passar dos tempos, esses espaços, tidos como local dos “desvios” e das transgressões

²⁹ VIGARELLO, Georges. “Higiene do Corpo e Trabalho das Aparências”. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean- Jaques; VIGARELO, George (Orgs). **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis. RJ. Editora Vozes, 2008. p,380.

³⁰ VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo: Uma História da Higiene Corporal**. São Paulo, Martinz Fontes, 1996. p,02.

³¹ Idem, p,32.

³² P. de Bourdielles (dito Bantôme), Les Femmes Galantes (apud). Vigarello, Georges id. p,32.

lícitas, passaram a ser vistos e entendidos pelos costumes polidos como ambientes que precisam ser circunscritos em meio ao progresso civilizatório.

É como se algumas espontaneidades, algumas impulsividades, até então vagamente integrados ou até mesmo julgadas normais, fossem agora vividas como excessos ³³.

O que era lícito tornou-se ilícito, levando-nos a perceber que a noção de pudor e decência estava intrinsecamente vinculada à normatização das estufas de banho. A promiscuidade dos banhos já não era mais vista com bons olhos, dando origem a normatização destes no final do século XV, ou seja, as sensibilidades e a própria sensualidade já não se adaptavam aos corpos desnudos e misturados dentro de espaços fechados.

Com as crescentes delimitações sobre as estufas de banho, perceber-se que esta está diretamente ligada à lenta ascensão da instauração do distanciamento físico. Mas, vale salientar, que este não ocorre de forma igualitária dentro das mais diversas categorias sociais ou culturais existentes.

O lugar que antes era tido como de favorecimento ao ilegalismo, onde as pessoas podiam entregar-se a todos os prazeres de forma indiscriminada, fossem eles real ou imaginário sofre profundas ressignificações com o século XIX e as descobertas de Louis Pasteur. Ao longo dos anos de 1870 a 1880, a percepção do banho e subsequentemente da limpeza adquirem um novo objetivo, o de fazer desaparecer a presença do corpúsculo, isto é, das bactérias, porém, para combatê-lo primeiramente tinha-se que extirpar a crassidão.

³³ Idem. p,35.

No combate ao inimigo invisível, homem e sociedade transformaram-se, conforme os fluxos da água. Um exemplo desse processo, seria Paris durante a segunda metade do século XIX, que tornou-se pioneira com a ampliação e interligação de sua rede de esgoto para a eliminação de seus dejetos. A Paris de Georges E. Haussmann³⁴, não tinha mais espaço para as “exalações pútridas dos pátios, das ruas e das latrinas”³⁵.

Cada vez mais a imagem da cidade assemelha-se a um corpo, “com suas alimentações e seus dejetos, ramificações invisíveis pulsando capilarização e comunicações”³⁶. As galerias subterrâneas eram os órgãos da cidade, que invisíveis aos olhos e à luz deveriam ser nutridos mediante a combinação harmônica entre água pura, luz e calor que circulariam por suas artérias e veias carregadas de fluidos diversos, responsáveis pela nutrição e manutenção da vida desta.

O progresso da higiene efetivamente revolucionou não só as cidades, mas também a vida privada com a sua,

[...] reconhecida influência do físico sobre o moral valorizava e recomenda o limpo. Novas exigências sensíveis rejuvenescem a civilidade; [...] o desejo de manter a distância o desejo orgânico, que lembra a animalidade, o pecado, a morte, em resumo, os cuidados de purificação aceleram o progresso³⁷.

O século XIX legava aos braços do esquecimento o que julgava feio, sujo e sem estética. Elaborando e estimulando novos desejos de sexualidade e

³⁴ George E. Haussmann, também chamado de o artista da destruição, promoveu a reforma urbana de Paris extinguindo com inúmeras pequenas e estreitas vielas residuais do período medieval para criar imensos boulevards organizadores do espaço urbano, assim como jardins, parques e uma complexa rede de esgoto.

³⁵ BALZAC. H. de La Fille aux yeux d'or (1835). apud, VIGARELLOS, Georges. In, CORBIN, Alain. loc. Cit. p, 385.

³⁶ VIGARELLO, Georges. Op.cit. p, 385.

³⁷ CORBIN, Alain. Op.cit. p, 412.

repulsão pautados nas práticas higienistas. A vulgarização de cartilhas explicativas quanto às práticas de banho conforme o sexo, idade, temperamento e profissão serviram para evitar a complacência, a languidez limitando assim o olhar para si e a masturbação.

As práticas higiênicas cultivadas nos lares burgueses, mas precisamente, em seus banheiros, introduzidas nas residências por volta de 1880, implicava em uma nova máxima, a de recusa dos olhares. O banho tornava-se naquele momento, uma prática solitária realizada longe dos olhos da sociedade, requerendo para o corpo individualizado um “novo tempo para si”.

Entretanto esses preceitos burgueses dissiparam-se pelas portas das cozinhas das residências, acompanhados dos empregados domésticos, para introjetar-se aos poucos e despercebidamente no seio da massa populacional que espalhava-se pelas cidades. A higiene praticada pelos indivíduos das classes pobres consistia apenas em lavar as mãos com frequência “todos os dias o rosto e os dentes, ou pelo menos os dentes da frente; os pés, uma ou duas vezes por mês; a cabeça, jamais”³⁸. Para as mulheres o banho seguia a regularidade menstrual, o que dificultava o avanço da higiene íntima delas. Entre as classes operárias, no final do século XIX, a higiene tornou-se uma prática ambígua “a limpeza torna-se uma necessidade; a vontade de mudar de roupa após o trabalho traduz uma exigência da dignidade”³⁹.

No fim das contas, as práticas de higiene estavam diretamente ligadas à aparência, isto é, estar limpo significava ter as vestes sem manchas, os cabelos devidamente penteados e as mãos lavadas. Isso leva a crer que a

³⁸ Idem, p, 413.

³⁹ Idem, p, 414.

constituição do corpo social origina-se dentro do espaço privado, onde o indivíduo é adestrado para confrontar e ser confrontado pelo olhar do outro.

- **Reflexo indesejado: A margem que confronta**

A estratégia da aparência elaborada e imposta pelo século XIX é responsável pela manutenção de um complexo sistema de convenções e ritos que se amalgamaram às práticas cotidianas do século XX, voltado-se unicamente para as práticas privadas. Na *contra mão* desses ritos impostos, este mesmo século verá o aflorar de grupos vivendo à margem de todos os preceitos pré-moldados pautados rigorosamente sobre os dizeres médicos, higienistas, religiosos e juristas que constituíram a imagem do homem desse período.

Reflexos disformes do almejado, os marginalizados do século XIX podiam ser divididos em dois grupos distintos, o primeiro formado pelo “dândi, o artista, o intelectual, o vagabundo, o original encarnam a revolta contra o conformismo em massa”⁴⁰. Esse grupo, na prática, é formado por uma minoria, ao contrário da outra categoria formada por uma massa de enfeitados sociais que reivindicam seu direito a uma existência independente, como, por exemplo, ex-escravos, imigrantes, migrantes e mulheres.

O marginal intelectual consciente ou outsider, como também era conhecido, comumente, segundo Colin Wilson⁴¹, são indivíduos que não têm certeza de quem são. “Ele encontrou um ‘eu’, mas este não é o seu ‘eu’. A sua maior

⁴⁰ Idem. p, 389.

⁴¹ WILSON, Colin. **O Outsider: o Drama Moderno da Alienação e da Criação**. São Paulo, 1985. Editora, Martins Fontes, 1985. p,145.

preocupação é a de encontrar o caminho de volta a si mesmo”⁴². Essa constante busca pelo ‘eu verdadeiro’ está ligada diretamente ao desejo de individualizar pertinente aos indivíduos do século XIX.

Para esses outsiders sociais. “o caminho não é uma questão de palavra, mas uma questão de ação”⁴³, haja vista que o não questionamento de suas ações e dos eventos que acontecem a sua volta acarretaria na incapacidade de pensar por si só, o que culminaria na sua transformação em fantoches do sistema vigente.

O outro tipo de marginalizado proveniente dos novos ideais do século XIX é formado por sujeitos invisíveis em busca de uma imagem e o direito a autonomia. Essa massa populacional de invisíveis era constituída por imigrantes, trabalhadores assalariados, ex- escravos e mulheres que entre brados e murmúrios teciam suas críticas contra a ordem burguesa.

Em uma subversão a ordem, proletariados gritavam “nós somos de carne e osso, tal como voz”⁴⁴ enquanto que a “mulher aprende a não ser mãe senão por desejo próprio”⁴⁵

Assim, o mundo dos excluídos se constitui em face daqueles que partilham da inclusão numa ordem dada, e é ante a imposição desta que se concebe a desordem, da mesma forma que a noção de bárbaro ou selvagem tem por referência a concepção dos civilizados⁴⁶.

Esse processo de cidadania e exclusão definido por Sandra J. Pesavento é o resultado de um conjunto de representações sociais que só pode começar a ser entendido em sua totalidade quando analisado de forma conjunta, como por

⁴² Idem, p, 146.

⁴³ Idem, p, 146.

⁴⁴ CORBIN, Alain. op.cit. p, 390 .

⁴⁵ Idem, 390p.

⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX. São Paulo – Companhia Editora Nacional, 2001. p, 07.

exemplo, a cidade que se constrói no Brasil do século XIX mediante as reformas públicas de intervenção nos espaços. As reformas dos espaços para a socialização tinha como uma de suas metas a “construção de personagens, com estereótipos fixados por imagens e palavras que lhe dá sentido preciso”⁴⁷. Partindo desse pressuposto, o sujeito tido como marginal, vagabundo, perigoso, barulhento e de gestos expansivos não era mais aceito transitar livremente pela urbes, sendo assim, transformado em inimigo interno que “podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença”⁴⁸.

Esses não cidadãos, invisíveis, vão se fazer perceber no final do século, mais precisamente, em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea. As cidades se viram invadidas por um enorme contingente de ex-escravos juntamente com um vultoso número de imigrantes, vindos da Europa, que aportavam no Brasil, durante esse mesmo período. Nesse momento, a cidade havia sido invadida por um conjunto de novas práticas de sociabilidade e afetividade que culminou na subversão das práticas culturais vigentes.

A vinda dos imigrantes para o Brasil é para Zuleika Alvim⁴⁹ uma relação de troca de interesses entre Brasil e Europa, onde de um lado havia a Europa querendo se livrar de seus excedentes populacionais e do outro o Brasil ávido por povoadores. Nessa “troca” os governantes brasileiros foram confrontados com práticas culturais que lhes eram desconhecidas.

Esse choque de culturas e das noções de público e privado foi interpretado sob uma ótica elitista, onde essas pessoas não passavam de um bando de

⁴⁷ Idem, p, 12.

⁴⁸ Idem, p, 13.

⁴⁹ ALVIM, Zuleika. “**Imigração: A Vida Privada dos Pobre do Campo**” In, História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio. Organização, Nicolau Servicenko. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. p, 52.

“pechas de vagabundos e ociosos, desorganizados social e moralmente”⁵⁰.

Diante do desconcertante novo, a infante burguesia brasileira tratou de disseminar seus anseios e urgia-se modernizar a cidade a *qualquer custo*.

Sem moradia, sem emprego e extremamente pobres, os novos cidadãos *fincaram suas residências* nos antigos casarões do início do século XIX. A grande maioria dessas residências ficavam localizadas nos centros das cidades, próximo ao porto. Antigos sinônimos de opulência, os casarões haviam se transformado em um comungado habitacional abrigando diversas famílias sob as mais precárias condições.

Difícil de silenciar e de passar despercebida, devido ao seu grosso modo de sociabilizar, essa massa populacional transformou-se na personificação do indesejado. “Sua única possibilidade de redenção será pelo trabalho e a tutela de um patrão”⁵¹. No entanto, a sua condição de pobreza requeria cuidado por parte das autoridades, pois representavam permanente perigo à ordem, à moralidade pública, à segurança e à saúde. O crime, a maldade e o vício eram pertinentes a condição de pobre.

Para Sandra J. Pesavento, esse processo escuso é um fenômeno político e uma condição resultante de um gesto de separação. Isto é, para não aceitar a alteridade do outro tornou-se necessário negá-la. Nesse íterim o perfil social do marginalizado ou excluído será o avesso do tipo desejado para a comunidade. Assim,

O marginal seria aquele que portaria em si o signo invertido da norma a que não obedece ou da qual se afasta. Marca, pois, uma distinção, mas não uma negação

⁵⁰ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “**Da Escravidão a Liberdade: Dimensões de uma Privacidade Possível**”. Op. Cit. p, 52.

⁵¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit. p, 13.

absoluta, um impossível acesso ao tal reconhecimento social e ao mundo da distribuição da riqueza e do poder⁵².

Esse processo de desvelamento das práticas dos indesejados é, segundo Foucault, uma “insurreição dos saberes dominados”⁵³ que se divide em dois tipos: por um lado, os dominados tiveram seus conteúdos “sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais”⁵⁴. Por outro lado, eles poderiam ter sido desqualificados como saberes competentes, pois não possuíam qualidade suficiente para ser requerido como conhecimento científico. A soma dos dois saberes só poderia ser usada mutuamente mediante a eliminação da ditadura dos discursos “englobantes com suas hierarquias e com os privilégios da vanguarda teórica”⁵⁵.

Contudo, o que se pôde perceber no transcurso da consolidação da República brasileira foi justamente a afirmação desse embate entre dominado e dominador perceptível nas bruscas mudanças espaciais, sociais e afetivas sofridas pelas capitais do país. O povo brasileiro viu a sua noção de privacidade e público serem redefinidos conforme os interesses de uma política que deixava para trás a opulência e a degradação da corte.

O Rio de Janeiro capital da nascente República brasileira, porta de entrada para os produtos e estrangeiros vindos de toda parte do mundo, era a vitrine do Brasil. No entanto, sua reputação no início do século XIX era a de “túmulo dos estrangeiros”⁵⁶ devido aos pertinentes focos de doenças como a malária,

⁵² Idem, p, 21.

⁵³ FOUCAULT, Michel. “Genealogia do Poder: Curso do Collège de France, 07 de janeiro de 1976”. In, Op.cit. p, 170.

⁵⁴ Idem, p, 170.

⁵⁵ Idem, p, 171.

⁵⁶ SERVICENKO, Nicolau. “A Revolta da Vacina”, 40-1p. apud. SERVICENKO, Nicolau. Op.cit. p,22.

lepra, tifo e febre amarela que assolavam a cidade, em períodos de calor mais intenso, como o verão, e ceifava a vida principalmente de estrangeiros que nenhuma resistência tinha às doenças nativas. Para os Imigrantes e aventureiros que vieram “redescobrir” o Brasil,

As grandes capitais da jovem Republica constituíam o horror a qualquer um que estivesse habituado aos padrões arquitetônicos e sanitários de grandes capitais europeias [...] ⁵⁷.

No afã de extirpar essa imagem negativa, as novas elites empenhavam-se em civilizar as cidades aos modos europeu e norte americano a duras golpes quanto às antigas práticas sociais. Começavam assim, surgir as primeiras noções de privacidade no Brasil.

A primeira cidade brasileira a passar pelo processo de modernização de seus espaços foi o Rio de Janeiro, em 1906, durante o governo de Pereira Passos. Sob a imposição do governo, a cidade viu suas antigas ruas e casas de dinâmicas difusas e plasmadas convergirem para os novos recortes espaciais que iriam delimitar o público e o privado.

Durante esse processo de redefinição dos espaços a pobreza deveria ser findada. Ela deveria ser posta longe dos olhos das pessoas de bem que transitavam pela cidade.

Urgia aos dirigentes [...] livrar a cidade de convívios considerados promíscuos e desestabilizadores da saúde pública. Fazia-se mister generalizar os procedimentos disciplinares para os espaços público e privado, diferenciando-o mediante a oposição à dinâmica difusa que os mesclava ⁵⁸.

⁵⁷ MARTINZ, Paulo César Garcez. “Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras”. In, **História da Vida Privada no Brasil**. Coordenador Geral da coleção, Fernando A. Novais. Organizador do volume, Nicolau Servisenko. São Paulo, Companhia das Letras, p, 134.

⁵⁸ Idem, p, 140.

No combate à ociosidade e à promiscuidade difundida na sociedade, a massa de pobres que permeava a cidade tornou-se alvo preferido nos discursos das elites que se ratificavam nos dizeres médicos, higienistas, juristas. Para eles a pobreza sempre foi um antro de proliferação de toda a sorte de vadios e malfeitores, “pois mesmo quando o vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-se à pobreza no mesmo indivíduo constitui um justo motivo de terror para a sociedade”⁵⁹.

As “classes pobres haviam sido transformadas em classes perigosas”⁶⁰. Isso ocorre, segundo Sidney Chalhoub, devido à política de suspeição generalizada tomada pelas autoridades brasileiras, ou seja, todo negro teria que ser pobre, malandro e perigoso devido ao fato de serem egressos de cativeiros. Enquanto, todo estrangeiro, principalmente os de nomes estranhos, como os de origem russa ou polonesa, seriam cáftens.

Com a personificação e a devida delimitação, as autoridades brasileiras já possuíam seus focos de combate. Em 1853, sob a aprovação da Câmara Municipal e da Secretaria de Polícia do Rio de Janeiro, os subdelegados deveriam visitar periodicamente os cortiços e estalagens para certificarem-se de que essa categoria de hábitos ambíguos seguisse os preceitos mínimos de higiene, onde os desejos físicos, as águas sujas e outras tantas porcarias fossem conduzidos, de forma adequada, até os locais onde era permitido o despejo, pois, era terminantemente proibido a reserva desses dejetos no interior das residências e a eliminação dos mesmos em buracos cavados nos quintais.

⁵⁹ Anais da Câmara dos Deputados. Vol.07, p.259, sessão 10 de julho de 1888.apud. CHALHOUB, Sidney. “Classes Pobres, Classes perigosas”. In, **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.p, 21.

⁶⁰ CHALHOUB, Sidiney. Loc.cit. p, 20 -28.

No entanto, aos olhos dos reformistas, essas medidas ainda pareciam ser um tanto complacentes e ineficazes, porque as mazelas ainda se faziam presentes, encravadas no seio da cidade, ameaçando a saúde de todo cidadão que se aventurasse transitar pelas ruas do centro do Rio de Janeiro.

Os cortiços, bodegas, as ruas, becos e esquinas, na linguagem da estigmatização, eram os locais de enclaves sociais dos pobres, degenerados, malandros, vagabundos, que comprometiam o saneamento da cidade.

Em tais maus lugares, prostitutas vizinham com bêbados, e uma forma de transgressão se vê associada à outra. Proporciona-se o deslizamento de um registro linguístico para outro, no mesmo patamar de uniformização pejorativa⁶¹.

Vale salientar que esses locais vistos como antros da degeneração outrora haviam abrigado parte da rica corte brasileira. As grandes mansões com seus vastos terrenos, encravadas no centro da cidade aos poucos foram perdendo seu luxo e magnitude para dar lugar a um conglomerado de cubículos, repleto de famílias numerosas que os chamavam de casa⁶². Esses cortiços, estalagens ou casas de pensão, como eram chamados, eram comumente descritos como locais escuros, mal frequentados, barulhentos e repletos de ordens subversivas.

Essas percepções serviram de justificativa para a destruição desses antros disseminadores de doenças. O símbolo desse brutal processo de

⁶¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Outra Cidade: O Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2001. p, 49.

⁶² Esses conglomerados habitacionais, popularmente chamados de cortiços, disseminou-se pelas cidades brasileiras no início do século XX, devido ao inchaço populacional proveniente do fim da escravidão e pela crescente imigração oriunda de países europeus.

desapropriação e demonstração de força por parte do governo foi a demolição do afamado cortiço Cabeça de Porco, em 1893.

Enfim, as antigas casas, cortiços e ruas, antros disseminadores de doenças, estavam sendo postos à baixo com o aval de médicos e sanitaristas que viam nesses locais um terreno fértil para a proliferação de doenças. No entanto, a reforma urbano sanitária do Rio de Janeiro mostrou-se um tanto ineficaz, segundo Paulo César Garcez⁶³, em sua análise sobre habitações. Para o autor, isso teria ocorrido devido às limitações das ações e à falta de contingente para a devida efetuação das fiscalizações que deveriam ser realizadas na cidade.

Com a extinção dos cortiços em áreas centrais do Rio de Janeiro, a cidade viu o desabrochar de novas áreas de enclaves sociais. As favelas nasciam como uma afronta aos poderes públicos e às elites, quanto a eficácia das ações para o extermínio das doenças e do pobre e de todos os “males que acomete a sua natureza”.

Recanto de pobre, miserável, malandro, vagabundo, marginal, as favelas constituídas no alto dos morros cariocas se tornaram verdadeiros refúgios para os desabrigados dos cortiços, visto que quanto mais longe estes se mantivessem, tanto melhor seria para a manutenção da salubridade da cidade.

Nos morros, florescia uma nova paisagem composta de incontáveis barracos de madeira que encontraram na malemolência da lei que dizia: “Os barracões toscos não serão permitidos, seja qual for o pretexto de que se lance mão para obtenção de licença, salvo nos morros que ainda não tiverem habitações e

⁶³ MARTINZ, Paulo César Garcez. “Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras”. In, **História da Vida Privada no Brasil**. Coordenação Geral, Fernando A. Novaes; Organizador do Volume, Nicolau Servisenko. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. p, 131 à 214.

mediante licença”⁶⁴. Respaldo para a sua perpetuação, as habitações nos morros proliferam com os destroços das demolições promovidas pelo embelezamento da cidade e assim os excluídos da capital se mantinham lutando pela sua sobrevivência e empregos.

Excluídos dos novos logradouros públicos e com uma pitada de conivência do poder vigente, as favelas proliferaram livremente por entre os morros cariocas. Mas, o que era para ter se silenciado mostrou-se ávido em lutar por seus direitos, como por exemplo, saneamento básico, infraestrutura de casas e ruas, transporte que lhes facilitassem a locomoção até seus trabalhos. Essas reivindicações leva a perceber a introjeção dos ideais elitistas de salubridade difundidos pela cidade no transcurso do século XIX e constituindo-se em novos paradigmas que foram processados ao longo do século XX.

- **Mulheres, percebidas, negadas**

Apesar do século XIX colocar em voga as discussões sobre o corpo e as suas mais diversas facetas; de inspirar a individualidade dos sujeitos; de defrontá-lo à sua imagem com a vulgarização dos espelhos e incentivá-los à contemplação dos prazeres solitários, as mesmas descobertas não se aplicam às mulheres, pois sobre elas, ainda perpetuavam-se os discursos religiosos e a noção de subserviência ao marido e ao pai.

As mulheres reféns de sua imagem, de seu sexo, seu lar, e dos preceitos de uma sociedade patriarcalista, viram os progressos jurídicos do século XIX titubarem diante do rigor familiar que imperava no início do século. Neste

⁶⁴Idem, p.154.

período “o marido tinha, por principio, a faculdade de supervisionar a correspondência de sua esposa”⁶⁵.

No início do século XIX, o ambiente público feminino restringia-se apenas a áreas de convívio social de suas casas e da companhia de seus maridos. Ainda neste período, a mulher foi representada como sendo o inverso do homem, seu corpo e sua sexualidade a fragilizavam, portanto,

As mulheres estavam associadas ao seu “interior”, ao espaço privado não só porque a industrialização permitia que as mulheres da burguesia se definissem exclusivamente por ele, mas também porque a Revolução tinha demonstrado os resultados possíveis (e o perigo para os homens) de uma inversão de ordem ‘natura’⁶⁶.

Daí a elaboração de diversas normas que regeram o comportamento feminino ao longo do século XIX e essas normas marcaram a invasão do público sobre o privado, ditando sobre estes que gestos e vestimentas eram mais adequadas para a hora do dia e o ambiente da casa em que estas deveriam ser usadas.

A roupa branca pertence à esfera do íntimo, as roupas, à esfera do público. Elas estão ligadas às aparências cujo cuidado é um grande dever das mulheres sobretudo das burguesas. A moda, nova forma de civilidade, é um código ao qual convém submeter-se sob pena de cair em desgraça, uma tirania que se exerce sobre o corpo das mulheres a toda hora do dia, a cada mês de estação⁶⁷.

Segundo essas convenções, uma mulher decorosa deveria usar sua camisola, por exemplo, somente dentro do quarto e permitindo-se ser vista unicamente pelo seu amante na alcova, o marido, e jamais por olhos de estranhos. Publicamente, esta deveria andar de cabelos devidamente arrumados, pois

⁶⁵ CORBIN, Alain. Op.cit. p, 388.

⁶⁶ PERROT, Miclelle. Op.cit. p, 45.

⁶⁷ Idem. p, 38.

somente crianças, arrumadeiras e prostitutas o utilizavam solto em cena pública.

O desejo de conservação e o cuidado de proteger-se, o medo da castração, a permanente lembrança da ameaça do desejo realizam aqui um neurótico encontro⁶⁸.

Mas para que entendamos a condição feminina no início do século XIX faz-nos necessário recuar um pouco no tempo. No final do século XVIII e com os adventos da Revolução Francesa, 1789-1799, a história da França foi marcada por intensas agitações sociais e políticas que culminaram na criação e propagação do lema da revolução que era de “igualdade”, “fraternidade” e “liberdade”.

No entanto, esse tema não abrangia todas as camadas da sociedade. Isso porque as mulheres permaneceram prisioneiras de suas residências. Nas obras⁶⁹ do Marques Sade⁷⁰, o cotidiano privado ocupa lugar de honra. Pois é nele em que as mulheres são transformadas em objetos de prazer e algozes para a sociedade masculina. Em seu livro os cento e vinte dias de Sodoma, Sade põe a mulher na mera condição de objeto do prazer masculino, quando um de seus personagens afirma:

[...] Quero uma esposa para poder servir meus caprichos, quero-a para velar um número infinito de pequenos deboches secretos que a capa do casamento maravilhosamente oculta [...]. Nós libertinos, desposamos as mulheres para manter

⁶⁸ CORBIN, Alain. Op.cit. p, 416.

⁶⁹ Mesmo não sendo um referencial de época para análise dos comportamentos e vivências da sociedade que transitava do século XVIII para o XIX, o debruçar-se sobre as obras do Marques de Sade tornou perceptível o binarismo social, público e privado, que se consolidava nesse interstício de século. Nas obras de Sade, o âmbito domiciliar é transformado em um pequeno feudo gerenciado por regras particulares e independentes do mundo exterior, do público.

⁷⁰ Donaghtien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade (1740-1814). Aristocrata francês e escritor libertino foi preso diversas vezes devido ao conteúdo de suas obras e as suas ideias tidas como reacionárias tanto pela monarquia quanto pelos revolucionários. De seu nome surgiu o termo sadismo, que consiste no prazer promovido pela dor física ou moral de seu parceiro.

escravas: como esposas, tornam-se mais submissas do que como amantes, e você sabe o valor que damos⁷¹.

Mas ao mesmo tempo em que Sade reduz a mulher a um mero objeto para o prazer masculino, ele também, em alguma de suas obras, a descreve como nem sempre sendo ingênua e portadora da noção de seus anseios, prazeres e gozos. Em seu conto, *A filosofia na alcova*, Sade descreve a mulher como voluptuosa, calculista e que proclama seus desejos por prazer mediante a utilização de palavras de baixo calão. Segundo essa ótica, binária do comportamento, na visão de Sade, as mulheres não eram tão frágeis como os preceitos dos séculos XVIII e XIX queriam representá-las. Para ele elas inseriam-se de forma sutil em cena pública e política mediante a utilização de suas roupas e de seu sexo.

Apesar da literatura sadiana mostrar a mulher como astuciosa, alcoviteira e maliciosa, ela acaba por ratificar uma ideia há muito difundida na sociedade setecentista e oitocentista, a de que o mundo feminino consagrava-se apenas no âmbito privado e que caso uma dessas práticas viessem a público a honra e a moral feminina estariam manchadas perante a sociedade.

Uma das principais características da Revolução Francesa é a delimitação dos espaços. O público ficaria legado ao homem, com sua força e virilidade, enquanto que o privado guardaria a mulher com sua sensibilidade e vocação para a família. Na crença de que cada sexo havia sido criado para ocupar uma

⁷¹ SADE, Marques de. **Os 120 dias de Sodoma**. São Paulo: Hemus_ Livraria Editora Limitada, 1969, p, 14.

esfera diferente e que “qualquer tentativa em sair de sua esfera estaria condenada ao fracasso”⁷².

Essa existência relacional é para Pierre Bourdieu, resultado do trabalho de construção diacrítica, de práticas e teorias que ocorrem simultaneamente com o intuito de diferenciar os gêneros sob todos os pontos sociais e culturais existentes, “isto é, como habitus viril, é portanto não feminino, ou feminino, é portanto não masculino”⁷³.

A ação pedagógica explícita e expressa ocorre devido ao crescente temor que os homens tinham das mulheres e de sua força regeneradora, pois elas representavam a “*Outra, a estrangeira, a sombra, a noite, a armadilha, a inimiga*”⁷⁴. Apesar da condição feminina do século XIX ser legada ao segundo plano, havia uma teoria que se difundiu pela Europa, principalmente na França, em que reconhece a mulher como portadora do verdadeiro “poder”. De acordo com Michelle Perrot, esse poder feminino é

[...] oculto, escondido, secreto, encoberto pelas sombras, na noite, doce ou maléfico, é da ordem da astúcia que envolve e surpreende. A mulher é a água que dorme, o pântano no qual o guerreiro se afunda, silêncio que dissimula⁷⁵.

O medo da alteridade feminina gerou, no seio da sociedade oitocentista, uma crise de identidade sexual masculina, que segundo Michelle Perrot, culminou em uma dupla reação de misoginia e anti-feminismo moderado, que consistia na difamação, obscenidade, sarcasmo e derrisão. Nesse embate de forças fazia-se necessário limitar e direcionar a abrangência do poder feminino, não

⁷² PERROT, Michelle. Op.cit. p, 54.

⁷³ BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução, Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 34.

⁷⁴ PERROT, Michelle. Op. cit. p. 265

⁷⁵ Idem, p. 266.

só na esfera doméstica, mas também no social onde a mulher teria sua imagem vinculada à filantropia, por suas qualidades na manutenção do lar, a ela foi legada a “gestão privada da questão social”⁷⁶. As mulheres socialmente, eram responsáveis por cuidar, dos pobres, das crianças e dos doentes tornando-se as pioneiras no trabalho social.

A tênue fronteira que separa o mundo público masculino do mundo privado feminino, quando analisados em suas porosidades deixa sutilmente perceber que as especificações de gênero cumprem seu papel, mas, não rege o todo como aparenta ser, pois no exercício do poder as fronteiras mostram-se tênues e maleáveis. Segundo o código civil francês pós Revolução, a condição feminina foi dividida em duas categorias. Na primeira, a mulher solteira ou “mulher maior”, tinha sua independência e plenos direitos garantidos, como direito à herança, contratar empregados, casar-se e divorciar-se. A segunda categoria é composta por mulheres casadas ou ‘mulher menor’, “submissas aos maridos até no segredo de sua correspondência. Se ela trabalha, não recebe nem mesmo seu salário”⁷⁷.

Nesse contexto a mulher é inserida em um dilema social, pois se fica solteira tem seus direitos de igualdade garantidos perante a lei. Contudo, a mesma fica mal vista perante a sociedade que a vê e qualifica ou degenera moralmente. Se casa, essa mulher tem seus direitos subjulgados (incluindo sua individualidade) ao poder do matrimônio, transformando-se na sombra de seus maridos e “prisioneiras” de suas residências.

⁷⁶ Idem, p. 268.

⁷⁷ Idem, p.276.

No Brasil, a mulher e a vida urbana no início do século XIX eram quase inexistente, pois como se sabe, o país tinha conduta social aos moldes da vida rural,

O estilo de vida da elite dominante na sociedade brasileira era marcado por influências do imaginário da aristocracia portuguesa, do cotidiano de fazendeiros e das diferenças e interações sociais definidas pelo sistema escravista⁷⁸.

Para Maria Ângela D’Incao, as mudanças na sociedade brasileira começaram a ocorrer com a consolidação, na segunda metade do século XIX, do modo de vida burguês. Essas mudanças foram responsáveis por reorganizar as “vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas”⁷⁹, sua sociabilidade e sensibilidade. Com a consolidação do modo de vida burguês a mulher brasileira passou a frequentar novos espaços dentro da esfera pública, como bailes, cafés e teatros. Contudo, essa liberdade feminina era vigiada de perto por pais e maridos e a sua “conduta era também submetida aos olhares da sociedade”⁸⁰, forçando-as a aprender a ‘comportar-se em público e a conviver de maneira educada.

Nas residências o público fazia-se presente em cômodos como salas de jantar e salões de festas onde as famílias eram obrigadas a vestir um fino verniz e a ornar-se das mais belas máscaras sociais para “bem- receber e bem-representar diante das visitas”⁸¹. Enquanto que o privado segregava-se

⁷⁸ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORI, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 223.

⁷⁹ Idem, p. 223.

⁸⁰ Idem, p.223.

⁸¹ Idem, p.228.

principalmente nas alcovas, “espaço do segredo e da individualidade”⁸², da explosão de sentimentos de dor, afeto, prazer e desejo.

Na sociedade burguesa brasileira a mulher era condicionada e educada para tornar-se plena com o casamento. No domínio do lar elas são responsáveis pela manutenção do sucesso da família e a elas cabia aumentar o nível e “prestígio social já existente, empurrando o status do grupo familiar mais e mais para cima”⁸³.

A manutenção desse gerenciamento familiar, por parte das mulheres, fazia com que os homens ficassem dependentes da imagem delas, por mais que o homem detivessem a autoridade pública sobre a sua família, garantida por uma sociedade patriarcalista. Enquanto as esposas, mães e filhas eram responsáveis pela manutenção da imagem desses chefes de família em cena pública. O homem que socialmente mostrava-se independente e autônomo, era na verdade refém, segundo Maria Ângela D’Incao, do poder simbólico exercido pelas mulheres em um âmbito privado, pois eles eram “rodeados por um conjunto de mulheres das quais esperava que ajudassem a manter sua posição social”⁸⁴.

Considerada a base moral da sociedade, a mulher da elite, a esposa e a mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma decência saudável e cuidar do comportamento da prole⁸⁵.

⁸² Idem, p.228.

⁸³ Idem. Grifo meu. p.229.

⁸⁴ Idem, p, 230.

⁸⁵ Idem, p, 230.

Enquanto isso, nas classes baixas, as relações sócio-afetivas ocorriam de forma mais flácida, guiada pelo sabor dos desejos. As mulheres de baixa renda tinham, devido a sua condição social, mais liberdade para expressar e experimentar o “amor”. Essa expressão refinada da sexualidade, não lhe gerava constrangimento, “caso a levasse a uma união, não comprometeria as pressões de interesses políticos e econômicos”⁸⁶.

No entanto, a mesma condição social que libertava a mulher de baixa renda para amar, também a transformava em vítima das violências sociais. Durante os anos 1890-1920, período marcado pela *Belle Époque* no Brasil, as mulheres de baixa renda passaram a atrair olhares ávidos por modernidade, de juízes, médicos e cultores de letras para o seu singular modo de vida. “A organização social dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós”⁸⁷, assim como o seu conceito de normas e valores divergiam dos que estavam sendo disseminados pela elite burguesa da época.

A alteridade e as formas de sociabilidade da mulher popular representava um risco para a moralidade da nova sociedade que estava consolidando-se no Brasil. Para isso, foram criadas novas formas de controle que limitassem os modos de sociabilidade dessas mulheres respaldados no dizer médico que ratificava os dizeres fundamentados na diversidade biológica existente entre os sexos, cuja feminilidade consistia na manutenção da “fragilidade, no recato, no

⁸⁶ Idem. p, 234.

⁸⁷ SOIHET, Rachel. **Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano**. In, Michelle Perrot, Op.cit., p. 362.

predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, na subordinação da sexualidade e na vocação maternal”⁸⁸.

Na tentativa de disciplinar essas mulheres, foram criadas diversas medidas judiciais, no final do século XIX, a fim de “incentivá-las” às boas maneiras e aos hábitos sadios. Cogitou-se ainda a criação de leis punitivas contra o adultério praticado por mulheres

[...] não predispostas pela natureza para esse tipo de comportamento. Aquelas dotadas de erotismo intenso e forte inteligência, seriam despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal [...]. Constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social⁸⁹.

Com a intensificação dos policiamentos nas novas ruas e avenidas do centro da cidade, para evitar o livre trânsito, dos pobres e de seus hábitos grosseiros, a rua passou a ser percebida como,

[...] o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas, nesses novos tempos de preocupação com a moralidade como indicação de progresso e civilidade [...] ⁹⁰.

Mas como vigiar os filhos, em especial a moral das meninas, se como provedoras do sustento da família essas mulheres tinham que trabalhar? De acordo com Rachel Soihet, a manutenção dessas exigências era impossível, pois essas mulheres precisavam sair às ruas à procura de meios que as sustentassem. Essas maneiras de sobrevivência implicava a liberdade de

⁸⁸ Idem. Grifo meu. p. 363.

⁸⁹ Idem, p. 363.

⁹⁰ Idem, p.365.

circulação pela cidade, pois dependiam de círculo ativo de informações, bate-papos, leva-e-traz⁹¹.

As mulheres populares, muitas das vezes, por tomarem para si o sustento da família e por circularem livremente no espaço público masculino, eram tachadas pejorativamente de “mulher macho”, “vagabunda”, “desordeiras”, “desbocadas”, “ébricas” e de moral duvidosa. O estereótipo da submissão, fragilidade e recato não lhes cabia, pois, em sua maioria, eram apenas amasiadas. Desinibidas perante o olhar da sociedade elas não temiam brigar nas ruas, pronunciando palavras de baixo calão. Enfim, a imagem de sexo frágil não lhes cabia.

Contudo, ricas ou pobres, as mulheres sonhavam com um casamento formal acompanhadas de seus príncipes, de seus homens amados que lhes tirariam da condição de prisioneiras do lar, para as burguesas e para as mulheres pobres, o sonho era encontrar alguém que tirassem daquela condição de “gatas borralheiras” e lhes garantisse o sustento para a vida. O comum nas duas classes de mulheres é que ambas almejavam a plenitude da estabilidade do casamento.

⁹¹ Idem, p.365.

CAPÍTULO II

Imagens e Reflexos: Manaus no Apagar das Luzes do Século XIX e Crepúsculo do século XX

A mais singela ou ingênua intervenção urbana encerra uma intervenção política e social, pois [... influi, enfim, nas relações sociais e na sociabilidade de cada pessoa.

Milton Hantoum⁹²

⁹² HATOUM, Milton. Cinzas do Norte. São Paulo; Companhia das Letras, 2005. p,20.

Localizada sob a linha do Equador, na confluência de dois rios navegáveis, o Amazonas e o Negro – detentora de extensas áreas de “terras férteis e clima saudável”⁹³, a cidade da Barra do Rio Negro, como Manaus fora chamada até setembro de 1850⁹⁴, surge de forma encantadoramente aos olhos de seus visitantes que aqui aportavam atraídos pelos mais diversos interesses. Dona de “tantos pequenos e grandes fenômenos, contrastes e enigmas”⁹⁵, como definiu o médico naturalista alemão Avé Lallemat⁹⁶, durante a sua passagem pela cidade. Assentada em terreno irregular e entrecortada por igarapés, que em períodos de intensas chuvas transformavam-se em verdadeiros rios caudalosos. Nessa época, Barra foi lentamente desnudada pelos seus visitantes que aos poucos defloravam a virgem e densa floresta que a cercava.

Desnudada de seu véu tropical, a jovem capital da província mostrou-se cheia de problemas estruturais que logo foram percebidos e salientados pelo arguto senso de observação dos viajantes que por ela perpassaram. Dentre eles, os que mais se detiveram em descrever a cidade de Manaus foi o casal suíço Luiz e Elizabeth Cary Agassiz, Robert Avé-Lallemant, Alfred Russel Wallace e Henry Walter Betes.

Apesar de terem passado pela cidade em períodos diferentes, estes não puderam deixar de notar e registrar, em seus diários de viagem, os problemas estruturais pertinentes à cidade. As ruas comumente irregulares e sem nenhum

⁹³ A ideia de uma cidade saudável para se morar se morar foi uma das primeiras Impressões do naturalista Henry Walter Betes sobre a cidade de Manaus durante a sua visita em 1849.

⁹⁴ Sob a homologação da lei de nº 582, proposta pelo então deputado João Batista de Figueiredo Terreiro Aranha, o Amazonas ascende da condição de Comarca para Província em 05 de Setembro de 1850 e tendo como sua capital a cidade de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro, posteriormente renomeada sob a nomenclatura de Manaus.

⁹⁵ Wallace, Alfred Russel. **Viagens pelo Rio Amazonas e Negro**. Belo São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p.109.

⁹⁶ AVÉ- LALLEMANT. Robert. **No Rio Amazonas (1859)**. Tradução de Eduardo Lima Castro. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

tipo de calçamento, em sua grande maioria, “são esburacadas e cheias de altos e baixos, tornando bem desagradável o ato de caminhar por elas à noite”⁹⁷. As casas eram assoalhadas de tijolos e cobertas por telhas vermelhas, suas paredes pintadas eram comumente pintadas de branco ou amarelo, enquanto que suas portas e janelas recebiam a cor verde. Um senso comum a esses senhores era o de que a cidade parecia ter parado no tempo “com suas verdes matas que descem até ao manso igarapé”⁹⁸ parecendo transformar-se em uma antítese dos ideais almejados pelos políticos e burgueses da corte Imperial. Vale salientar que apesar da elevação do Amazonas à Categoria de Província ter ocorrido em 1850, o Primeiro Presidente da infante província só foi empossado em setembro de 1852, quando João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha chegou à cidade. Contudo, segundo relatos dos viajantes, ninguém nela parecia apressar-se em engrandecê-la. “O chamado palácio do presidente parecia mofar um tanto maliciosamente do seu nome e se sustinha sobre pés fracos”⁹⁹.

Para o naturalista suíço, Luiz Agassiz, durante sua expedição pelo Brasil em companhia de sua esposa Elizabeth Agassiz, no transcurso dos anos de 1865 e 1866, exatos quinze anos após a ascensão de Manaus à capital da Província, a cidade mostrou-se, como eles definiram, repleta de castelos oscilantes ornados com nomes de repartições públicas, como Tesouraria, Correios e Alfândega.

⁹⁷ WALLACE, Alfred Russel. Idem, p, 109.

⁹⁸ AGASSIZ, Luiz. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Tradução de João Etienne Filho. Apresentação de Eduardo Guimarães Ferri. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 127.

⁹⁹ Idem. p, 127.

Desvelada e confrontada com suas mazelas, a Manaus percebida e entendida pelos seus ilustres estrangeiros, era uma cidade acanhada e insignificante como um diamante bruto recém-descoberto à espera de seu dilapidador. Entretanto esses mesmos visitantes, cronistas, aventureiros e naturalistas pareciam gozar do mesmo pensar, quanto a presente insignificância da capital da Província. Munidos de ideais visionários, ressaltavam que futuramente esta poderia vir a se tornar um “grande centro comercial e de navegação”¹⁰⁰ permitindo o livre trânsito de pessoas e embarcações, que, de todas “as nações do globo vinham buscar a sua parcela dos ricos produtos desta bacia”¹⁰¹.

Neste capítulo procuro investigar e confrontar alguns dos olhares que foram lançados sobre a capital da província do Amazonas no decurso da segunda metade do século XIX e primórdios do século XX, onde esses olhares mostravam-se permeados de conceitos, crenças e tradições. Muitos desses olhares foram retratados e percebidos nos relatos de viajantes, relatórios de Província e jornais.

A utilização dessas fontes permite identificar como esses olhares percebiam, liam e construíam a imagem da cidade de Manaus. Objetivando trabalhar, em concordância, parte da bibliografia lida com os relatos dos viajantes e relatos de província, em um primeiro momento, para em um segundo, confrontá-los com jornais locais juntamente com os códigos de postura que veicularam na cidade durante esse período. E assim analisar quais eram os sistemas de

¹⁰⁰ Idem, p, 127.

¹⁰¹ Idem, p, 127.

valores morais vigentes em Manaus, sua relação entre o público e o privado, o lícito e o ilícito na relação com os corpos, especialmente os femininos.

No entanto, é importante salientar, que apesar de todos os olhares estarem voltados para um mesmo objeto, a cidade de Manaus, essas fontes de pesquisa diferenciam-se na forma como construíram seus olhares sobre a cidade e, principalmente, sobre ao público que almejavam atingir. Os viajantes, em sua grande maioria, estrangeiros ávidos do diferente e, do pitoresco, versavam para um público que provinha de um universo europeu do século XIX. Pessoas que viam e experimentavam o “além mundo” pelo olhar desses pesquisadores aventureiros. Enquanto que os jornais e os relatórios de província e, posteriormente, dos governadores, estão inseridos na cultura local.

- **Entre olhares: A Manaus que os viajantes perceberam**

Uma das percepções comuns aos viajantes que visitaram a cidade de Manaus ao longo do século XIX foi a de que tanto o poder público quanto os próprios habitantes da cidade não demonstravam interesse em engrandecê-la, pareciam estar sempre à espera de algum grande evento que a alavancasse e a modernizasse. “Até que essa qualquer coisa chegasse” a cidade continuaria a ostentar suas belezas naturais, mostrando-se virginalmente mais

[...] alegre e atraente. Por toda parte a natureza acumula bananeiras, palmeiras, jenipapeiros, laranjeiras, etc, até junto das casas do brancos e dos fuscas, sem considerar as pessoas.¹⁰²

¹⁰² AVÉ-LALLEMANT. Robert. Idem. p, 109.

Para o naturalista inglês Alfred Russel Wallace, que esteve na cidade em 1849, período que antecedeu a elevação do Amazonas a categoria de província, segundo informações que obteve ao conversar com as pessoas, a cidade da Barra havia experimentado seu esplendor ainda no início do século XIX, mais ou menos por volta de 1809. Mas no transcurso dos anos subseqüente, a cidade experimentou uma terrível decadência fazendo com que seus moradores passassem por privações de todos os gêneros, desde os de primeira necessidade até os supérfluos que vinham importados do Pará e da Europa.

A justificativa para essa decadência, segundo as investigações de Wallace, na qual a cidade estava imersa, teria sido provocada pela crescente desconfiança oriunda da “esperteza indígena”. Pois os índios ao tomarem conhecimento de seus direitos legais, de que não podiam ser forçados a trabalhar, abandonaram seus postos de trabalho e a cidade fazendo com que esta caísse em profunda desordem econômica.

Ao regressar a Manaus em 1850, após a elevação do Amazonas à categoria de província, percebe-se através do desânimo de suas observações, que a cidade encontrava-se em estado de depauperamento mais grave do que quando a havia deixado no ano anterior. Este parecer fez-se notável quando Wallace salienta o agravamento da decadência que havia encontrado a residência do presidente.

A justificativa para o depauperamento da cidade teria sido a falta de recebimento de provisões há meses, o que teria acarretado no esgotamento dos suprimentos da cidade. Ao caminhar por ela, o naturalista pôde constatar a

“impossibilidade de encontrar pão, biscoito, farinha, e até a cachaça”¹⁰³. A bebida muito apreciada pelos moradores da região estava sendo racionada, “sendo vendida apenas às doses, em mínima quantidade”¹⁰⁴. Fazendo com que o naturalista repensasse sobre as condições habitacionais da cidade.

Nessas circunstâncias, pode-se bem imaginar que Barra não fosse de fato a melhor cidade do mundo para se morar. Além de sua normal inexistência de divertimento e de acontecimentos sociais, seus moradores tinham ainda que suportar a grave escassez dos artigos de primeira necessidade¹⁰⁵.

Para o naturalista inglês, o único diferencial que o título de capital da província trouxe para a cidade, foi um acúmulo de almofadinhas e janotas, sustentados com o dinheiro do povo e “incapazes de escrever uma dúzia de palavras, para preencher em formulário impresso, sem cometer erros ou fazer borrões na folha”¹⁰⁶. Ainda sobre os aspectos físicos da cidade de Manaus, jornais, como o *Estrella do Amazonas*, que veiculou no transcurso dos anos de 1854 e 1863, mostrava-se - consciente e ao mesmo - tempo condescendentes com as dificuldades enfrentadas pela administração da província, mas esperançosos quanto às possíveis melhorias que poderia implementar na cidade, tecendo a seguinte observação;

Quanto aos melhoramentos que dependem dos esforços e da boa vontade dos homens, cremos que também não temos razão de queixa. Ainda muito lenta é a nossa marcha na estrada que deve conduzir-nos à posição de verdadeira grandeza; mas pode a justiça que igualmente reconhecemos que todo o zelo, todo o patriotismo dos Poderes constituídos não podem ser por si só bastante para transformar de repente as condições e circunstâncias de território vastíssimo, pela maior parte inculto e despovoado, e por fazer entrar os habitantes no efetivo gozo de todas aquelas vantagens que cabem aos povos mais adiantados em civilização.

¹⁰³ Wallace, Alfred Russel. Op.cit. p, 109.

¹⁰⁴ Idem, p, 109.

¹⁰⁵ Idem, p, 232.

¹⁰⁶ Idem, p, 231.

É empresa de muitos annos, e até de séculos; estando dados felizmente os primeiros passos, dures os seguintes tornar-se dia em dia menos difficeis.¹⁰⁷

O primeiro Presidente da província, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, acreditava que as adversidades da região podiam ser contornadas mediante trabalho duro e incentivo ao trabalho fabril, haja vista, que este figurava os primeiros passos da cidade rumo à modernidade, mesmo sendo este pertencente a uma

[...], província tão pobre de braços como rica em recursos naturais e onde a natureza lhe oferece os mananciais de abundancia e todas as delicias, o incentivo à produção, mais idustriosa e civilizada, crescesse, razão do aumento do trabalho e das comunicações¹⁰⁸.

Pode-se perceber com a fala do Presidente, que a ideia do novo, do moderno, de progresso e civilidade já se fazia presente nos anseios de parte da população da província. Os espaços que antes eram de convívio comum a todos, passou a ser modificado e estratificado conforme os interesses da pequena burguesia local. “A modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais, como também espirituais e culturais”¹⁰⁹.

Já para o médico alemão Robert Avé-Lallemant, que esteve de passagem pela cidade no ano de 1859, para dar seguimento a suas pesquisas, tinha um

¹⁰⁷ Estrella do Amazonas. 04 de janeiro de 1854. 7º trimestre nº73. Cidade da Barra do Rio Negro na Typ. de M.da S.Ramos. p, 03.

¹⁰⁸ ARANHA, João Baptista de Figueiredo Tenreiro. Falla do Presidente de Província. Apud. COSTA, Cybele Moraes. **A Construção da Província do Amazonas e sua Instrução no Campo da Saúde Pública**. Anpuh, 2009. p, 02.

¹⁰⁹ DIAS. Edneia Mascarenhas. **A Ilusão de Fausto: Manaus – 1890-1920**. Manaus, Editora Valer, 2007. p, 28.

pensar diferenciado do inglês Wallace. Para o médico alemão a presença da instituição lhe parecia aprazível aos olhos, pois a ela iria trazer lucros para a cidade, como por exemplo, o aumento do fluxo de pessoas educadas e também o aumento do número de comerciantes especuladores e com a exportação de produtos.

Na qualidade de médico, Avé-lallemant pôde observar a sociedade manauara mais estreitamente, atestando algumas das ineficiências existentes na cidade. Em seu relato, é perceptível notar, em meio à satirização da paisagem feita por ele, a ineficiência e precariedade do sistema sanitário da cidade, quando diz, que sem preconceito, os urubus pousavam sobre as casas de brancos e fuscões, e correm de um lado para o outro parcialmente a zelar da melhor forma possível pela limpeza pública da cidade.

Outro agravante da difícil vida na região, para ele, era a crescente natalidade das famílias, as mulheres pareciam parir um filho ao ano pois,

As crianças pulavam em toda parte em Manaus; e parece realmente que os urubus, os abutres, que tem a importância e gozam do mesmo prestígio da nossa cegonha nórdica, exercem nas margens do Rio Negro, no que concerne a trazer as crianças, as mesmas funções que a cegonha do honrado Klaus Groth, no pântano de Schleswing- Holstein.¹¹⁰

Apesar dessas peculiaridades regionais, o famigerado século XIX, conhecido por sua avidez de degustar o novo e, de atração pelo corpo, aporta em Manaus de forma acanhada e quase despercebida, fazendo-se notar somente por aqueles que o conheciam de outras paragens. Sua presença pôde ser percebida, ainda durante a primeira metade do século XIX, através dos sólidos

¹¹⁰ AVÉ-LALLEMANT. Op.cit. p,105.

edifícios em estilo europeu, nos vapores e nas caras brancas que bocejam nas soleiras de suas casas. Diante dessas pequenas nuances, Avé-Lallemant indaga - se é o “europeísmo que avança, ou a floresta virgem que se afasta cada vez mais” ¹¹¹.

A segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, período que abrange os anos de 1852, após a chegada do primeiro Presidente de Província, até 1920, durante o período áureo da borracha, para a sociedade manauara, vê essa época como um divisor de águas, devido a uma sucessão de eventos como a nomeação de Manaus à capital da infante província do Amazonas; a nomeação de João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha como presidente da província; a instauração de um aparelho administrativo acompanhado de seus incontáveis funcionários públicos e pela crescente produção e exportação de látex na região. Tudo isso colaborou para a disseminação do vírus cosmopolita que se encontrava latente. Pois é nesse período que o homem passa a experimentar uma leve noção do que seria a individualização do ser, e quando ele passa a lutar para ter efetivamente um domínio de seu corpo.

Esse interstício de século que marcou a história da cidade de Manaus, período que também se encontrava cheio de paradoxos, estigmatizado pelo aflorar de novas ideias, conceitos e normas que passaram a reger os modos das pessoas da cidade, e a maneira de ser e de portar-se em público, isto é, socialmente. O não cumprimento das normas de “bem viver em sociedade” acarretaria para a pessoa que a infringisse em uma reprimenda pública, através das páginas dos periódicos que circulavam neste período na cidade de Manaus.

¹¹¹ Idem, p, 100.

Pessoas residentes nas ruas Dr. Moreira e dos Andradas, imediações dos botequins Pega e Pucha, Nova Crença e Pauliceia pedem-nos atenção de quem competir providenciar sobre o constante abuso que por alli praticam, indivíduos desocupados, dando tiros de revolver a esmo, que fazendo outras tripolias, o que trazido em continuo sobresalto os moradores daquelle trechoda cidade. Nos três botequins referidos é onde fazem os perturbadores do socego publico¹¹².

Difusores e vigilantes desse novo pensar e aliados da nova burguesia¹¹³, os jornais manauaras trataram disseminar, através de suas páginas, os novos agentes de controle social fundamentado nos códigos de postura, nos dizeres médicos e higienistas. Assim Manaus lega ao passado a imagem que fora atribuída pelos seus visitantes estrangeiros, de pequena cidade burlesca com aparência de vilarejo cujo pitoresco aquarelava-se pelas ruas e confundia-se com o europeísmo indolente que lhe havia brotado das entranhas.

Mesmo com as várias mudanças sofridas pela cidade, ainda no segundo quarto da primeira metade do século XIX, como a construção da Igreja da Matriz¹¹⁴ e o calçamento de algumas avenidas, as mesmas passaram despercebidas diante do olhar de naturalistas, como a expedição do zoólogo suíço Luiz Cary Agassiz e de sua esposa Elizabeth e de mais quinze membros que compunham a expedição.

Em 1865, ao confrontarem a cidade, Elizabeth Agassiz, que atuou como cronista da expedição, faz importantes considerações, que em muitos momentos, chegam a contradizer o discurso progressista modernizador dos

¹¹² Queixas do Povo. Jornal do Comercio 16 de novembro de 1910. p, 02.

¹¹³ Quando me refiro à nova burguesia manauara, remeto-me as inúmeras pessoas que migraram para a cidade com a função de compor o corpo público da Província e para tentar a vida na exploração da floresta. Essas pessoas segundo Avé-Lallemant já gozavam de educação e gosto refinado.

¹¹⁴ Por volta de 1858 é inaugurada a pedra fundamental para a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

burgueses e políticos locais, quando diz que a cidade é um aglomerado de casas em ruínas de prédios oscilantes, de quase nenhum entretenimento e ambiente em que as pessoas pudessem comungar suas experiências cotidianas e caminhar ao ar livre.

Em concordância com o casal Agassiz, o francês Aguste Biard descreve Manaus como sendo uma “pequena localidade, cheia de subidas e descidas, onde as ruas são esteiras de capim”¹¹⁵, salientando a dificuldade de andar estas devido grande quantidade de pedregulhos que tornava difícil o caminhar sem tropeços.

A justificava para o lento avanço das obras de melhoramento da cidade seria segundo os representantes de órgãos públicos, como Repartição de Obras Publicas ¹¹⁶, seria a dificuldade em encontrar mão de obra qualificada para a execução dos serviços pela cidade, pois a que existia já estava empregada em outras obras públicas.

Mas foi durante o governo de Eduardo Ribeiro, 1892-1910, que Manaus experimentou seu apogeu econômico, devido à crescente valorização da borracha, o que acabou por colocar a cidade em voga no Brasil e no mundo, atraindo olhares ávidos para a riqueza que brotava das entranhas das árvores da seringueira.

Acanhada e modesta, Manaus, não possuía infraestrutura para assumir seu posto de “capital mundial da borracha”, pois sua urbanidade estava restrita a um,

¹¹⁵ BIARD, Aguste François. **Dois anos no Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. p. 177.

¹¹⁶ MORAES, Carlos. Relatório da Repartição de Obras Públicas. 1859. p, 01.

[...], porto precário, trapiches de madeira, rudimentares pontes de madeira no centro da cidade, prédios públicos em ruína ou construídos fora do estilo que a modernidade exigia, ruas estreitas e desniveladas, calçamentos irregulares de madeira, sem rede de esgoto, iluminação a gás, sem saneamento, com um serviço de navegação deficiente.¹¹⁷

A urbes dos trópicos¹¹⁸ urgia em adaptar-se à sua nova função, e para isso, teve que “substituir a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a iluminação a gás pela luz elétrica”¹¹⁹, pois a “civilidade almejada é mais que um mecanismo de controle efetuado através de terceiras pessoas, é convertido, de vários aspectos, em autocontrole”¹²⁰.

É preciso notar que esse sutil controle diluía-se por entre as esquinas e becos escuros da sociedade de forma difusa e constante, formando um complexo sistema de elementos compensatórios, que hora se “corrige, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias”¹²¹. Esse complexo jogo de controle pode ser chamado de “código de moral”, que difundiu-se pelas sociedades travestido de “código de postura”, cuja principal função é agir diretamente sobre o comportamento do indivíduos em relação às noções de valores que lhes são propostas.

Ao fim das últimas décadas do século XIX, a cidade ver-se segregar não somente os indivíduos e seus corpos, mas as classes sociais e também os

¹¹⁷ DIAS, Edineia Mascarenhas, Op.cit. p, 34.

¹¹⁸ Nesse mesmo período em que Manaus ascendia economicamente para o Brasil e o mundo, São Paulo saía da décima posição para a segunda de estado mais populoso do Brasil, seguido por Belém, Capital do estado do Pará, que conquistara nesse mesmo período a quarta colocação de cidade populosa totalizando 61.997 habitantes. Para mais informações, consultar MESQUITA, Otoni. **La Belle Vitrine: Manaus entre Dois Tempos (1890-1900)**. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas.2009. p, 180 a 190.

¹¹⁹ DIAS, Edineia Mascarenhas. Op.cit. p, 29.

¹²⁰ ELIAS, Nobet. “Do controle ao Autocontrole”. In, **O Processo Civilizador**. Tradução da versão inglesa, Rey Jungman; apresentação e notas, Renato Janaine Ribeiro_ Rio de Janeiro Jorge Zahar 1993. p, 193.

¹²¹ FOUCAULT, Michel. “Moral e Prática de Si”. In, **História da Sexualidade II: Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1984. p, 26.

espaços públicos e privados que precisavam ser devidamente delimitados, haja vista, que era imprescindível acompanhar-se “da geografia da exclusão e segregação social, que acabe em bairros distintos os diversos seguimentos da sociedade”¹²², pois o privado não pode mais ser confundido com a domesticidade, acorrentado assim na harmonização das clivagens sociais.

Para Otoni de M. Mesquita¹²³, em sua análise sobre a resignificação da cidade de Manaus, esse processo se fez imprescindível para a consolidação da nova urbes, já que a construção do espaço real requer um processo contínuo por uma série de relações representativas capaz de extirpar qualquer suspeita de insalubridade existente para a época. Como, por exemplo, a reformulação do conceito de higiene, a construção de parques, ruas, jardins, praças, aterros de igarapés e construção de pontes.

Diante do que se considerava uma cidade de modos civilizados que irradiava cosmopolitismo, no final da década de noventa do século XIX, em sua fala anual, de julho de 1898, o Governador Fileto Pires, mantivera em seu discurso as metas e desejos de engrandecer e desenvolver o Estado, proferidas pelo seu antecessor Eduardo Ribeiro, reafirmando com as mesmas palavras estar convencido da

[...], necessidade do embellezamento de Manaós, de sua reforma, de modo a offerecer áquelles que á procuram um centro de atração agradável benéfico e

¹²² MARINS, Paulo César Garcez., Op.cit. p, 136.

¹²³ MESQUITA, Otoni de Moreira. **La Bellé Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)**. EDUA, 2009. Manaus –Am. Essa ação de embelezamento da cidade de Manaus, pode ser entendida também como um atropelo da cultura local, (que ficou preservada por um bom tempo devido a sua localização) em detrimento da adequação das pessoas e da própria urbes manauara aos novos preceitos de prosperidade e modernidade.

vantajoso, assim, apoio os esforços do estado no sentido de dota-lo de tudo o que possa facilitar essa desejada comodidade ¹²⁴.

Ainda sobre essa ótica modernizadora, Ramalho Junior, sucessor de Fileto Pires, lançando um olhar visionário sobre a cidade de Manaus e sua população, acreditava que a cultura era indispensável na preservação da memória de um povo. Ao defender que o governo assumisse a Academia Amazonense de Belas Artes, utilizando-se do seguinte argumento:

As artes são quiçá o maior symptoma as vitalidade de povo, é pelo monumentos que se julga de uma civilização; a história nos ensina que são eles que perpetuam a memória das nações ¹²⁵.

Respaldados sob a ótica de um discurso progressista que proliferou pelo Brasil durante o século XIX, esses governadores (Eduardo Ribeiro, Fileto Pires e Ramalho Junior), foram os principais responsáveis pela rápida transformação estética da cidade de Manaus. Deram a ela uma imagem mais atualizada dos conceitos de “civilidade” da época. Conceitos esses, moldados segundo a trilogia das ações de *embelezamento, segurança e modernidade*¹²⁶. Manaus ascendia do status de lugarejo insalubre que parecia ter parado no tempo, para uma capital moderna em seus aspectos tecnológicos, tais como, iluminação elétrica, distribuição de água potável, redes de esgoto, transporte coletivo e construções de pontes que favoreciam a expansão da cidade para outras direções.

¹²⁴ RAMALHO JUNIOR, José. Mensagem emitida em 10 de julho de 1898. Apud. MESQUITA, Otoni de Moreira. Op.cit. p, 194.

¹²⁵ Idem, p, 194.

¹²⁶ Idem, p, 362.

Seguindo os princípios de ressignificação estrutural e social, o embelezamento da cidade somado a introdução desses serviços moldados segundo os códigos de postura vigentes, serviram de propaganda de longo alcance, no qual, mostrava através de ações realizadas, a vitória da civilização sobre a barbárie onde a cidade ganhava, naquele momento, uma projeção nacional, ficando entre uma das únicas cidades brasileiras ¹²⁷ a gozar de redes elétricas e linhas de bonde.

A modernização também tinha como objetivo deixar a cidade mais atrativa para o público externo, europeus, brasileiros de outras localidades, numa tentativa de romper com o isolamento geográfico que a região impunha e de incentivar a civilidade da população local através dos “refinados hábitos” desses estrangeiros.

A chegada desses migrantes e imigrantes de modos tão distintos ocorreu em dois momentos. Primeiramente, durante o processo de consolidação da província e acelerando-se durante o governo de Eduardo Ribeiro. E posteriormente, durante a era Vargas, quando o Governo Federal incentivou os trabalhadores de diversas partes do país a virem tentar a sorte na Amazônia para “povoá-la” ¹²⁸. Esse processo migratório ocorrido seria uma das principais justificativas para a fácil adesão populacional para às mudanças empreendidas por toda a cidade.

¹²⁷ Nesse período, além de Manaus, somente Rio de Janeiro e São Paulo dispunham de redes elétricas e linhas de bonde _ Para mais informações consultar MESQUITA, Otoni de Moreira. Op.cit. p, 366.

¹²⁸ As migrações nordestinas para Amazônia sempre estiveram ligadas às questões de conflitos no campo, coincidindo com os períodos de seca, e os pequenos agricultores são os que primeiro sentem os efeitos da mesma. Mais informações, NASCIMENTO, Maria das Graças. “**Migrações nordestinas para a Amazônia**”. In, Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente. Dez. n° 02. Vol. 02. 1998.

No entanto, essas mudanças implementadas em Manaus vieram acompanhadas de uma série de normas que visavam ao adestramento da população local, onde o não cumprimento dessas normas poderia acarretar no pagamento de multas e subsequente prisão. Esse surto de modernidade fez com que fosse desconstruído o conceito de que a cidade é composta unicamente de estruturas rígidas, que servem apenas de cenário para a vida humana, apresentando-se como uma obra moldável.

Essa maleabilidade da estrutura das cidades pode ser definida como um ato bilateral, no qual o criador se constrói em conjunto com a criação, podendo ser entendido e explicado como,

[...] uma poderosa operação capaz de transformar as duas partes envolvidas no processo. Ao mesmo tempo em que o homem atua transformando a matéria e domina a técnica, dando uma configuração pessoal a sua obra, ele é envolvido por um conjunto de experiências.¹²⁹

Contudo, essas experiências não condizem mais com os interesses dos agentes da modernidade _ cultores de letra, jornalistas, comerciantes, artistas, clero, políticos e médicos que apoiados no cientificismo racionalista do século XIX, questionavam os usos e costumes da população da cidade de Manaus.

As transformações iniciadas durante o governo de Eduardo Ribeiro propiciaram, segundo Edineia Mascarenhas, o surgimento e a diversificação de novas atividades e ofícios; além de novas casas comerciais que expunham em seus mercados os mais diversos produtos lançados na Europa. Essa dinamização do comércio da cidade foi um outro fator que pressionou e exigiu

¹²⁹ MESQUITA, Otoni de Moreira. Op.cit. p,134.

da municipalidade uma série de medidas e normas que legitimasse o trabalho urbano.

Esse confronto entre a cidade idealizada e a cidade de contradições, onde o novo coabitava com o antigo, gerou uma preocupação com a moralidade pública. Os governantes do estado do Amazonas intensificaram o discurso sobre o que seria lícito e não ilícito perante a vida pública de cada cidadão manauara. Intensificando o controle sobre os corpos sociais através da demarcação do espaço público sobre o privado.

- **À margem da margem: aqui todos mandriam**

A ambiguidade gerada pelo século XIX, permeada de confrontos entre o público e o privado, refletia uma sociedade que ainda estava se moldando conforme os novos códigos de “ser e estar” propagados pelos ideais que se proliferavam nesse século. As pessoas, com um crescente senso de individualização, insurgem-se cada vez mais contra as disciplinas da coletividade e “as servidões familiares ou locais, expondo suas necessidades de um tempo e espaço para si”¹³⁰. O desejo da individualidade torna-se um vício em que todos querem degustar.

O século XIX trouxe uma nova forma de ver e viver a sociedade. A cidade passou a ser vista e entendida como um corpo social que precisa ser protegido

¹³⁰ CORBIN, Alain. Op.cit. p, 393.

de um “modo quase médico”¹³¹. A cura pelo suplício¹³² foi substituída por métodos de assepsia, criminologia, e a exclusão dos indesejados.

Essa camada de indesejáveis que precisava ser combatida era formada, em grande maioria por trabalhadores pobres, intelectuais, migrantes e imigrantes, enfim, por todos aqueles que agiam de forma independente ou não obedeciam aos códigos de postura vigente na época. Segundo esses códigos o,

Indivíduo que viver sem industria, renda, emprego, ou profissão habitual certa, honesta e suficiente é considerado vadio e vagabundo e como tal obrigado desde que for intimado pelo fiscal a tomar uma ocupação honesta dentro de quinze dias e no fim deste tempo deve provar ter tomado um emprego ou ocupação que lhe garanta a subsistência¹³³

Os discursos normalizadores vinculados sobre as superfícies dos séculos XIX e XX construíram os dizeres e fazeres masculinos fundamentados no mundo da razão e da moral. Para isso, o homem probo e de gestos contidos era o ideal a ser alcançado, experimentado e vivenciado em sociedade. As imagens e as representações sobre a masculinidade difundidas nesse período, não condizia muitas das vezes com o portar social desses indivíduos no cotidiano, ocasionando o embate entre as forças modernizantes e os sujeitos sociais que afloravam na superfície.

A problemática do marginalizado, das suas práticas sócio-afetivas e as tensões causadas, suscitou, no transcurso dos séculos XIX e XX, intensos debates nos mais diferentes segmentos da sociedade e suas representações.

¹³¹ FOUCAULT, Michel. Op.cit. p, 145.

¹³² O suplício do corpo, significava principalmente para a Igreja católica, na redenção da alma. Este conceito católico vigorou até mais ou menos a primeira metade do século XVIII juntamente com os Tribunais de Inquisição.

¹³³ Código de Postura de 1890. Apud. DIAS, Edineia Mascarenhas. Op.cit. p. 30.

Nesse ínterim, a cidade de Manaus, não ficou imune aos saberes cosmopolitas. Dizeres e fazeres estes, que se construíram na tessitura do mundo urbano da sociedade manauara desse período.

Mas para que se possa entender de que forma e como ocorreu o processo de constituição e representação da marginalização de uma parcela da população manauara, faz-se necessário voltar aos relatos dos viajantes estrangeiros que passaram pela cidade no transcurso do final do segundo quarto da primeira metade do século XIX e início da segunda metade do mesmo. Ao compartilharem o cotidiano com a população local, mesmo que por um curto espaço de tempo, esses senhores teceram diversas observações que culminaram, muitas vezes, na formulação de juízos éticos e morais sobre o dia-a-dia da população manauara.

Isso foi possível devido à bagagem teórica que estes trouxeram juntamente com suas aquarelas, frascos, máquinas fotográficas, papéis e canetas. Muitas dessas teorias das quais esses naturalistas eram adeptos pregavam a segregação das raças através do “poligenismo”, ou seja, calculava-se a evolução de uma raça conforme a intensidade da miscigenação genética e do clima de cada região. Pois acreditavam que a evolução de um determinado povo só seria possível através de três fatores distintos e complementares em que “a raça é a chave, depois o clima, seguido pela história”¹³⁴.

Mas ao serem confrontados com o cotidiano da população manauara (e mesmo da região norte, como eles enfatizam em seus relatos), julgam que ali,

¹³⁴ HALES, Charles A. “**As Ideias Políticas e Sociais na América Latina (1870-1930)**”. In, BETHELL, Leslie (Org). História da América Latina, V.IV. de 1870 à 1930. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p, 364.

em Manaus, a civilização havia se misturado com os hábitos dos locais, neste caso, como os dos indígenas. Durante sua visita à cidade da Barra, em 1849, Wallace salienta que a população da cidade em torno de cinco a seis mil pessoas, é composta em sua maioria por índios e mestiços. Com isso, ele chega à conclusão de que “é bem possível que não exista aqui uma única pessoa dentre as nascidas no local de sangue inteiramente europeu, tão considerável foi a miscigenação entre portugueses e índios”¹³⁵. Ainda sobre as impressões sobre os homens civilizados da região, o naturalista inglês os descreve como sendo em sua grande maioria como donos de pequenos comércios e que passam o dia a beber e jogar, levando a crer que a maioria deles jamais abriu um livro e que os mesmos eram desconhecedores das artes intelectuais, preocupando-se apenas com amenidades, como, por exemplo, a moda da Europa e da Capital do país.

Em concordância com Wallace, o também naturalista inglês Walter Betes, satiriza quanto ao número de pequenas vendas tão perto uma das outras, comparando a aptidão para o comércio entre portugueses e ingleses afirmando não entender porque esses senhores, forte e robustos, não se dedicavam a negócios mais rentáveis como a agricultura. E quando questionados eles alegavam faltar mão- de- obra¹³⁶.

Apesar das deliberações para com a bebida e o jogo, mesmo que feito em pequena escala pelos civilizados, os homens da região são bastante trabalhadores, porém, lentos e desorganizados. Segundo as observações de

¹³⁵ WALLACE, Alfred Russel. Op.cit. p, 110.

¹³⁶ A abolição do trabalho compulsório indígena teria ocorrido em 06 de junho de 1755, lei esta válida primeiramente para o estado do Grão-Pará. Somente em 1758 é que esta teria sido ampliada para o estado do Brasil.

Wallace, o trabalho destes não rendia devido à falta de racionalização. Ao seu ver as pessoas deveriam cada uma exercer uma atividade distinta e depois deveriam trocar o produto excedente de seu trabalho específico por algo que lhes estivesse em falta. A justificativa para tal desinteresse e falta de racionalização seria que,

[...], morando em lugar onde o alimento é praticamente de graça, todo o trabalho de um homem não lhe rendia mais do que meio xelim por semana, o que permitia senão adquirir algumas escassas peças de vestuário, e nada mais¹³⁷.

Analisando sobre a trilogia de raça, clima e história, Wallace isenta a natureza como influência negativa para o desenvolvimento econômico da região legando a culpa aos habitantes da região, que por falta de interesse e racionalização dos serviços não a desenvolviam de forma adequada.

Um outro agravante para esse desinteresse de desenvolver uma região tão próspera, segundo Wallace, estaria pertinente ao desequilíbrio ético e moral de uma população dedicada ao comércio, que seria a manutenção de três vícios “a bebida, o jogo e a mentira”, pois

[...]. Assim, não é admirar-se que a maior parte desses homens seja mais ou menos inclinada a bebida. E quando eles podem adquirir a crédito uma boa quantidade de vinho e cachaça, não há de ser com isso que terão motivação para largar o hábito de beber¹³⁸.

¹³⁷ WALLACE, Alfred Russel. p, 114.

¹³⁸ Idem, p, 234.

Para Gustave Le bon¹³⁹ a miscigenação entre raças era necessária para que resultasse no surgimento de uma raça “superior” como a indo-europeia. No entanto, essa mistura deveria ocorrer proporcionalmente. As características físicas não poderiam ser dessemelhantes, assim como as condições ambientais deveriam ser idênticas. No continente americano a única região que obteve resultados favoráveis foi a América do Norte, “pois faltaram claramente na América Latina, e o resultado foi à instabilidade psicológica”¹⁴⁰.

Entre as causas que devem incentivar o desenvolvimento dessa imoralidade já tão generalizada pode-se considerar como das mais prováveis, a posição geográfica e a situação política dessa região, além do singular estágio de civilização atingido por seu povo¹⁴¹.

Wallace acreditava que o desvio moral das pessoas residentes em Barra era em decorrência da ausência de um clima temperado, ou seja, o intenso calor, a alta umidade e a densa floresta desfavoreciam a prática de lazer ao ar livre.

Para o francês, Alguste Biard¹⁴², essa instabilidade psicológica era perceptível principalmente no elemento indígena civilizado, como exemplo dessa indolência, parte da viagem o naturalista francês passa relatando suas desventuras para com o seu pajem, Policarpo, índio civilizado da etnia mura, a quem o naturalista refere-se ao longo de sua narrativa como “feioso”, “acomodado”, “horrível”, “preguiçoso”, “espertalhão” e “vingativo”. E, no fim das contas, declaro-o como inimigo de olhar diabólico e assustador.

¹³⁹ Gustave Le Bon (1841-1931), psicólogo social, sociólogo e físico amador francês, autor de várias obras onde expõe sua teoria da superioridade racial e comportamento de massa_ L’homme et les sociétés (1881) e Les Lois Psychologiques de l’évolution des peuples (1894).

¹⁴⁰ BETHEL, Leslie. Op.cit. p, 367.

¹⁴¹ WALLACE. Alfred Russel. Op.cit. p, 235.

¹⁴²BIARD, Alguste François. **Dois Anos no Brasil**. Brasília: Senado Federal, Concelho Editorial, 2004. p, 163 a 187.

O europeísmo brasileiro parece, sob a linha do equador, exercitar-se nessa agradável indolência dos índios, enquanto os descendentes dos Manaus que habitavam outrora em Barra do Rio Negro, vestiam calças e casacos, batizaram-se [...] ¹⁴³.

Avé-Lallemant mostrou-se condescendente com a miscigenação que se perpetuou na imagem do mameluco e do mestiço ¹⁴⁴ e mesmo na imagem do índio como agentes perpetuadores da civilidade “índio-europeia nos primórdios da floresta virgem sem recuar de medo diante do seu sombrio aspecto” ¹⁴⁵ na região. Por outro lado, o mesmo engrandece a implantação do aparelho administrativo da Província do Amazonas, julgando que com a chegada destes a cidade “atrairia muito mais gente educada como também maior o número de pequenos comerciantes especuladores” ¹⁴⁶. Já que em Manaus, todos mandriam “independente de categorias e classes em geral, brancos, de cor, livres e escravos” ¹⁴⁷.

Para o médico alemão, a única atividade que as pessoas da região não cansavam de praticar era a constante manutenção de novos rebentos. As crianças populavam por toda parte em Manaus e assim a civilização vestiu-se de tapuia.

Na visão do naturalista brancos e fuscus eram similares no seu dia- a- dia durante a semana, principalmente os homens, que trajavam apenas uma calça

¹⁴³ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Op.cit. p, 120.

¹⁴⁴ Segundo a teoria das raças, mameluco é o resultado do cruzamento entre o branco e o índio e o mestiço a quem o naturalista francês refere-se é o resultado do cruzamento do negro com índio.

¹⁴⁵ AVÉ-LALLEMANT. Robert. Op.cit. p, 102.

¹⁴⁶ Idem, p, 103.

¹⁴⁷ Idem, p, 103.

branca. Contudo no domingo, dia dedicado a igreja vestiam-se de toda a pompa.

[...], aos cavalheiros, que durante a semana ficavam nos seus imundos armazéns em mangas de camisa e chinelos, agora trajam finíssimos ternos pretos, chapéus de feltro, gravatas de cetim e botinas de verniz de cano bem curto.¹⁴⁸

Nos relatos do casal Agassiz, as observações sobre raça, moralidade e clima são estritamente detalhadas, chegando, em determinados momentos a esboçar, mesmo que nas entrelinhas de seus relatos, uma certa indignação para com os comportamentos dos homens da região. Como quando observou o cotidiano de uma comunidade indígena onde, os homens ao regressarem de uma pesca farta “acendem uma forja rudimentar e se põem a reparar alguns utensílios de ferro”¹⁴⁹ e nada mais, enquanto as mulheres ocupam-se dos filhos, de socar a mandioca no pilão e do roçado.

Outro momento, foi quando participavam dos festejos religiosos junto a uma comunidade indígena, salientando que os constantes improvisos deixavam a festa menos divertida e bonita, mas o que lhes desagradou foi ver que,

[...], frequentes libações de cachaça tornaram os convidados muito barulhentos e, sob a influencia dessa bebida, a dança, animando-se cada vez mais, perdeu o caráter sério e a dignidade que tivera da outra vez [...]¹⁵⁰.

A degradação dos índios e mestiços para com a bebida era compreensível aos olhos desses estudiosos, mas o que lhes causou verdadeira indignação foi ver o comportamento da pouca população branca existente na região, pois ali eles

¹⁴⁸ WALLACE, Alfred Russel. Op.cit. p.110.

¹⁴⁹ AGASSIZ, Luiz. Op.cit. p.110.

¹⁵⁰ Idem, p, 122.

pareciam ter sofrido a ação de um singular fenômeno onde, “uma raça superior recebendo o cunho duma raça inferior, de uma classe civilizada adotando hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens” ¹⁵¹.

O depauperamento moral dos brasileiros, segundo Agassiz, teria sua origem no cruzamento mal sucedido da raça branca com a indígena, sendo que qualquer tipo de cruzamento racial já resultaria na degradação do indivíduo híbrido. Contudo esse desequilíbrio teria ocorrido de forma menos voraz ou teria ficado em estado latente se a mistura tivesse ocorrido com imigrantes menos degenerados, como os ingleses e norte americanos. Mesmo que estes também tivessem um passado sórdido no trato com os índios. Contudo, esses não se deixariam “degradar ao nível dos índios como o fazem os portugueses ; não se abaixariam a adotar-lhes os costumes” ¹⁵².

Durante as seis semanas que passaram em Manaus, o maior proveito adquirido foi para com o campo científico, pois segundo Elizabeth Agassiz, seu marido não só conseguiu aumentar seu conhecimento sobre os peixes da região, como também conseguiu catalogar as numerosas “*variedades produzidas pelo cruzamento do índio, preto e branco*”. Para ele o nicho amazônico produziu mais que em qualquer outra parte do globo, segundo suas análises, a mais confusa e a “primeira vista parecia impossível destrinchar” ¹⁵³ a homogenia, mistura que os constantes cruzamentos, “os mamelucos, os cafusos, os caboclos, os negros e os brancos produziram” ¹⁵⁴.

¹⁵¹ Idem, p.154.

¹⁵² Idem, p.154.

¹⁵³ Idem, p.182.

¹⁵⁴ Idem, p. 182.

Adeptos de teorias hierarquizadas cunhadas sobre os preceitos do determinismo racial, Agassiz acredita, que a constante “promiscuidade” a qual estavam envoltos os troncos primitivos (negro, branco e índio) e posteriormente seus hábitos resultaram em,

[...] ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das primitivas, deixando em lugar bastardos tão repulsivo quanto os cães amastinados, que causam horror ao animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado ao inteligência, a nobreza, a afetividade natural [...]¹⁵⁵

Na introjeção desses ditames proferidos por Agassiz, o *Jornal do Amazonas* de 16 de abril de 1875, roga por “atenção dos bons espíritos que timbrão em promover a lei do progresso e da civilidade”¹⁵⁶, pautando-se nas palavras do naturalista suíço em nota publicada no *Globo*, folha diária que veicula na Corte do Império. Segundo a nota transcrita, o problema da região, para o naturalista, não estava na densa floresta e nem no clima tropical, como outros viajantes diagnosticaram. O problema estava nos “próprios habitantes, aos seus costumes, `a sua maneira de viver, ao seu modo de alimentação sobretudo”¹⁵⁷. Para Agassiz o Vale Amazônico representava “o reflexo dos últimos lampejos do Edem”¹⁵⁸.

- **Mulheres: uma prática, um olhar, a vida em sociedade.**

¹⁵⁵ Idem, p. 184.

¹⁵⁶ *Jornal do Amazonas*. Manaus, 16 de abril de 1875. Ano 01 nº02. p, 01.

¹⁵⁷ Idem, p. 03.

¹⁵⁸ Idem, p. 03.

Normalmente as mulheres fazem-se ouvir em meio ao silêncio através de gestos e sussurros, mas com o florescer do século XIX, aos poucos elas foram transbordando-se do “privado para o público, do ensino para o pretório, dos conventos para as mídias”¹⁵⁹, pois os “dominados podem sempre esquivar-se, desviar das proibições, preencher os vazios do poder”¹⁶⁰.

Contudo esse novo século trouxe a imposição de novas tipologias. Ele expôs uma série de representações e normas, nas quais as mulheres seriam seu principal alvo. As mulheres, segundo Michelle Perrot (2005), foram enquadradas nas conveniências da polidez, isto é, a manutenção do silêncio e da beleza haviam-se transformado em virtude, pois o único conselho que lhes caberia dar era às moças casaduras, para que “evitassem dizer bobagens ou cometer indiscrições”¹⁶¹.

Na arte das comunicações, o agradar e o amar, transformaram-se em uma importante ferramenta da comunicação entre “homens e as mulheres nos lugares de sociabilidade mista”¹⁶², onde a prática do amor Cortez revelou-se, segundo Michelle Perrot, um mecanismo de resistência feminina. “As relações amorosas eram também relações de poder em que as mulheres jogavam se jogo”¹⁶³.

Em um século que segregou a mulher ao mundo do privado e lhe impôs normas de convivência, a mulher manauara surge aos olhos dos viajantes estrangeiros como contraventoras da ordem. Mas, que fique claro, que

¹⁵⁹ PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Bauru, EDUSC, 2005. p. 09.

¹⁶⁰ Idem, p. 10.

¹⁶¹ Idem, p. 10.

¹⁶² VICENT BUFFAULT, Anne. **De Amizade: Uma História do Exercício da Amizade nos Séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1996. p. 169.

¹⁶³ PERROT, Michelle. op.cit. 24.p.

contravenções praticadas por essas senhoras e senhoritas não estavam ligadas à subversão espontânea da ordem vigente, mas sim nas sutilezas das permanências e das miscigenações culturais existentes na região, porque as imagens construídas dessas mulheres decorreram de outra vivência cultural.

Para Michelle Perrot, esses observadores e cronistas relatam as mulheres de forma genérica, mesmo com a crescente loquacidade que se discursava sobre as práticas de sociabilidade, isto quer dizer que, as imagens criadas por eles eram estereótipos que as classificavam e qualificavam conforme as variáveis da época, o que a levou a autora a afirmar que,

[...]. Produzidas pelos homens elas nos dizem mais sobre os sonhos, os medos dos artistas que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas¹⁶⁴.

Sob essa ótica, pode-se destacar no dizer dos viajantes as construções representacionais sobre a mulher manauara, uma vez que em uma sociedade marcada pela diversidade de culturas e cores o cotidiano feminino manauara desperta um misto de curiosidade e sedução aos olhos dos naturalistas.

Um dos mais empolgados com as peculiaridades cotidianas dessas mulheres foi o médico alemão Avé-Lallemant. Durante uma de suas caminhadas de reconhecimento pela cidade, o naturalista, deparou-se repentinamente com um grupo de mulheres banhando-se, a quem descreveu como sendo,

[...] sereias escuras saíram, nadando e rindo, da mata nas margens, o corpo elástico meio escondido sob os cabelos negros, flutuantes e sobre o ligeiro pardo, avermelhado da água, até desaparecer novamente sob a mata¹⁶⁵.

¹⁶⁴ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo; Contexto, 2008. p. 17.

¹⁶⁵ AVÉ-LALLEMANT. Robert. *Op.cit.* p. 101.

Para Lallemand, em uma sociedade em que a civilização vestiu o tapuia o que mais lhe chamava atenção era a indumentária das mulheres e raparigas, que segundo o naturalista, consistia em sua grande maioria na união de duas peças, a blusa que cai e deixa os ombros desnudos e uma saia com elástico.

Se o tecido se torna assim, por seu aspecto de bisso, denunciador de formas e cor, também o é a miúdo pelo corte. A camisa sai muitas vezes da saia, quando sua portadora se mexe, se abaixa ou se espiga, mostrando assim que não passa de um casaco. Acontece sobretudo às raparigas [...], deixar ver alguns dedos de corpo nu, em volta do cós da saia, enquanto os ombros, as espáduas e os seios ficam cobertos[...].¹⁶⁶

Fascinado pelo desvelar das formas femininas, ele deixa escapar uma importante observação que independe da cor, raça e classe social, todas as mulheres em Manaus comungam do mesmo espaço, dando como exemplo as missas dominicais. Para o naturalista, as roupa de domingo das senhoras e senhoritas mostravam-se até mais sensuais que as utilizadas no dia- a- dia.

[...] Os vestidos claros, domingueiros, de tecidos leves quase transparentes, assentavam sobre as formas admiráveis das raparigas [...]. A cada passo o tecido leve da camisa abotoada no pescoço tremia sobre os seios firmes e elásticos, cuja exuberância não precisava ser sustida por nenhum colete ¹⁶⁷.

O segredo para a manutenção física da elasticidade dessas mulheres consistia, segundo o médico alemão, *nos* “constantes banhos no rio mantém a tensão da pele e a turgência dos tecidos celulares pela idade madura adiante”¹⁶⁸. Adepto da teoria de que a pele é um organismo, teoria que veiculou pela Europa

¹⁶⁶ Idem, p. 117.

¹⁶⁷ Idem, p. 119.

¹⁶⁸ Idem, p. 119.

durante as três primeiras décadas do século XIX. Segundo os preceitos dessa teoria, a manutenção da higiene da pele consistia na dinamização das funções orgânicas cuja “pele bem limpa é mais flexível, funciona e respira melhor – pois a pele respira como um pulmão”¹⁶⁹.

Apesar das transparências tão salientadas pelo médico durante a sua estada em Manaus, o coevo viajante, como se estivesse se eximindo da culpa do prazer íntimo ao ver o bronzeado das cinturas que desnudavam-se com o menor movimento e os elásticos seios das mulheres através dos contornos de suas roupas, ele pondera com seus leitores salientando que as “mulheres no Rio Negro conservavam na floresta o sentimento de pudor, inato no sexo frágil, desde a perda do paraíso”¹⁷⁰.

Através das observações de Lallemant, pode-se ter uma breve noção de como as mulheres eram percebidas, entendidas e representadas nos relatos dos viajantes. A mulher manauara descrita por esses senhores eram figuradas como sendo “jovens fuscas”, “mulheres laboriosas”, detentoras de ares inocentes e beleza sedutora. Segundo essas descrições, os leitores de outras localidades do mundo eram transportados para outra realidade e valores distintos dos seus, proporcionando-lhes questionamentos que reafirmavam suas crenças e valores.

Uma das muitas singularidades relatadas por esses viajantes é a constante presença feminina na cena pública em Manaus, o que gerou curiosidade e aguçou a observação desses pesquisadores para os pequenos grupos que

¹⁶⁹ T.GALLARD, *Notions d'hygiène à l'usage de instituteurs primaires*. Apud, VIGARELLO, George. *Op.cit.* p. 120.

¹⁷⁰ AVÉ-LALLEMANT. Robert. *Op.cit.* p. 120.

transitavam pela cidade, ao irem banhar-se, ao irem à missa, ao participarem de procissões, ao irem ao baile. Atividades estas que a relacionavam ao modo de intervenção coletiva, ou seja, na construção desse cenário público, que Michelle Perrot designa como “lugar masculino” que as mulheres aparecem como agentes cotidianas elaboradas pelos viajantes.

Para o casal Agassiz, em especial Elizabeth, que foi a cronista da expedição de seu marido durante a viagem pelo Brasil em 1865, ver as mulheres labutando arduamente, muitas vezes em contexto público, contradizendo os preceitos normativos da época fez com que a cronista descrevesse em vários trechos de seu relato a mulher manauara como gozadora de uma autonomia impar, mesmo que ainda existissem restrições sociais relativas à sexualidade.

Durante a estadia da expedição na choça de Esperança, em 29 de agosto, Elizabeth observou o quanto as mulheres índias eram laboriosas. Apesar de não ser bonitas ostentam um gracioso sorriso. Esperança, a dona da casa em que estavam hospedados, estava constantemente ocupada, independente de estar fora ou dentro de casa. *Ela* “rala mandioca, seca a farinha, comprime tabaco, cozinha, varre os quartos”¹⁷¹. E quando finda seus afazeres, ela arruma-se e enfeita seus negros cabelos com rosas ou galhos de jasmim, no entanto, para Elizabeth, o encanto e a beleza são interrompidos quando Esperança habitualmente se põe a fumar seu cachimbo no fim do dia.

Com esse pensar de que as mulheres da região eram muito mais destemidas e trabalhadoras que os homens, o naturalista Poul Marcoy afirma que nas casas de tapuias é comum ver uma, duas ou até *quatro* “mulheres tapuias, sentada

¹⁷¹ AGASSIZ, Luiz. Op.cit. p. 12.

numa grande esteira tendo diante de si qualquer pequeno trabalho, muitas vezes costura, outras entrançando um cesto”¹⁷².

No dia 08 de novembro, Elizabeth descreve a curiosidade sofrida aos dias que antecederam ao baile em homenagem ao senhor Tavares, realizado no dia 05 do mesmo mês. Segundo a cronista esse foi um dos raros momentos em que viu a burlesca sociedade manauara animada. As ruas foram tomadas por questões como *que vestido usarão, qual será a toaleta da senhora X*¹⁷³.

No dia do baile a cidade foi tomada por intensas chuvas que deixaram a noite escura e encheu as ruas de poças de lama, mas

[...], os grupos, na hora marcada, corriam pelas ruas, iluminadas por lanternas de mão. Aqui e ali, pelo caminho via-se, num canto de rua, surgir do escuro surgir uma toaleta de baile saltando com cuidado por cima das poças de lama¹⁷⁴.

Em meio das mais variadas toaletes, de seda, cetins, musselinas e lã, fez-se possível notar que no baile “os rostos mostravam todas as tonalidades, do negro ao branco”¹⁷⁵ e que o preconceito mostrava-se inexistente ao livre trânsito das cores, como por exemplo, a “mulher preta que apresentava ser alforriada obtém tanta atenção quanto uma branca”¹⁷⁶. Outra curiosidade pertinente ao baile foi perceber que apesar das ruas enlameadas as toaletes permaneciam praticamente intactas e que as damas sentavam-se em “fila nas

¹⁷² MARCOY, Paul. **Viagem pelo Rio Amazonas**. Manaus; Governo do Estado do Amazonas. Editora da Universidade do Amazonas, 2001. p.78.

¹⁷³ AGASSIZ, Luiz. p.120.

¹⁷⁴ Idem, p. 120.

¹⁷⁵ Idem, p. 174.

¹⁷⁶ Idem, p. 174.

banquetas colocadas ao longo das paredes do salão de dança”¹⁷⁷, à espera de um destemido cavalheiro que as tirasse para dançar.

Essas pequenas formalidades e etiquetas da sociedade manauara oitocentista aos poucos foram dando lugar a animadas quadrilhas, interrompidas, brevemente, por ruidosas explosões de júbilo. Contudo as formalidades foram diminuindo, dando lugar a sorrisos regados a bebida. Em meio o farfalhar de saias, um grupo de senhoras e senhoritas chamaram atenção por dispensarem excessivos gestos de “amabilidades com cavalheiros, independente se suas esposas ou pretendentes estivessem presente”¹⁷⁸.

Para o inglês Wallace, a ausência da frequência desse e de outros tipos de entretenimento gerou na sociedade manauara um degradante hábito de difamação da vida alheia, costume este praticado, geralmente, após a missa, na hora das visitas de cerimônia *quando* “todo mundo vai à casa de todo mundo, e lá ficam comentando os escândalos que se acumularam durante a semana”¹⁷⁹.

Auguste Biard, além de questionar a formalidade das roupas em um clima tropical, classifica essas conversas pós-missa como mexericos maledicentes e nocivos, usando como exemplo, o caso de um

[...] certo indivíduo que compareceu à policia para denunciar um assassinato cometido por uma mulher, ela matara o marido, a quem surpreendera em flagrante delito de infidelidade conjugal. Depois de haver matado o marido e a amante, com uma faca, cortara os dois cadáveres em pedacinhos e lançara-os no rio [...] ¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Idem, p. 174.

¹⁷⁸ Apud. MORGA, Antônio Emilio. **Mulheres do Amazonas na Narrativa dos viajantes**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Universidade Federal do Piauí. Teresina_ PI. p. 08.

¹⁷⁹ WALLACE, Alfred Russel. Op.cit. 110.p.

¹⁸⁰ BIARD

Mesmo sendo um boato de cunho maledicente, é interessante observar na descrição feita por Auguste Biard, a mulher como agente dos fatos. Personagem principal de uma história policial, descrita como “fera”, a esposa traída lava sua honra com o sangue do marido e da amante e com requinte de crueldade, esquarteja os cadáveres e lança os pedaços no rio.

Segundo o ideário que permeava o imaginário e o cotidiano das pessoas no século XIX, quem tinha o direito de contestar e lavar a honra¹⁸¹, quando esta era posta em cheque, era os homens, pois a “mulher não possuía honra, somente vergonha”¹⁸². Partindo desse pressuposto, o comportamento social das mulheres manauaras mostrou-se atípico ao olhar dos viajantes. Essas mulheres ganhavam uma projeção social divergente dos moldes europeus e de outras localidades do país.

Sob essa ótica estrangeira e eurocêntrica, a mulher manauara, independente de sua classe social, fazia-se presente em cena pública, espaço esse de convívio majoritariamente masculino. A inserção feminina nesse ambiente propiciou aos viajantes observar um novo padrão de sociabilidade, gerando-lhes um confronto entre o real e o imaginário.

Na tentativa de padronizar o comportamento da população manauara, em especial o das mulheres, fez-se perceptível à falta de linearidade no olhar desses ilustres estudiosos, ora eles as construíam como lascívia e de hábitos duvidosos, e ora as definiam como inocentes edênicas e trabalhadoras.

¹⁸¹ A prática de crime de honra não tem uma data específica para o seu início, sabe-se apenas que ela era popular na Idade Média estendendo-se até os primórdios do século XX.

¹⁸² CAULFIELD, Sueann. Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p 46.

Essa justaposição de imagens criadas pelos viajantes revela, sutis estratégias, embates formais e informais de resistência ao adestramento social. Nele, o corpo feminino é constantemente moldado segundo uma perspectiva hierarquizada dos homens sobre as mulheres, fazendo com que elas sejam silenciadas e estereotipadas como seres frágeis e volúveis.

CAPÍTULO III

Crepúsculo do Século XX: Entre a Moral e as Práticas Cotidianas

Toda mulher é uma puta. Inclusive. Toda mulher é uma puta, até que se prove o contrário [...]. Toda mulher é uma puta e merece respeito.

Patrícia Chmielewski¹⁸³

O século XIX com seus paradoxos, dentre os principais, está a tentativa de manter as mulheres presas ao mundo privado, dado que socialmente esta era vista, entendida e definida como uma entidade negativa, a quem tudo faltava e as suas virtudes só podiam ser legitimadas mediante “uma dupla negação, como vício negado ou superado, ou como mal menor”¹⁸⁴. Desde a sua mais tenra infância, a mulher era adestrada na “arte de viver feminina”, aprendendo práticas de boas condutas, de manutenção da moral, de como se vestir e

[...] usar as diferentes vestimentas que correspondem a seus diferentes estados sucessivos, menina, virgem núbil, esposa, mãe de família, e adquirindo insensivelmente, tanto por mimetismo inconsciente quanto por obediência expressa [...]¹⁸⁵.

¹⁸³ CHMIELEWISKI, Patrícia. **Toda mulher é uma puta**. www.seujeca.com.br. Patrícia é formada em letras pela Universidade de São Paulo – USP. Publicitária e artista plástica, teve texto amplamente difundido pelas redes sociais, 09 de outubro de 2013, após a divulgação de sucessivos casos de violência física praticado contra as mulheres dentro das universidades brasileiras.

¹⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. Op cit. p.37.

¹⁸⁵ Idem, p.37.

Esse “confinamento simbólico” ao qual as mulheres eram submetidas, é de acordo com Pierre Bourdieu, um mecanismo de simulação do corpo, em que este é chamado continuamente à ordem através das limitações impostas pelas vestimentas, pelos gestos e movimentos, “como os saltos altos ou as bolsas que ocupam permanentemente as mãos, e sobretudo as saias que impedem ou desencorajam alguns tipos de atitudes”¹⁸⁶. Esse velado controle moral sobre os corpos femininos, serviam segundo o autor para introjetar esses controles em seus modos, mesmo quando deixaram de ser impostos pela roupa, como por exemplo, a mão que disfarça o colo desnudado pelo decote, o sentar-se de pernas fechadas ou cruzadas quando usa uma saia ou vestido.

Em tempos de amores frustrados e dos desejos contidos, o século XIX, foi para Mary Del Priore¹⁸⁷, marcado pela hipocrisia, ou seja, ao mesmo tempo em que este reprime e nega o sexo, mais sobre ele se quer saber, pois a ele tornou-se comum vigiar a “nudez e olhar pelo “buraco da fechadura” enquanto impunha regras ao casal, mas liberava os bordéis”¹⁸⁸.

O pudor obsessivo, a complicação das roupas, tudo isso tinha efeitos perversos: um erotismo difuso fixava o olhar masculino nos ombros, no couro das botinas, na fineza dos pés, nos cabelos longos [...] ¹⁸⁹.

No final do século XIX e início do século XX, o olhar sobre o corpo passa por uma revolução. “Era o fim da excitação da mão sob a luva e, do corpo subjulgado a toneladas de tecidos”¹⁹⁰. Espaços públicos antes de domínio

¹⁸⁶ Idem, p.39.

¹⁸⁷ DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo; Contexto, 2005.

¹⁸⁸ Idem, p.220.

¹⁸⁹ Idem, p.222.

¹⁹⁰ DEL PRIORE, Mary. **História Intimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo. Editora Planeta do Brasil. 2011. p.108.

masculino passam a ser visto como unissex, ou seja, a graça e a beleza feminina passam a florir teatros, jardins, feriados com sol e mar. A adesão desses novos hábitos, o desnudar do corpo feminino, impõe novos conceitos de beleza, como a valorização dos corpos magros cuja “magreza tinha mesmo algo de libertário: leve, as mulheres moviam-se mais e mais rapidamente, cobriam-se menos com curtos e estreitos, estavam nas ruas”¹⁹¹.

O incentivo ao culto narcisista da beleza culmina na rejeição da velhice e da obesidade vistas como símbolos de sabedoria e beleza outrora. Esses novos padrões fazem com que “o corpo feminino passe a ser o suporte de um erotismo constante”¹⁹² no aflorar das primeiras décadas do século XX. Contudo, a manutenção da virgindade feminina fazia-se obrigatória como garantia e manutenção do respeito perante a sociedade.

O versar sobre o sexo ainda era visto como um tabu entre as mulheres que tinham arraigados em suas práticas os conceitos de moral tradicional, visto que a mulheres de bem, as moças de família ainda eram “obrigadas a ostentar valores ligados à castidade e à pureza identificada pelo comportamento recatado e passiva”¹⁹³, pois somente as mulheres de moral duvidosa, as públicas¹⁹⁴, tomavam as rédeas e falavam sobre os seus relacionamentos íntimos.

Diante do que se considerava uma “boa sociedade” o prazer e a intimidade transformavam-se em elementos antagônicos. A beleza exacerbada só poderia

¹⁹¹ Idem, p.116.

¹⁹² Idem, p.120.

¹⁹³ DEL PRIORE, Mary. Op.cit. p.221.

¹⁹⁴ Mulher pública, designação utilizada não somente para identificar as prostitutas, mas também para toda e qualquer mulher que transitasse em cena pública, como as trabalhadoras fabris e domésticas.

pertencer às mulheres de salão ou prostitutas. Socialmente, a mulher era vista de duas formas distintas, a primeira respeitável, nem sempre bonita, mas submissa e doce, boa para o casamento, “que não se amava, forçosamente, mas em quem se fazia os filhos”¹⁹⁵. O segundo tipo, formada pelas prostitutas, a quem tudo podia partilhar os devaneios, o sexo, o prazer.

No entanto o proliferar da prostituição pelas capitais brasileiras no final do século XIX e primeiras décadas do século XX passou a representar perigo para a manutenção da “pureza familiar”. Para Mery del Priore a ameaça à “paz do lar” ocorre de duas formas. A primeira, através do inebriante encanto que as prostitutas exerciam sobre os maridos e filhos, o que poderia levá-los a “confundir o espaço privado da casa com o espaço público da rua”¹⁹⁶. A segunda ameaça era fundamentada no constante temor que as “rainhas do lar” tinham de ser “substituídas pela mulher pública”¹⁹⁷.

Partindo desse pressuposto, a prostituição transformou-se no novo estigma das capitais brasileiras, assim como os pobres e seus hábitos foram durante o período de modernização delas. A “mulher pública” era representada pelos seus excessos que as transformavam em vaso disseminador de doenças, um mal para a sociedade e para os “homens de bem”.

Diante da má influencia que estas exerciam, sobre os homens e mulheres, seus hábitos e locais de sociabilidade passaram a ser vistos e entendidos como ameaça a tranquilidade social. As “damas da noite”, “filhas de Eva” eram na verdade, prisioneiras de uma representação imaginada, portadoras de uma alteridade assustadora que precisava ser combatida e controlada. Essas

¹⁹⁵ Idem, p.199.

¹⁹⁶ Idem, p.199.

¹⁹⁷ Idem, p.199.

mulheres degradadas socialmente transformavam-se no novo agente a ser combatido sob o crivo analítico e repressor de médicos, higienistas, juristas, cultores de letras. Com isso, leis e discursos foram criados com o intuito de alertar e coibir a sociedade desse mal.

Assim, neste capítulo torna-se imprescindível salientar que mecanismos foram utilizados pelos representantes do Estado do Amazonas para lidar com essa “nova problemática” que se difundia pelas capitais brasileiras e que também assolou a capital manauara, procurando mostrar em um primeiro momento como o viver e o sociabilizar dessas mulheres estavam permeados de tensões geradas pelos dizeres normativos da época.

Para em um segundo momento dar maior visibilidade às tensões geradas pelo velado confronto entre a cidade real e a imaginada, buscando perceber como as incansáveis investidas em silenciar a alteridade dessas mulheres gerou uma gama de discursos que lhes transformaram em “selvagens, ignorantes, incivilizadas”¹⁹⁸, através das páginas dos periódicos que veicularam pela cidade durante as primeiras décadas do século XX.

- **Um Choque de Moral: O Mal que Vem das Sombras**

“Impuras”, “Insubmissas”, incapazes de se subjugarem a normas de valor, as prostitutas e suas práticas foram entendidas e tratadas por médicos sanitaristas, higienistas, juristas, delegados e cultores de letras como seres imundos e pestilentos similares ao esgoto não canalizado e aos lixos expostos a céu aberto.

¹⁹⁸ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinada_ Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro; Paz e Terra. p.12.

Segundo esses senhores, a prostituta era o resultado de uma junção de fatores que levavam a mulher a um estado de extrema lascívia. Dentre esses fatores, destacavam-se a “ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, à miséria financeira, que leva a mulher buscar a recursos próprios fora do lar”¹⁹⁹.

Leviana, inconstante, volúvel, irregular, adora o movimento, a agitação e a turbulência “poucas há que persistam num mesmo domicílio durante o espaço de um ano”. Instável física e espiritualmente: “Variáveis de opinião, incapazes de seguir um assunto até o fim, levianas, exaltadas, irritáveis, e muitas vezes insolentes”. A puta é aquela que gulosa incontrolável adora os excessos de álcool, de fumo, de sexo²⁰⁰.

Estigmatizadas, transformadas na antítese da mulher ideal, sinônimo de honestidade e submissão, as prostitutas eram vistas como viciadas, doentes, incapazes de discernir o certo do errado, carecendo assim da ajuda de autoridades competentes como os médicos sanitaristas, afim de renegar-se e voltar ao “caminho do bem”. Vistas como criança em sua primeira idade, as prostitutas precisavam ser constantemente vigiadas e disciplinadas.

Para Margareth Rago, a estigmatização da prostituição é resultado da crescente urbanização das cidades e do vertiginoso crescimento social e econômico que serviram para embaralhar “as tradicionais demarcações entre as atividades masculinas e femininas”²⁰¹. No final do século XIX e início do século XX, as mulheres projetaram-se para o mundo público, exercendo diversas atividades, em escritórios, fábricas, escolas e comércios sinalizando um princípio de subversão aos códigos cristalizados de sociabilidade.

¹⁹⁹ Idem, p.86.

²⁰⁰ Idem, p.89.

²⁰¹ Idem, p.37.

Na busca para conter o mal os “homens cultos”²⁰² formulavam discursos e manuais de catalogação das prostitutas e de suas práticas. Esses discursos proliferavam pelas cidades brasileiras com o intuito de coibir a livre prática dessas mulheres e a possível degradação moral da sociedade. Estudos como o do médico Francisco Ferraz de Macedo²⁰³ transformaram-se em verdadeiros manuais das “damas da noite”, descrevendo suas práticas e as formas de saná-las, transformando-as em mulheres de bem novamente, assim como o Martelo das Feiticeiras²⁰⁴ foi para os inquisidores na Idade Média e Moderna. Esses manuais tinham como função catalogar a nacionalidade, a classe social e o público a quem a prostituta atendia.

Em Manaus, não se tem conhecimento da existência de estudos dedicados à catalogação da origem e hábitos praticados pelas meretrizes, de forma tão detalhada como o elaborado pelo médico Ferraz no Rio de Janeiro. Mas, há indícios de que suas ideias proliferavam pela capital manauara através das medidas tomadas pelos governantes locais com o intuito de inibir a proliferação da prostituição pelas ruas da cidade.

Em seu relatório, de 1910, ao governador, o Chefe de polícia descreve sua preocupação com o vultoso crescimento número da prostituição em Manaus, salientando que mesmo esta sendo uma prática realizada desde os tempos mais remotos que se tem notícias, e que a mesma vem provocando constante

²⁰² Idem, p.37.

²⁰³ Francisco Ferraz de Macedo (1845-1907). Antropólogo, farmacêutico e médico português adepto das ideias de A. Parent-Duchâtelet, escreveu sua tese intitulada – Prostituição em geral, na qual faz uma análise sobre as causas da prostituição no Rio de Janeiro em 1873. Em sua tese, o médico ainda elabora um método classificatório em que divide as prostitutas em gênero, classe e espécie.

²⁰⁴ *Mallus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras) é uma espécie de manual de diagnóstico para as bruxas, publicado em 1487, dividindo-se em três partes: 1º ensina os juizes a reconhecerem as bruxas; 2º expunha e classificava os malefícios; 3ºregrava as formalidades para agir contra as bruxas.

alvoroço e prejudicando a “paz das pessoas de bem”. Como solução, o chefe de polícia afirma que o único meio de coibir a prostituição seria através da obstrução de seu exercício, como por exemplo, é proibir “por todos os meios a sua exibição”²⁰⁵ nas portas e janelas de suas residências.

“Cancro social”, fenômeno da modernidade, de alteridade perigosa, as prostitutas foram enquadradas segundo a legislação vigente²⁰⁶ como indivíduos que atentavam contra a moral e o pudor através da exibição de seus corpos e de seu vocabulário, pois a prática do meretrício não era considerada ilegítima perante a lei, como, por exemplo, o caso das “ratuinas” e cachaceiras “Pinico e Garagem que foram recolhidas ao xadrez”²⁰⁷ por estarem bêbadas e por proferirem palavras de baixo calão.

Outra forma de mantê-las sob controle era a manutenção da regularização da prática do meretrício mediante a obrigatoriedade da apresentação de exames médicos regulares que lhe atestassem a regularidade da saúde, procedimentos estes que deveriam ser realizados semanalmente através da visita de agentes de saúde em domicílio.

Mas para que essas medidas tomadas pelo governo tivessem sua total eficácia, segundo a ótica dos jornais que veiculavam pela cidade ao longo do primeiro quarto do século XX, era necessária a total extinção das zonas de meretrício e de suas praticantes, pois lá residia o foco disseminador do sífilis

²⁰⁵ Relatório da Chefatura de Polícia. In, Mensagem do Governador do estado do Amazonas Sr. Antonio Clemente de Ribeiro Bittencourt, 10 de julho de 1910.

²⁰⁶ Segundo o art. 282 do código penal, 1910, punia-se aquele que ofender com exibição impudicas atos ou gestos obscenos, atentado ao pudor praticados em lugares públicos.

²⁰⁷ O Chicote, Manaus 07 de fevereiro de 1915. Ano 3 n°07. p.03.

que “tanto acabrunha a mocidade do Amazonas”²⁰⁸, pois, como eles mesmos afirmavam,

O syphilis [...] é uma moléstia demasiadamente contagiosa, e por isso seria de grande utilidade que os poderes competentes [...], fizessem desaparecer d’aqui quanto antes, em primeiro lugar, esta infinidade de meretrizes que são as verdadeiras importadoras deste grande mal [...] ²⁰⁹.

Outra medida prevista por lei, art. 148 do Código de postura de Manaus de 1910, as mulheres de vida fácil não podiam conversar às janelas com os transeuntes sob pena de multa de 50\$000. No entanto, os artigos de jornais que veicularam, na época, pela capital manauara atestam que essa lei era constantemente burlada e descumprida.

As prostitutas não tinham como propósito mostrar que a lei e a fiscalização eram falhas, mas porque se as “mulheres de vida airada” não se mostrassem nas janelas, não abordassem os transeuntes e nem ficassem de mexericos nas sacadas das janelas ou nas ruas, como iriam garantir o seu sustento e o dinheiro para pagar as contas?

De acordo com Leno J. B. Souza²¹⁰, a insubmissão às leis e à ordem fazia-se importante, “porque exhibir-se, conversar/ flertar à janela, tentar um galanteio estava entre os “pré-requisitos” de sua profissão – podendo, em meio a dramas de vida, ser a diferença em sua luta por sobrevivência”²¹¹.

²⁰⁸ O Syphilis em Manáos. O Chicote, Manaus 19 de julho de 1913 anno01. Nº08. p.01.

²⁰⁹ Idem, p.01.

²¹⁰ SOUZA, Leno José Barata. “**Evas, Vadios e Moleques: Outras Histórias da Belle Époque Baré**”. In, Canoa do Tempo, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Vol. 01. EDUA, Manaus 2007.

²¹¹ Idem, p.35.

Nesse processo da legalização do silêncio e da construção da invisibilidade dessas mulheres, tidas como publicas e de vida airada, Castro e Costa²¹², deixa transparecer em sua fala a urgência em sanear a cidade da presença das prostitutas que diariamente ficam a acotovelar nos seus “locais de trabalho”.

Na tentativa de frear e até inibir a adesão de novos membros à prática do meretrício na cidade, o art. 164 do Código de Postura municipal de 1910 proíbe

Os hotéis, hospedarias e estalagens que acolherem meretrizes e pessoas desordeiras, serão fichados por ordem do Superintendente e mais autoridades a quem a quem competir zelar pelo respeito à ordem e à moral publicas, desde que, nos mesmos estabelecimentos, se pratiquem actos contrários aos bons costumes, devidamente comprovados ²¹³.

A exclusão e o encarceramento das prostitutas faz perceber a recusa às mulheres e ao seu falar publicamente, pois segundo Michelle Perrot, a voz, o pensar e o falar de uma mulher pertence “a vertente privada das coisas, ela é da ordem do coletivo e do informal” ²¹⁴, e na melhor das hipóteses, dentro da classe burguesa, as mulheres podiam falar livremente dentro dos salões de cabeleireiro, enquanto que as mulheres das camadas mais pobres, aquelas que ousavam reclamar por melhores condições de trabalho, eram vistas como vulgares e histéricas, ou seja, elas tinham sua imagem e o seu falar desqualificados perante a sociedade.

Perseguidas, sequestradas, confinadas e fichadas, as mulheres que se entregavam ao prazer dionisíaco eram severamente vigiadas de perto por médicos, sanitaristas e agentes da lei como entidades difusoras de doenças,

²¹² DIAS, Edneia Mascarenhas. Op.cit. p.167.

²¹³ Código de Postura do Município de Manaus. Manaus-AM. Secção de Obras da Imprensa Oficial, 19010. p. 46.

²¹⁴ PERROT, Michelle. op.cit. p.317.

como se toda doença sexualmente transmissível habitasse o corpo em estado latente, eximindo o homem de qualquer envolvimento no processo de transmissão e difusão dessas doenças.

Relação nominal das marafonas que dia-a-dia vão empestando a notória e esperançosa rapazeada desta capital e que precisam o quanto antes tomarem algumas infecções de específico 6068²¹⁵: Maria Emilia, Maria Preta não vou nisso, Iolanda Buxuda [...] ²¹⁶.

Como difusores desse ideário normativo, a sociedade assiste o florescer de uma nova inquisição, responsável por fiscalizar de maneira minuciosa o comportamento dos indivíduos perante a sociedade. Essas ações tornam-se pertinentes quando se tem por base pressupostos cristalizados “de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente da mesma e realizar-se através dos filhos e marido”²¹⁷.

Esses dizeres ratificavam, na verdade, a ideia de que o mundo público era nocivo para a sanidade feminina, transformando-se em lupanar para toda e qualquer mulher que resolvesse aventurar-se por ele. Cristalizando a crença de que o único lugar seguro era no conforto do lar sob a tutela do pai ou de um marido, ratificando que o lar burguês era ideal doméstico saudável a ser seguido. O amalgamento desse pensar ao ideal da elite fazia-se presente nas falas das autoridades, como por exemplo, na fala do superintendente Adolpho Lisboa que afirmava que a melhor

²¹⁵ Segundo o art. 297 do CP. Falsificação de documento público – nulidade – cerceamento de defesa – afastamento – materialidade e autoria – comprovação - dolo específico – inexigibilidade – improvido de recurso.

²¹⁶ Objetos Imprestáveis. Jornal Humanista. Publicação semanal. Manaus, 21 de novembro de 1912. ano 01. N°01

²¹⁷ RAGO, Margareth. Op.cit. p.65.

[...]. A melhor garantia de civilização é a casa. A habitação é a escola das virtudes domesticas [...]. Uma casa tranquila e decente, onde a criança recebe o beijo materno e as caricias do pai, é a primeira lição para formar bons cidadãos²¹⁸.

Intitulando-se guardiões da moral, jornais de ampla veiculação pela capital manauara, como o *Jornal do Comercio*, passaram a expor as mazelas provocadas pelas práticas das meretrizes pela cidade e a incitar a participação das “pessoas de bem” a relatarem suas insatisfações e a cobrar uma maior agilidade do poder para liquidar essas “filhas de Eva”, fonte de todo o lixo moral na qual Manaus estava submetida.

Em “Irregularidades a Sanar”, artigo que ocupou a primeira página do jornal veiculado no ano de 1906, este critica a aparente lentidão com que as autoridades, principalmente a polícia, agiam para com as constantes afrontas praticadas contra a moral, onde salienta que

[...]. Há dias mostramos a conveniência, mais do que isso, à necessidade de por um freio a prostituição, regulamentando-a; contendo-a dentro de certas formulas que defendam a moral publica [...]. Conquanto não saibamos ainda qualquer movimento do sr. Cheffe de Segurança nesse sentido, nutrindo todavia a convicção de que alguma cousa a. ecx. Há de fazer [...]. A policia não foi feita só para guardar as ruas [...]. Deve ser também a sua missão zelar pela moral publica, não permitindo abusos que desabonem nossa sociedade [...]. Não pretendemos insinuar aquém tem competência para o caso, o modo de coibir a immoralidade que se apresenta nas ruas, com affronta para as nossas familias; mas parece-nos que o primeiro acto deveria ser o de conhecer segurança todas essas mulheres, que fazem da prostituição o seu modo de vida, incluindo-as nos seus cadastros; marcar-lhes ruas e bairros para a sua habitação²¹⁹.

Ao longo do discurso versado nas linhas do *Jornal do Comercio*, a ratificação da difusão dos ideias de catalogação prescritos na tese do medico Ferraz, assim como também é possível notar que a polícia aparentava estar sendo

²¹⁸ Apud. SOUZA, Leno José Barata. Op.cit. p.38.

²¹⁹ *Jornal do Comercio*. Manaus, 19 de abril de 1906. p.01.

conivente com as práticas do meretrício, já que suas ações mostravam-se placebo na eficácia em resolver a problemática da prostituição, alfinetando assim as autoridades vigentes quando tece dicas de como agir para a extinção da prática do meretrício, afirmando a necessidade de

[...] prescrever-lhes um regime compatível com seu modo de vida, proibir-lhes a exibição pública com escândalos; fazendo-as recolher enfim para o interior de suas casas, longe da vista dos vizinhos e transeuntes ²²⁰.

O fragmento acima retirado do mesmo artigo estampado na primeira página do jornal, mostra como esses interlocutores estavam sintonizados com os ideais de moral vigente da elite burguesa. Neste ínterim, o que se pode perceber é o desenrolar de uma relação dualista entre o “bom e mal” ²²¹. O bom, personificado na imagem do homem probo e da mulher submissa que em conjunto completam e dignificam a sociedade. O mal, como a própria palavra remete a pensar, está vinculado a tudo o que é ruim, neste caso, a pobreza, o vadio e a prostituta.

Segundo Maria Luiza U. Pinheiro ²²², esses indivíduos marginalizados, vadios, desordeiros, enfim, os excluídos da modernidade manauara podiam facilmente ser localizados no que ela denominou de “Zona Estragada”, que se desenvolveu ao redor do porto e mercado da cidade, “posto que, no momento mesmo em que as edificações e tecnologias foram sendo incorporadas – atribuindo a cidade sua feição moderna” ²²³.

²²⁰ Idem, p.01.

²²¹ DELEUZE, Gilles. **Espinoza e os Signos**. Tradução de Abilio Ferreira. Editora Rés LTDA, 1970. p, 32.

²²² PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

²²³ Idem, p.51.

Nas ruas adjacentes ao porto, como a Itamaracá, Frei José dos Inocentes, Luiz Antony, Avenida Epaminondas, Costa Azevedo eram o ponto de encontro dos proibidos, da efervescência da “baixa esfera”, ou melhor, das “filhas de Eva”, desocupados, vagabundos que povoavam os botequins, cabarés e pensões de “terceira categoria”, como assim esses locais são definidos nos Códigos de Postura municipal de 1910 e 1920.

Como forma de pressionar as ações das autoridades o *Jornal do Comércio* passa a dedicar uma coluna diária intitulada *Queixas do Povo*, dando voz à insatisfação das “pessoas de bem” com a exacerbação das práticas ilícitas. Em sua edição veiculada em 16 de novembro de 1910, ele trás a público as queixas dos moradores da rua Dr. Moreira, quanto às constantes confusões ocorridas nas

[...], imediações dos botequins Pega e Pucha, Nova Crença e Pauliceia, pedem-nos que chamemos a atenção de quem providenciar sobre o constante abuso que por alli praticam indivíduos desocupados, dando tiros de revolver a esmo, e fazendo outras trepolias, o que tem trazido um continuo sobressalto aos moradores daquelle trecho da cidade. Nos três botequins referidos é onde fazem ponto os perturbadores do socego publico.²²⁴

Esses perturbadores da ordem, em sua maioria, formados pelas classes populares tinham nesses locais o seu ponto de entretenimento após um dia extenuante de trabalho. Muitos desses trabalhadores, como por exemplo, os estivadores pesquisados por Maria Luiza U. Pinheiro, que preferiam alojar-se nos cortiços, hotéis e pensões de “terceira classe” localizadas nas imediações no porto, com o intuito de garantir o emprego no dia seguinte, visto que a profissão de estiva é volátil e os funcionários são selecionados na hora em que

²²⁴ Queixas do Povo. *Jornal do Comercio*, Manaus 16 de novembro de 1910.

começa o expediente do dia. Segundo a autora, morar longe do porto “significava para os estivadores uma dificuldade considerável, uma vez que o trabalho nos armazéns”²²⁵ iniciava às seis horas da manhã, ao mesmo tempo em que os bondes saíam para a sua primeira viagem do dia.

Segundo as notícias divulgadas nos jornais da época, a união entre estivadores e prostitutas geralmente acarretava em confusão, como o caso de Maria Soares de Souza residente na rua Saldanha Marinho e o estivador Manuel Mundo,

Maria Soares de Souza [...] é talvez pior do que uma jararaca de fogo quando está enfezada numa jaula. Se toma dois goles de Paraty torna-se um verdadeiro demônio em figura de gente, não tolerando palavras e nem admitindo cortesias de quem quer que seja. Nas primeiras horas da noite de ontem, sendo mimoseada pelo estivador Manoel Mundo com galanteio qualquer, contra o mesmo insurge-se furiosamente, dizendo-lhe na rosca da venta cousas de arrepiar cabelos. Insatisfeita atirou uma xícara no frontispício do estivador, fazendo correr o melado do paiol da inteligência²²⁶.

O interessante nesse fragmento de artigo são os adjetivos utilizados para definir a personalidade de Maria Soares de Souza e a ênfase que dão para salientar a sua degradação através do alto consumo de álcool, a ponto dela perder a compostura e discernimento e até agredir aquele que lhe está a galantear. Enquanto que ao homem coube o papel de vítima resultante das intempéries da mulher alcoolizada.

Seguindo essa mesma vertente denunciadora das mazelas da “zona”, O Chicote de 02 de agosto de 1913, clama por medidas mais severas quanto à manutenção da ordem e da moral no controle das ações das “mariposas do

²²⁵ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Op.cit. p.64/65.

²²⁶ Apude, PINHEIRO. Maria Luiza Ugarte. Op.cit. p.51

amor” e de vagabundos que andam livremente pela cidade a intimidar as boas famílias com seu comportamento e moral duvidosa.

Males a debelar

Manaus é hoje, negue-o embora legião maldicta dos optimistas – um dos mais sinceros espelhos de Sodoma e Gomorra. Todos os vícios aqui campeiam impunemente, desde a vagabundagem até a pederastia avassaladora, com escalas em bordeis e casas suspeitas. A rua é o escondouro dessa enxurrada a que se não oppõe barreiras nem diques de moralidade.

Venha d’hi um indifferente por essas coisas, ou um interessado pela moral dessa “urbe”. Acompanhe-nos –pelos becos, ruas e avenidas transfigurados em canos de esgoto... e vejamos:

As proxenetas coçam cynicamente os cotovellos nas janellas altas da 10 de julho, da Epaminondas, da Itamaraca, da Costa Azevedo, da Joaquim Sarmiento [...]. Encontramol-as por toda parte. Nos “cinemas” enlameando a alvura immaculada dos vestidos das senhoritas; nos botequins embreagando-se ao lado de rapazolas e velhos libertinos; pelas ruas passeando, às tardes em autos pilecas [...]²²⁷

O artigo do Jornal do Comercio de 1906 e esse d’O Chicote, intitulado Malles a Debellar, de 1913, é possível perceber que ao longo desses setes anos a prostituição alastrou-se consideravelmente pela cidade juntamente com as práticas de vadiagem e pederastia, além de haver ocorrido, ao longo desse tempo, uma diversificação das práticas do meretrício atingindo uma nova classe de clientes.

No entanto apesar do Jornal denunciar a crescente prática da pederastia pela cidade, foram poucos, ao longo da pesquisa, as denúncias referentes a essa prática, chamando a atenção para a seguinte queixa relatada pelo mesmo jornal, que diz,

[...]. Há dias um rapaz de nossa sociedade, por ser alto e magro como D. Quixote – engano talvez, foi abordado por uma rapazola de 14 annos mais ou menos. É o cúmulo!!

²²⁷ Malles a Debellar. O Chicote. Manaus, 02 de agosto de 1913. Ano 01 n°5. p, 01.

A policia é justo confessar, não dorme...Mas não se deve limitar só a expulsão do Menino de Óculos. Urge bani-los, moralizar esta formosa Manaós”²²⁸.

No artigo é possível perceber a indignação do repórter ao relatar com indignação a ousadia do “rapazola” ao abordar um possível cliente, encerrando sua fala clamando por mais vigilância e medidas que possam expulsar e banir esses meninos para o bem da moralidade pública. Ainda segundo esse artigo, a rua “deixa de ser um ponto tranquilo de encontro e interação social”²²⁹ para transformar-se em um umbral de seres ignóbeis.

O sentimento de repulsa gerado pelo crescente número de indivíduos indesejados transfigurou a imagem dos imigrantes, emigrantes e migrantes que aportavam na cidade. Esses estrangeiros, em sua grande maioria manauaras vindos do interior e do nordeste aportavam na cidade em busca do famigerado “fausto amazônico”. No entanto, ao aportarem na cidade essas pessoas deparavam-se com um ambiente hostil, com pouco emprego e alto custo de vida, fazendo com que esses recém-chegados procurassem abrigo na dita “zona estragada” e em áreas periféricas da cidade.

Vivendo em extrema pobreza e instigadas pelas necessidades, muitas mulheres “lançavam-se em um concorrido comercio de corpos”²³⁰ desmistificando o conceito cristalizado que vigorou por muito tempo, de que todas as prostitutas da cidade haviam sido importadas da Europa. Quanto as “Damas da Noite” polacas, francesas e italianas também floriam às páginas dos jornais por portarem-se de forma inadequada, como o caso da italiana, residente na Avenida Tarumã, denunciada pelos seus vizinhos às páginas dos

²²⁸ Pelo Binóculo eu vi. O Chicote. Manaus 02 de agosto de 1913. Ano 01 n°05. p, 02.

²²⁹ RAGO. Margareth. Op.cit. p.108.

²³⁰ SOUZA, Leno José Barata. Op.cit. p.34.

jornais, afirmando que “é tal a devassidão da mundana que, muitas vezes proíbe a passagem de algumas famílias por aquele trecho”²³¹.

Tais incidentes como este, envolvendo as “mulheres de vida airada” transformavam-se em “prato cheio” nas páginas dos jornais que salientavam a ineficácia das ações policiais no processo de controle da desordem e manutenção da moral pública.

- **Entre sátiras e escárnios: Devassando as Zonas Devassadas**

Intitulando-se defensores da moral, vários jornais que circularam por Manaus no início do século XX, como *O Chicote*, *O Marreta*, *Jornal Humanista*, tinham como propósito tecer críticas, muitas das vezes de forma satírica e escarnejada contra os “gêneros mundanos”. Com suas colunas diárias ou semanais, intituladas “Vida Mundana”, “Nas Zonas”, “Objetos imprestáveis”, “O Pau” eles geravam um misto de curiosidade e repulsa na sociedade.

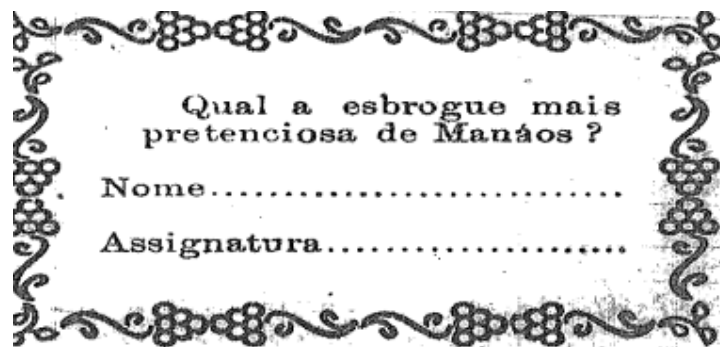
Ratificando essa ideia de moralizadores sociais, *O Chicote*, em seu primeiro número, expõe como matéria de primeira página o artigo intitulado o “O Nosso Programa”, comprometendo-se em denunciar “factos deprimentes praticados pelo pessoal da rapioca, acabando assim, de uma vez para sempre, os escândalos, pelo menos, às horas meridionas”²³².

Ainda segundo o discurso inaugural do jornal, este justifica a necessidade de sua presença, que seria a de moralizar “uns tantos indivíduos que se dizem

²³¹ *O Chicote*. Manaus, 13 de novembro de 1913. N°11 anno 01.

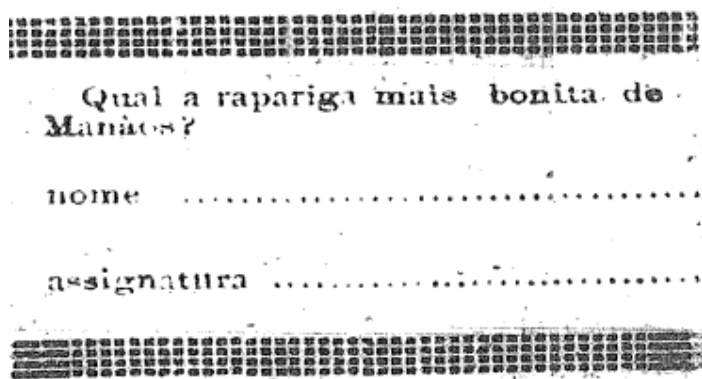
²³² *O Nosso Programa*. *O Chicote*. Manaus, 06 de julho de 1913. Ano 01 n°01. p.01.

bons, mas, que não procedem como verdadeiros cavalheiros de sociedade, sem reboço, escandalizam as famílias”²³³. Ao longo da primeira página de seu numero inaugural, o jornal convoca os seus leitores a participar de uma “brincadeira” para eleger a prostituta mais pretenciosa de Manaus.



Qual a esbogue mais pretenciosa de Manaos?
Nome.....
Assignatura.....

O Chicote, 06/07/1913 ano 01, n°01



Qual a rapariga mais bonita de Manaos?
nome

O Chicote, 06/07/1913. ano 01, n°01

“Essas brincadeiras” em que os leitores são convocados a eleger a “esbogue” mais pretenciosa ou a rapariga mais bonita mostravam-se ter um duplo sentido, ou seja, ao mesmo tempo em que este promove um “choque de moral” nas ditas zonas, repreendendo aquela prostituta que se mostrava mais

²³³ Idem, p.01.

espalhafatosa, barulhenta, briguenta, o mesmo chama a atenção para as mais jovens “Mariposas do amor”, que se destacavam por sua beleza e higiene.

Outro aparente paradoxo no versar satírico do jornal estaria no seu discurso moralizador e na projeção de seus atos, que seria como agradar a “gregos e troianos”. Por exemplo, cotidianamente ele publicava a cotação das marafonas residentes na zona. Nesse caso o “O Chicote” versa para dois públicos, o feminino e o masculino. Para o publico feminino a cotação da “zona” significava a degradação de sua imagem, caso as moças não ouvissem conselhos dos pais e não vigiassem a castidade. Para os homens, o cambial das zonas, transformava-se em um verdadeiro catalogo diversificado com informações precisas quanto ao nível e qualidade (saúde, estética) das prostitutas alocadas conforme as zonas referidas.

ZONAS DEVASSADAS
CAMBIAL DE 13 1/84

| | |
|--------------------------------|--------|
| Itamaracá | 3\$800 |
| Estrada Epaninondas | 2\$700 |
| José Clemente | 2\$500 |
| Dez de Julho | 2\$150 |
| Lobo d'Almada | 1\$900 |
| Joaquim Sarmento | 1\$500 |
| Costa Azevedo | 1\$180 |
| Saldanha Marinho | 1\$000 |
| Rua 24 de Maio | 1\$000 |
| Demetrio Ribeiro | 1\$000 |
| Rua da Independencia | 1\$000 |
| Rua dos Andradas | \$900 |
| Becco do Commercio | \$700 |
| Frêges dos Remedios | \$500 |

— Em qualquer pensão o preço da dormida completa inclusive “moderno” é 5\$000, com direito a café na saída.

Adelia Preta
Encarregada.

No “dia 24 ultimo”, um evento ocorrido na Costa Azevedo deixava a todos alvoroçados, era o “baile da Angela”, que se mostrou bastante concorrido por grande numero de “ratuinas e distintos cavalheiros”²³⁴ encerrando-se apenas quando um militar atirou uma “pitomba” que feriu o Mundico. Ainda durante o “Policiamento d’O Chicote”, realizado juntamente com 69 auxiliares, realizado nas zonas “Costa Azevedo”, “Barroso”, “J. Sarmiento” e “24 de Maio”, onde durante a ronda foram “recolhidas ao gallinheiro d’O Chicote as ratuinas: Não me Lasque (lá ella), a negra Angelina, ratazana Emilia Moraes, Vagabunda Sinhá, Generosa, todas por andarem, com palavras obscenas, procurando fretes. Nada mais houve”²³⁵.

Ao tomar para si a responsabilidade de vigiar, autuar e punir os subversores da ordem *O Chicote* confronta a polícia, a partir do momento em que sai às ruas com um grupo de voluntários para patrulhá-las com o intuito de punir os subversores da ordem, nesse caso, as prostitutas que estava a exhibir-se pelas ruas atrás de possíveis fregueses.

Em casa da “espora Eneida Bahiana”²³⁶ pode-se ouvir de longe um “fon-fon” desafinado, que de perto mostrava-se um verdadeiro batuque em homenagem ao 12º aniversário do filho da “Peito de Aço”. Naquilo que chamava-se de casa,

Cubículo infecto e sem luz, a desordem e a falta de moralidade, gente de toda casta, que serve de escorea a sociedade, desde o azeitado foquista ao escovado vagabundo rapiocava arrastando os pés nas desasseiadas salas, deixando exalar o cheiro nauzeabundo da cachaça ou do suor dos maltratados²³⁷.

²³⁴ O Chicote. Manaus, 06 de julho de 1913. Ano 01 nº01. p.01.

²³⁵ Idem, p.02.

²³⁶ O Anjo da Mulata. O Chicote. Manaus, 16 de agosto de 1913. Ano 01 nº07 p.01.

²³⁷ Idem, p.01.

O “Angu” entrou pela noite adentro, com direito a disparos de indiretas contra alguns jornalistas que se infiltraram em sua festa, dizendo que “não tinha medo d’ Chicote e que ia comer uma feijoada, e conforme o efeito”, o produto seria do referido jornal. Invasoras em sua “intimidade”, a troca de insultos fazia-se comum através das contrarrespostas editadas pelo jornal.

Apesar das constantes manchetes editadas nos periódicos que circulavam por Manaus, as “zonas” eram lugares de alteridade onde as festas perduravam noite adentro e onde o poder público pouco penetrava. Sua ação fiscalizatória mostrava-se ineficiente diante das denúncias diariamente publicadas nos jornais. Daí a grande preocupação da burguesia e subsequentemente do poder público em normatizar esses “desclassificados” que “não se enquadravam nem no mundo do governo, nem muito menos no mundo do trabalho, restando-lhes aquela terra de ninguém social definida como mundo da desordem”²³⁸.

Na zona Epaminondas, nº 58, uma jovem estrangeira, de nacionalidade inglesa, está a se mostrar “de um espelho para o quartel do 46º em trajes de Eva no começo do mundo”²³⁹, ficando desde já avisada para comeder em suas “bandalheras porque do contrário, chamamos a atenção de quem competir”²⁴⁰.

Na mesma zona, passageiro do bonde, do plano inclinado, descrevem a sua indignação mediante uma carta enviada ao *Jornal do Comercio* relatando que

Várias marafonas sem-cerimonia, se apresentam a janella em trages de Eva, envolvidas a maneira de togas romanas nos cortinados respectivos [...]. (Essas) madamas, que naturalmente pensam ser aquillo por alli um prolongamento do

²³⁸ PECHMAN, Robert Moses. **A Cidade Estreitamente Vigia: O Detetive e o Urbanista.** Rio de Janeiro. Casa Palavra, 2002 p.97.

²³⁹ Fitinhas Cinematographicas. O Cometa. Manaus, 21 de julho de 1912 ano. 01 nº06. p.02.

²⁴⁰ Idem, p.02.

paraíso terrestre, onde Eva andava a vontade, naturalmente por causa do calor que por lá devia ser terribilíssimo²⁴¹.

A analogia feita entre as “marafonas” das “zonas devassadas” e imagem bíblica de Eva, segundo Margareth Rago, ocorre porque esta está ligada diretamente ao pecado original, ou seja, Eva foi a “razão da perdição do homem”²⁴². Neste caso as “filhas de Eva” atraíam suas vítimas (os homens) através de sua aparente nudez edênica.

Em setembro de 1913 um grupo de “rampeiras” foram encaminhadas para o hotel da 1ª delegacia, por estarem vagabundeando nas ruas da capital. Tão importante foi à ação da polícia, que o jornal, não pode deixar de elogiar o feito realizado pelo Dr. Chefe de Polícia pelo bom trabalho desempenhado,

[...], compreendendo ser uma das nossas maiores e mais funestas pragas a vadiagem desbregadas a que se entregam essas proxenetas, aboletadas em cortiços e baiucas infectas, não tragiversou no emprego de enérgicos meios para aniquilação do mal.

Urgia arrancar do seio das ruas essas urzes que nos rasgam a planta e que enlameiam os vestidos brancos de nossas pudicas poestadanas d’ahi o gesto – que em um golpe certo de cutello [...] por muito tempo, symbolisara sobre a fronte dessa raça espurra [...] ²⁴³.

De acordo com Sandra J. Pesavento²⁴⁴ esses espaços de visibilidades e invisibilidades, permeados de tensões geradas pelos discursos moralizadores, eram frutos da modernidade conturbada em que o Brasil vivenciava através das reformas urbanas e de embelezamento pelas quais as cidades estavam

²⁴¹ Apud. SOUZA, Leno José Barata. Vivência Popular na Imprensa Amazonense: Manaus da Borracha (1908-1917). Dissertação apresentada à Banca Examinadora da PUC/ SP. p.236.

²⁴² RAGO, Margareth. Op.cit. p.82.

²⁴³ Actividade Policial. O Chicote. Manaus, setembro de 1913 ano 01; nº10 p.01.

²⁴⁴ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Op.cit. p.85-86(ler também Leno José Barata).

passando desde a metade do século XIX e que se consolidavam nas primeiras décadas do século XX. Como resultado consequente desse processo, uma gama de indivíduos transformaram-se em personagens principais desses espaços, “desde que olhados pela ótica da estigmatização, que constrói a identidade da exclusão”²⁴⁵ é composta por pobres, migrantes, desocupados, vadios e prostitutas que compunham o retrato perfeito do que “poderia ser chamado de população de selvagens urbanos”²⁴⁶.

Essas últimas viravam motivos de gracejos e escárnios nos flagrantes promovidos pelos jornais. Nas “verdades nuas” “marafonas” como Rosita Maranhense, Angelina Preta, Maria Garagem e Margarida Reboque recebiam rimas que lhes contava a “trajetória de vida” e lhes floreavam com singulares adjetivos e predicados, como o caso da Rosita Maranhense, que anda com um chifre pendurado no pescoço e um galho de arruda no pé da orelha, e para chamar freguesia, dizem, que esta “lava a porta com urina meio dia, despejando o resto para a rua”²⁴⁷.

Já a Angelina Preta, esta era parente do carvão e “prima bastarda do café torrado”²⁴⁸, preta de alma, corpo e coração. Concebida na desordem, essa “possui diploma de cachaceira”²⁴⁹ pois é “vagabunda, preta indecente”²⁵⁰. E a dupla de azaradas Maria Garagem e Margarida Reboque, a primeira nunca teve um “auto”, mas diz que ganhou o nome não sabe como, a outra mundana “triste, azarada, sem sorte por toda vida”²⁵¹. A primeira, “não nasceu, veio o

²⁴⁵ Idem, p.86.

²⁴⁶ Idem, p.86.

²⁴⁷ Verdade Nua. O Chicote. Manaus, 17 de janeiro de 1915. Ano 03 n°03 p.02.

²⁴⁸ Idem, p.02.

²⁴⁹ Idem, p.02.

²⁵⁰ Idem, p.02.

²⁵¹ Verdade Nua. O Chicote. Manaus, 10 de janeiro de 1915. Ano 03 n°03. p.02.

furo [...]. Por sinal tem chato na ponta do nariz, prova cabal do que o nome atesta”²⁵², enquanto que a outra, a Reboque, é um “cadáver ambulante que não se resiste”²⁵³, quando terminar de morrer o verme chefe fará a repartição da carne estragada. O único a fazer festa para essas no fim será o Diabo “passeando em teu pescoço aquelle rabo [...]. Enquanto os vermes batem nos peitos”²⁵⁴.

Guardiões da moral e dos bons costumes, os jornais ainda dedicavam-se a denunciar os “namoricos” de viúvas, como o caso de uma que morava na C. Miriano que estava a namorar “diversos vagabundos” e das jovens de boa família, alertando os pais das últimas quanto à reserva da honra de suas filhas, como por exemplo, o caso de duas mocinhas que

[...] que moram na rua L. Antony, que um ex-despachante e o taberneiro dos fundos do Hotel Cassina, estão procurando illudir as mesmas, tendo elles como sua auxiliar uma preta vendedora de tacacá e que acode pelo nome de Maxima, sendo seu principal officio caftina e alcoviteira²⁵⁵.

A manutenção da moral feminina através das páginas dos jornais mostrava-se contundente diante de uma sociedade que temia as mulheres e seu sexo. Onde os conceitos são personificados nos princípios normativos moralizadores impostos com o intuito de negar e reprimir a sexualidade feminina, pois o reconhecimento de sua existência e autoridade traria a lume questões referentes a sua força, ou seja, na verdade colocaria em voga a dominação social masculina, já que que ela seria “incapaz de enfrentar diferenças, de

²⁵² Idem, p.02.

²⁵³ Idem, p.02.

²⁵⁴ Idem, p.02

²⁵⁵ Namoricos. O Chicote. Manaus, 05 de setembro de 1915. Ano 03, nº 28. p.03.

assumir suas fraquezas e reconhecer suas vacilações justamente como se fossem defeitos do outro e não de si”²⁵⁶.

²⁵⁶ ADORNO, Sérgio. Prefácio. In, RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro; Paz e Terra.p,18.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi estruturado com o objetivo de discutir a constituição das relações sociais e afetivas dos habitantes marginalizados da cidade de Manaus. Quem eram, onde moravam e quais os seus locais de sociabilidade. Todavia a discussão central não esteve focada em um mecanismo de catalogação desses indivíduos indesejados, mas somente em alguns aspectos, como a discriminação da mulher dentro do universo masculino²⁵⁷, que foram moldando-se e estratificando-se com a implementação dos discursos de modernidade que permearam a urbe no final do século XIX e início do século XX.

Tendo como objeto de investigação a marginalização das mulheres nesse interstício de tempo, concentrei as hipóteses em três problemáticas que se encontram inerentes no título da dissertação: Sombras da noite: Os marginalizados da Belle Époque manauara (1860-1920).

Ao concentrar a discussão em torno da exclusão social feminina, tornou-se imprescindível o debate a cerca dos conceitos de marginalidade, de sexualidade e afetividade, abordadas ao longo do primeiro capítulo, que fizeram parte dos novos ditames do século XIX.

O século XIX, conhecido por sua avidez do novo e diferente, viu nas reminiscências do passado, em especial o corpo, um meio para redefinir a fronteira entre o que era lícito e ilícito no convívio social urbano. A difusão desses novas ideias (beleza, corpo, saúde e salubridade) moldados segundo os discursos jurídicos, médicos e sanitaristas foram também responsáveis por promover uma segregação social, ou seja, todos aqueles que não se

²⁵⁷ Neste caso refiro-me ao livre trânsito das mulheres em espaço público (como ruas, cafés e reuniões sociais), tido ao longo do século XIX e primórdios do século XX como espaços exclusivos para a sociabilização masculina.

adequassem a esses novos meios de sociabilidade seriam relegados para a margem da sociedade.

Objeto de fascínio, desejo e medo, o corpo, atrai para si todos os olhares ávidos do diferente. Protagonista dos novos dizeres e fazeres, ele era agora vigiado de perto. As roupas, os gestos, o tempo de banho eram tudo previamente definido por uma série de normas de sociabilidade.

É justo nesse processo de vigilância e segregação que a mulher terá seu espaço de sociabilidade restrito ao âmbito privado, sendo silenciada, “pois o silêncio era ao mesmo tempo uma disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar”²⁵⁸.

No entanto esses novos preceitos de civilidade permearam o Estado brasileiro com os adventos da modernidade, inspirados nas reformas estruturais ocorrida em Paris, 1853 a 1890²⁵⁹, o Rio de Janeiro, então capital brasileira, também passou por uma série de reformas estruturais seguido das demais capitais dos demais estados.

No afã de sanear as cidades, as novas elites juntamente com o poder público, tratou de “extinguir” o mal indesejado, agora personificado na imagem do preto, pobre, desocupado, trabalhador de baixa renda e mulheres públicas, pois, para as autoridades da época a presença desses indivíduos significava “uma ameaça permanente à ordem, à segurança e à moralidade pública”²⁶⁰, visto

²⁵⁸ PERROT, Michelle. A mulher ou os Silêncios da História. Bauru – SP; EDUSC. p, 10.

²⁵⁹ Período corresponde ao tempo em que Georges-Eugène Haussmann, prefeito eleito de Paris, também conhecido como o “artista demolidor”, implementou uma série de reformas estratégico- político de embelezamento da cidade de Paris.

²⁶⁰ SERVCENKO, Nicolau. “O Prelúdio Republicano, Astúcia da ordem e Ilusão do Progresso”. In, História da Vida Privada no Brasil 3. (Org) Nicolau Servcenko. São Paulo; Companhia das Letras, 1998. p, 21.

que carregavam em seus corpos, moradias e locais de sociabilidade, o estigma da insalubridade e das doenças.

No cruzamento das informações obtidas com as fontes e a bibliografia, pude perceber que Manaus não escapou a esse processo modernizador, contudo, na capital amazonense ele ocorre inicialmente de forma lenta como atestamos através dos relatos dos viajantes ganhando posteriormente maior fôlego durante o governo de Eduardo Ribeiro (1892-1910).

Ao confrontar os relatos dos viajantes que passaram pela cidade ao longo da segunda metade do século XIX, com os jornais que veicularam durante o mesmo período, pude notar formas diferentes de olhar a cidade, percepções essas permeadas de conceitos diversos. Sob o olhar estrangeiro, Manaus não passava de um lugarejo parado no tempo à espera de algum grande evento que pudesse lhes trazer algo de novo. Para eles, os homens amazônicos incluindo os estrangeiros que haviam fincado moradia na região, eram possuidores de hábitos malemolentes e degenerados. Eram dados ao vício de jogos, mentiras e bebidas. Enquanto que as mulheres eram descritas como trabalhadoras, inocentes e lascivas.

Essas percepções controversas às noções de civilidade dos viajantes tornou-se possível devido à ressignificação do modo de sociabilidade europeia diante das reminiscências culturais africanas e principalmente indígenas, ou seja, no amalgamento dessas culturas, os habitantes de Manaus desenvolveram um modo singular de se relacionar, fazendo com que Avé-Lallemant definisse Manaus como a cidade onde a civilidade vestiu o tapuia.

Outra singularidade percebida na narrativa é a forma como desqualificam e estratificam o homem diante de uma percepção determinista de superioridade racial, justificando a falta de aptidão deste para desenvolver a região. E salientam a forte presença feminina em cena pública, como, conduzindo canoas, cuidando de roçado, banhando-se à beira dos igarapés que cortam a cidade. Essas práticas cotidianas eram desconhecidas de europeus e americanos.

Versando para um público local, os jornais salientavam os progressos obtidos, tais como, a nomeação de Manaus à capital da Província, a instalação do governo local e a construção de novos prédios e pontes. Para eles isso era sinal de que a cidade caminhava rumo aos moldes das modernas cidades europeias.

Durante esse processo de “ressignificação” a cidade irá acelerar-se durante o governo de Eduardo Ribeiro. Manaus deixará seu status de lugarejo no passado para assumir novos ares, onde o pitoresco, os banhos à beira de igarapés e as casas com teto de palha “deram lugar” aos bondes, às ruas asfaltadas e aos cafés.

Juntamente com o advento da modernidade, Manaus recebeu um vultoso número de migrantes e imigrantes dispostos a tentar a sorte na “capital da borracha” também conhecida como a “Paris dos Trópicos”. Ao aportarem na cidade, essas pessoas depararam-se com uma cidade inchada, cara e sem infraestrutura. Com pouco dinheiro foram ocupando o entorno do Porto de Manaus que posteriormente foi chamado, pelos jornais locais “zonas devassadas”.

É importante notar que a nomeação e delimitação de uma área tida como degenerada é de suma importância para a manutenção da cidade ideal, para isso, a personificação do indesejado na imagem dos imigrantes, emigrantes e migrantes (polacas, francesas, desocupados, trabalhadores baixa renda, nordestinos e interioranos) compuseram a nova cara da marginalidade em Manaus.

Por ser um local de alteridade e de pouca ação do poder público, transformou-se em prato cheio para os defensores da moral como os jornais, que estavam constantemente a denunciar as mais diversas ocorrências da zona, algazarra em bares, bate bocas entre vizinhos ou entre transeuntes e mulheres públicas, neste caso as prostitutas.

Dentre as diversas denúncias estampadas diariamente nas páginas dos jornais, o que mais chamou a atenção foi a notoriedade dada ao cotidiano das mulheres públicas comumente chamadas de “rampeiras”, “ratuinas”, “mariposas do amor”, “damas da noite”, “filhas de Eva”. Ao expor o cotidiano dessas mulheres os jornais atendiam a uma dupla função, isto é, ao mesmo tempo em que suas denúncias serviam para apontar as aparentes deficiências públicas, também auxiliavam no controle doméstico das mulheres de famílias.

A manutenção do controle social das mulheres ocorria de forma sutil, ou seja, ao estampar notícias sobre as práticas de afetividade e sociabilidades das mulheres públicas, os jornais, mostravam como uma mulher de família não deveria se portar publicamente, além de enfatizar que seu livre trânsito nas ruas, sem a supervisão de parente masculino, culminaria em seu desregramento moral.

Isso era possível, porque apesar dos avanços tecnológicos, científicos e das diversas conquistas sociais femininas empreendidas nos primeiros anos do século XX, a mulher socialmente ainda era vista como um ser frágil fisicamente e psicologicamente tornando-se um alvo fácil das investidas masculinas nas ruas e fábricas das cidades.

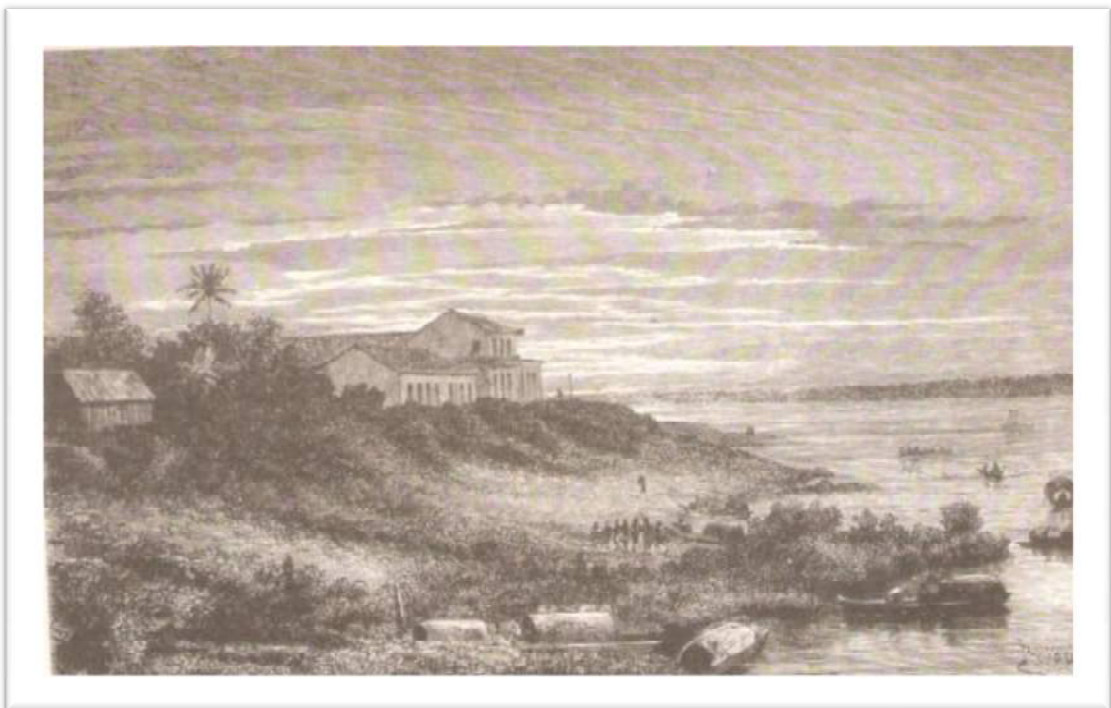
Anexos



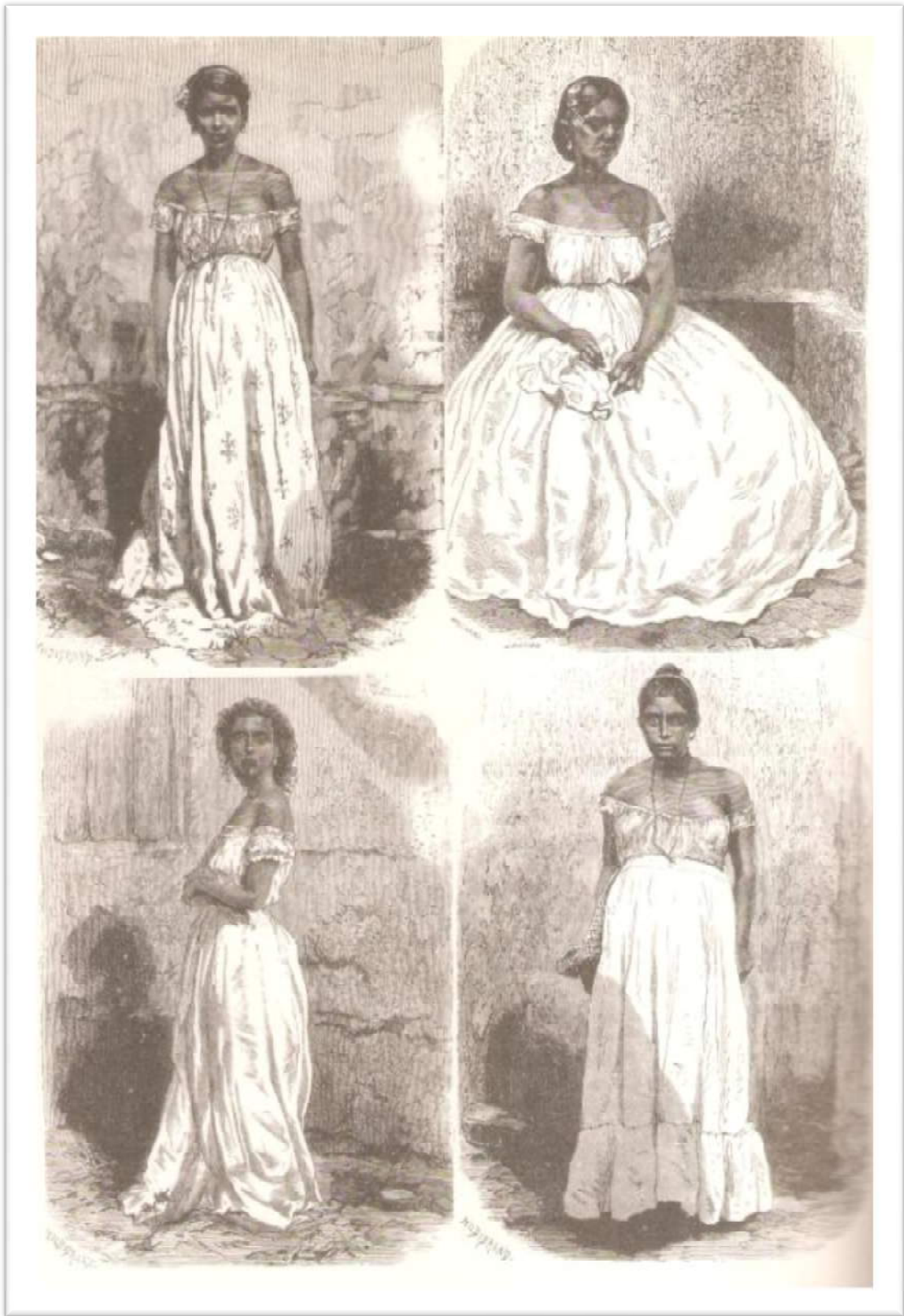
Planta da cidade de Manaus, Levantada em 1852. In Mesquita, Manaus: História e Arquitetura (1852-1910).



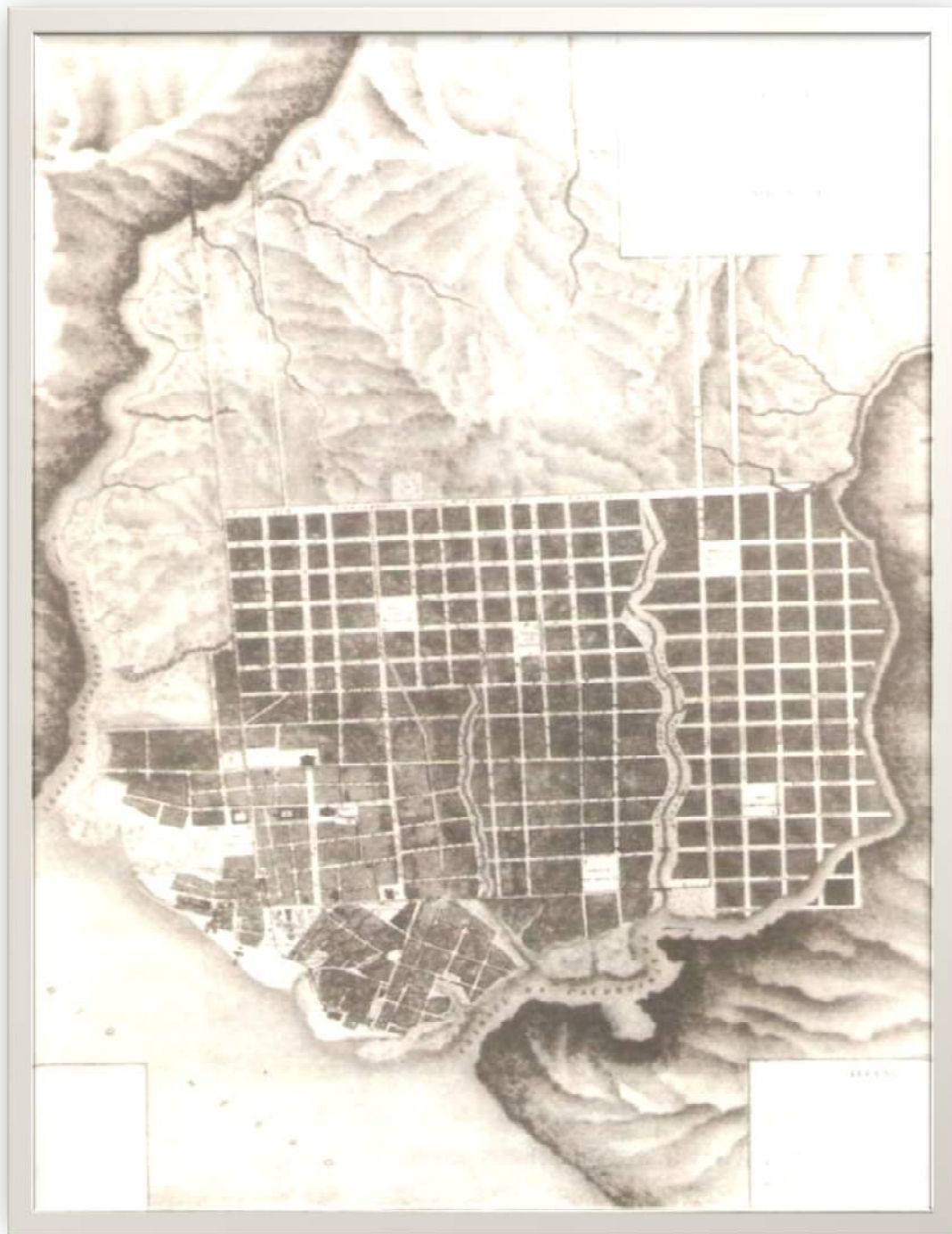
Manaus, praia e cidade; In: Agassiz, Viagem ao Brasil (1865-1866)



Manaus. In, Agassiz, Viagem ao Brasil (1865-1866)



Tipos de mulheres mamelucas. In, Agassiz, Viagem ao Brasil (1865-1866)



Planta de Manaus confeccionada durante a administração de Eduardo Ribeiro. Acervo Particular de Otoni Mesquita



Avenida Joaquim Nabuco no início do século XX. In, Mascarenhas, A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)



Vista parcial do Mercado Adolpho Lisboa no início do século XX. In, Mascarenhas. A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)

O CHICOTE

Revista de uma grupo de Bahianos

Revista de uma grupo de Bahianos

Revista de uma grupo de Bahianos

Vol. II

M. ano. I.º, Junho de 1915

NUM. 1

BORGANNOS

Um dos mais famosos nomes da literatura brasileira, o Sr. Borges nasceu em 1856, em São Paulo, e morreu em 1921, em Paris. Foi um dos mais importantes escritores da nossa literatura, e seu nome é conhecido em todo o mundo.

1915

Alberina



Alberina

Comunicação de informações sobre a vida pessoal de Alberina, uma das mais importantes figuras da nossa literatura.

Alberina nasceu em 1856, em São Paulo, e morreu em 1921, em Paris. Foi uma das mais importantes figuras da nossa literatura, e seu nome é conhecido em todo o mundo.

1915



Marinha nasceu em 1856, em São Paulo, e morreu em 1921, em Paris. Foi uma das mais importantes figuras da nossa literatura, e seu nome é conhecido em todo o mundo.

Coisas...

Um dos mais importantes aspectos da vida pessoal de Alberina, uma das mais importantes figuras da nossa literatura.

Marocas



Marocas nasceu em 1856, em São Paulo, e morreu em 1921, em Paris. Foi uma das mais importantes figuras da nossa literatura, e seu nome é conhecido em todo o mundo.

Exemplar d' O Chicote contendo fotos de marafonas acompanhado de pequena "biografia" destas. O Chicote, 01/01/1915 n°01.



Chica Mussuan. O Chicote, 24/01/1915. n°05

Perfecta Malgar. O Chicote, 03/01/1915. n° 02



Chica Mussuan em sena, nes-promessa, estes olhos de bata bella pozição, com franqueza curáo, o seu nome aqui não temos Penna, de troçar [...], por qualquer cousa está cara de pão.

Perfecta Malgar

Conforme o que havíamos prometido em o nosso numero passado, estampamos hoje a gravura da boliviana Perfecta Melgar ex- inquilina da pensão Floreaux, estando atualmente tratando-se dos ca...los, lá na Cruz Vermelha (Cachoerinha).

Em Porto Velho, onde foi uma grande ratuina, nunca teve sorte, pois só jogava com “az”... de carona.



Figura 1 Idalina. O Chicote, 13/06/1915.n.º21

Idalina Beiço Molle

Vamos dar cumprimento ao que promettemos ao Sr. J. S. Pitanga signatário da carta que nos foi suviada com o retrato acima [...].

Esta ratuina [...] sendo uma reles creada de servir dedicou-se a vida que hoje faz mister para se manter e foi abrir sua estalagem lá para o Becco do Commércio, e de lá foi para os freges da rua dos Remedios.

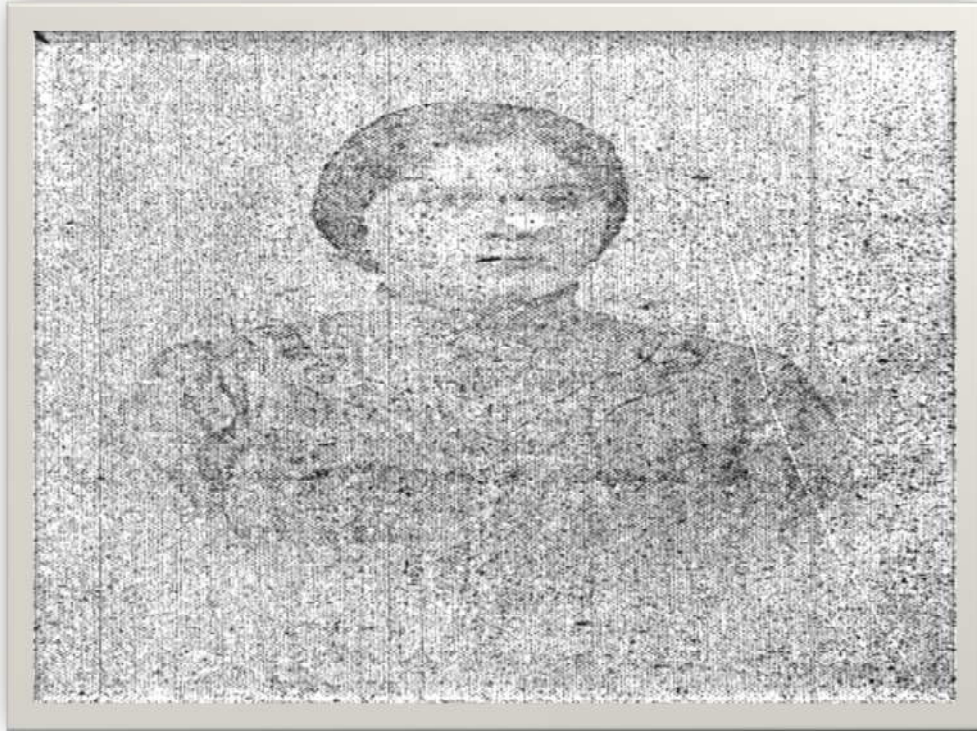


Figura 2 Marcolina Pé d' Elephante. O Chicote, 07/02/1915. n°07

Marcolina Pe d'Elephante

Eis da Marcolina a caricatura, num aspecto todo chibante, embora seja uma bonita figura mas tem os pés de Elephante; no pescoço traz um colar, um medalhão sobre o peito, passa a vida inteira a enganar, o que para isso não tem jeito; com este olhar de piedade, parece pedir compaixão, cremos que não há nesta cidade, quem não conheça este coirão; em Alagoas onde nasceu, por muito tempo foi quitandeira, lá mesmo foi que Ella aprendeu, a ser velhaca e calloteira; veio para Manáos cavar a vida, hoje em dia já uza chapéo, na perna tem uma ferida, com um cheirinho de chechéo, só não explora Deus no céu.

REFERÊNCIAS

1. Viajantes

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

AVÉ- LALLEMANT., Robert. No Rio Amazonas (1859). Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BATES, Henry Walter. Um Naturalista no Rio Amazonas. Tradução Regina Régis Junqueira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BIARD. Auguste François. Dois Anos no Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

MARCOY, Paul. Viagem Pelo Rio Amazonas. Manaus, Governo do Estado do Amazonas. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2001.

NERY, Frederico José de Santa-Anna. O País das Amazonas. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo Edusp, 1979.

WALLACE, Alfred Russel. Viagens pelos Rios Amazonas e Negro. Belo Horizonte; São Paulo, Itatiaia; Edusp, 1979.

1.1 Documentos

Código de Postura do Município Manaus de setembro de 1910. Lei nº 606. Manaus – AM; Secção de Obras da Imprensa Oficial, 1910.

Código de Postura do Município Manaus de 22 de outubro de 1920. Lei nº 1.059. Manaus - AM; Livraria Clássica de J. J. da Camara, 1920.

Constituições do Amazonas. 1891 – 1892 – 1895. Manaus, 2002.

LEÃO. Dr. João C. de Miranda. Relatório apresentado a Intendência Municipal na 2ª Sessão Ordinária de 1902. Typographia do Amazonas. 1902.

PORTO. Durval Pires. Introdução ao Relatório Apresentado a Intendencia Municipal de Manaós. Sessão ordinária de 14 de Julho de 1916.

FERREIRA, Fileto Pires. Mensagem do governador, em 04 de março de 1897. Manaós: Typographia do Diário Oficial, 1897.

_____. Mensagem do governador, em 06 de janeiro de 1898. Manaós: Typographia do Diário Oficial, 1898.

1.2 Periódicos

Diário de Manaus: 1890-94.

Jornal Humanista – Publicação Semanal. Ano 01 _ Quinta Feira, 21 de Novembro de 1912. Numero 01. p.01.

Estrella do Amazonas. Quarta-feira 04 de janeiro de 1854. 7º Trimestre nº 73. Cidade da Barra do Rio Negro; na Typ. de M. da S. Ramos.

Jornal do Comercio: 1904-25.

O Chicote: 1913-15.

1.3 Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional. Coordenador-Geral da coleção Fernando A. Novais; Alencastro, Luiz Felipe de (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. A revolução urbana da cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX. Organizador, Afonso Carlos Marques dos Santos. Biblioteca Carioca.1990.

BOLOGNE, Jean Claude. História do pudor. Tradução de Telma Costa. – Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa, Portugal: Teorema, 1990, 443 p.

BOURDIE, Pierre. A Distinção: critica social do julgamento. Trad. Daniela Kern, Guilherme J. F. Texeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007, 556 p.

_____. A Dominação Masculina. Tradução Mariia Helena Kühner. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARDOSO, Sérgio. (Org.). Os Sentidos da Paixão. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CARMO, Paulo Sérgio do. Entre Luxuria e o Pudor: A história do Sexo no Brasil. São Paulo; Octavo, 2011.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: A Arte de Fazer. (Trad) Ephraim Ferreira Alves. Ptrópolis – RJ; Vozes, 2013.

CITELLI, Adilson. Romantismo. São Paulo, Editora Ática, 1986.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre Práticas e Representações. Tradução de Maria Manuela Gardalho. Ed. Difel.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

_____. “O Mundo como Representação”. In, A Beira da Falésia: A História entre Certezas e inquietudes. Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS. Tradução Patrícia Chittoni Ramos, 2002.

_____. “Poderes e Limites da Representação: Marin o Discurso e a Imagem”. In, A Beira da Falésia: A História entre Certezas e inquietudes. Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS. Tradução Patrícia Chittoni Ramos, 2002.

CORBIN, Alain. “Bastidores”. In, História da Vida Privada IV: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Org: Michelle Perrot; Denise Bottiman, Parte 01 e 02; Bernado Joffely, partes 03 e 04. São Paulo. Companhia das Letras. 1991.

_____. História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra. Sob direção de Alain Corbin; Jean- Jacques Courtine; Georges Vigarello. Ed.Vozes, 2005.

_____. Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Tradução Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando viver ameaça a ordem urbana. PUC-São Paulo: Dissertação de Mestrado, 1997.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. As Mulheres e o Poder na Amazônia. Manaus – AM; EDUA, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1983.

DAOU, Ana Maria. A Belle Époque Amazônica. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2000.

DELEUZE, Gilles. Espinoza e os Signos. Porto – Portugal. RÉS Editora LTDA, 1970

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo, 1989, 471 p.

DIAS, Edinea Mascarenhas. In: Santos, F. J. & Sampaio, P. M. (Orgs) Estado do Amazonas em Verbetes. Editora Novo Tempo: Manaus, 2001.

ELIAS. Nibert, 1897-1990. O Processo Civilizador. Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.

_____. A Ilusão de Fausto: Manaus 1890-1920. 2ª edição Manaus. Editora Valer, 2007.

ENGELS, Magali. Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). Editora Brasiliense, 1988.

_____. Psiquiatria e Feminilidade. In, História das Mulheres no Brasil. (Org) Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2004.

EXPILLY, Charles. Mulheres e Costumes no Brasil. São Paulo; Editora Nacional, 1977.

FLANDRIN, Jean-Louis. O Sexo e o Ocidente: Evolução das atitudes e dos comportamentos. Tradução Jean Progin. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Ed. Loyola.

_____. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de Augusto Guimarães. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1984.

FREIRE, José Ribamar Bessa. "Barés, Manaós e Tarumãs". In. Amazônia em Cadernos, n 2,3. Manaus. Museu Amazônico. UFAM, 1993 p. 195-206.

FREYRE, Gilberto. Modos de Homem e modas de mulher. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. *Agonia de Morar: Urbanização e Habitação na Cidade do Rio de Janeiro (DF) – 1945/50*. Editora da Universidade de Londrina, 2012.

LAGE, Mônica Maria Lopes. *Mulher e Seringal: Um Olhar Sobre as mulheres nos Seringais do Amazonas (1880-1920)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade federal do Amazonas. Manaus – 2010.

MENEZES, Marcos Antônio. *O Sexo Proibido e a Prostituição na Cidade de Baudelaire*. In, *Poéticas do Desejo*. (Orgs) Gomes, Aguinaldo Rodrigues e Souza Netto, Miguel Rodrigues de. Campo Grande – MS; Editora Life, 2010.

MARINS, Paulo Cesar Garcez. “Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras”. In, *História da Vida Privada no Brasil 03*. Coordenação Geral da Coleção Fernando A. Novais; Organizador do Volume Nicolau Servicenko. –São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Eduardo. *A Invenção da Vadiagem: Os Termos de Bem Viver e a Sociedade Disciplinar no Império do Brasil*. Curitiba – PR; CRV, 2011.

MESQUITA, Otoni. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Apoio, FAPEAM. EDUA _ 2009, Manaus_Am.

_____. *Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)*. Manaus - AM, Editora Valer, 2006.

MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. – Petrópoles, RJ: Vozes, 1996.

MORGA, Antônio Emilio. “Nos subúrbios dos desejos: locandas, bodegas e esquinas”. In, *Nos Subúrbios do Desejo: Masculinidade e Sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no Século XIX*. EDUA. _Manaus -Am, 2009.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades Estritamente Vigeadas: O Detetive e o Urbanista*. Rio de Janeiro, Casa das Palavras _ 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: O Mundo dos excluídos no Final do Século XIX*. Companhia Editora Nacional – 2001.

_____. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PERROT, Michelle. "Cenas e Locais". In, História da Vida Privada IV: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Org: Michelle Perrot; Denise Bottiman, Parte 01 e 02; Bernado Joffely, partes 03 e 04. São Paulo. Companhia das Letras. 1991.

_____. Minha História das Mulheres. São Paulo; Contexto, 2008.

_____. As Mulheres ou os Silêncios da História. Bauru- SP; EDUSC, 2005.

PRIORE, Mery Del. A História do Amor no Brasil. São Paulo; Contexto, 2005.

_____. Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil. São Paulo; Editora Planeta do Brasil, 2011.

RAGO, Luiza Margareth. Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1985.

_____. Trabalho Feminino e Sexualidade. In, História das Mulheres no Brasil. (Org) Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2004

SADE, Marquês de. 120 Dias de Sodoma. São Paulo; Livraria Editora Limitada, 1969.

SAHLINS, Marshall. Cultura na Prática. Tradução Vera Ribeiro. Ed. UFRJ, 2007.

SANTOS, Laymert Garcia dos. "Lautréamont e o Desejo de não Desejar". In, O Desejo. (Org) Adauto Novaes. São Paulo; Companhia das Letras. 1990.

SALIBA, Elias Thomé. "A Dimensão Cômica da Vida Privada na Republica Brasileira". In, História da Vida Privada no Brasil 03. Coordenação Geral da Coleção Fernando A. Novais; Organizador do Volume Nicolau Servicenکو. –São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.283.

SOUZA, Leno José Barata. "Uma Questão de Ordem". In, Vivencia Popular na Imprensa Amazonense: Manaus da Borracha (1908-1917). Dissertação apresentada a Banca Examinadora da PUC. SP.

- _____. Evas, Vadios e Moleques: Outras Histórias da Belle Époque Baré. In, Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas vol. 01, nº01. Manaus; Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- VIGARELLO, Georges. História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI-XIX. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. O Limpo e o Sujo: Uma História de Higiene Corporal. (Trad) Monica Stahel. São Paulo; Martins Fontes, 1996.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne . História das Lágrimas: XVIII-XIX. Tradução Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- _____. Da Amizade : Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- WAGLEY. Charles. Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Brasíliana, 1957.
- WILSON, Colin. O Outsider: O Drama da Alienação e da Criação. São Paulo; Martins Fontes, 1985.
- ZELDEN, Theodoro. Uma história da Intimidade. Trad. Hélio Pólvora – Rio de Janeiro: Record, 1999.